



**PROJETO: DIAGNÓSTICO DE VIOLÊNCIA E ATUALIZAÇÃO DE PLANO DE SEGURANÇA DO
MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ**

Prestação de serviços ao Município de Jundiaí, por meio da sua Unidade de Gestão de Segurança Municipal, na área de estudos e pesquisas, objetivando a elaboração de diagnósticos da violência e atualização do Plano de Segurança para o Município

PRODUTO 2: Relatório contendo o diagnóstico com dados secundários sobre o perfil socioeconômico, criminal e de segurança pública do município e análise do *survey* sobre sensação de segurança e vitimização da população de Jundiaí

(CONTRATO Nº 046/2022)

Novembro/2022

FICHA INSTITUCIONAL

<p>Conselho de Administração Cássio Thyone A. de Rosa - Presidente</p> <p>Conselheiros Elizabeth Leeds – <i>Presidente de Honra</i></p> <p>Alexandre Pereira da Rocha Arthur Trindade M. Costa Daniel Ricardo de Castro Cerqueira Denice Santiago Edson Marcos Leal Soares Ramos Isabel Figueiredo Juliana Lemes da Cruz Marlene Inês Spaniol Paula Ferreira Poncioni Roberto Uchôa</p> <p>Conselho Fiscal Lívio José Lima e Rocha Marcio Júlio da Silva Mattos Patrícia Nogueira Proglhof</p>	<p>Diretor Presidente Renato Sérgio de Lima</p> <p>Diretora Executiva Samira Bueno</p> <p>Coordenação de Projetos David Marques</p> <p>Coordenação Institucional Juliana Martins</p> <p>Supervisão do Núcleo de Dados Isabela Sobral</p> <p>Equipe Técnica Amanda Lagreca Cardoso Betina Warmling Barros Dennis Pacheco Talita Nascimento Thaís Carvalho (estagiária)</p> <p>Supervisão Administrativa e Financeira Débora Lopes</p> <p>Equipe Administrativa Elaine Rosa Sueli Bueno Antônia de Araujo</p>
---	---

FICHA TÉCNICA PROJETO

Supervisão Geral

Renato Sérgio de Lima

Coordenação de projetos

David Marques

Consultores seniores

Isabel Figueiredo

Tulio Kahn

Edson Ramos

Consultoria técnica

Cristiane De Leo Ballanotti

Henrique Macedo

Isabella Gama

Estéfany Monteiro

Equipe

Amanda Lagreca

Thaís Carvalho (estagiária)

Coleta de dados *survey*

APPC Consultoria e Pesquisa

SUMÁRIO

Lista de Tabelas	5
Lista de gráficos	6
Lista de figuras	7
Apresentação	9
Perfil socioeconômico, criminal e de segurança pública do município de Jundiaí	10
Características gerais do município	12
Responsáveis pela Segurança no Município	13
Crime e recursos para seu enfrentamento	15
Atividades da Guarda	18
Detalhamento dos códigos de atendimento	23
Gestão	27
Contexto Social e Ambiental	29
Tendências criminais no tempo e no espaço	33
Crimes patrimoniais	34
Furtos	34
Roubos	36
Furto de veículos	39
Roubo de veículos	41
Latrocínios	43
Roubo a banco e roubo de carga	44
Crimes contra a pessoa	44
Homicídios culposos	44
Homicídios dolosos	45
Tentativas de homicídio	49
Lesões corporais dolosas	50
Estupros	51
Panorama geral das tendências criminais	54
Pesquisa com moradores de Jundiaí sobre percepções e vitimização por crime, violência, e percepções sobre a segurança pública e a Guarda Municipal	55
Sensação de insegurança	94
Percepções e experiências com a Guarda Municipal	109
Conclusões preliminares	130

Lista de Tabelas

Tabela 1: Instituições de segurança pública	13
Tabela 2: Lista de códigos de atendimentos da GM	19
Tabela 3: Comparação entre casos atendidos pela SSP e pela GM	20
Tabela 4: Percentual da População, Amostra Real e Representativa e Fator de Ponderação, por Região de Jundiá, 9 a 25 de setembro de 2022	57
Tabela 5: Tamanho Amostral (n), por Região e Bairro de Jundiá, 2022.....	59
Tabela 6: – Características Socioeconômicas e Geográficas da População Jundiá, 2022	64
Tabela 7: Percentual da População Jundiá, por Sexo, Faixa Etária, Escolaridade e Região, 2022	65
Tabela 8: Percentual da População Jundiá, por Renda Familiar Mensal, Cor/ Raça e Região de Jundiá, 2022	66
Tabela 9: Percentual da População Jundiá, por Religião e Região de Jundiá, 2022.....	66
Tabela 10: Percentual da População Jundiá, por Tipo de Benefício Recebido, 2022.....	70
Tabela 11: Percentual da População Jundiá: Por tipo de atitude para se proteger da violência ou se sentir mais seguro (2022)	75
Tabela 12: Percentual da População Jundiá: Tipo de situação que acontece no seu bairro ou comunidade e Região de Jundiá (2022)	78
Tabela 13: Percentual da População Jundiá, por Região, Registro do Fato, Órgão Procurado após ter sofrido Agressão/Ameaça, 2022.	88
Tabela 14: Percentual de Moradores de Jundiá, por sexo; faixa etária, escolaridade, região e se procurou ou não um órgão oficial após sofreu algum tipo de agressão física ou ameaça (2022)	89
Tabela 15: Percentual de Moradores de Jundiá, por órgão oficial que procurou após sofreu algum tipo de agressão física ou ameaça (2022)	91
Tabela 16: Violência na cidade (Jundiá - 2022)	95
Tabela 17: Percepção da violência na cidade, por faixa etária (Jundiá - 2022)	97
Tabela 18: Percepção da violência na cidade e uso de drogas em lugar público, por sexo (Jundiá - 2022).....	100
Tabela 19: Percepção sobre o medo de frequentar algum bairro na cidade e presença de lixo/entulho nas calçadas, por sexo (Jundiá - 2022)	101
Tabela 20: Percepção da violência no bairro/comunidade onde mora e evitar andar sozinho(a), por sexo (Jundiá - 2022)	103
Tabela 21: Percepção sobre a violência no bairro onde mora, por sexo (Jundiá - 2022)	104
Tabela 22: Percepção sobre a violência na cidade e pessoas consumindo/vendendo drogas ilegais, por sexo (Jundiá - 2022)	106
Tabela 23: Percepção da violência no bairro/comunidade onde mora e roubos patrimoniais, por sexo (Jundiá - 2022)	108
Tabela 24: Percepção da violência no bairro/comunidade onde mora e tratamento da guarda	111
Tabela 25: Percepção da violência no bairro/comunidade onde mora e atuação da GM	113
Tabela 26: Presença e tratamento igualitário da Guarda Municipal, por região.....	115
Tabela 27: Presença e tratamento igualitário da Guarda Municipal, por sexo e faixa etária...	116
Tabela 28: Eficiência da Guarda Municipal, por região.....	116
Tabela 29: Confiança na Guarda Municipal, por sexo e faixa etária.....	119
Tabela 30: Percepção sobre a evolução da violência na cidade e no bairro, por região	122

Tabela 31: Situações ocorridas no bairro ou comunidade, por região (% de respostas positivas por item).....	124
Tabela 32: Experiências e contatos com a Guarda Municipal, por região.....	125

Lista de gráficos

Gráfico 1: Percentual de Moradores de Jundiaí, Por situação civil, 2022.....	67
Gráfico 2: Percentual de Moradores, por se Nasceu ou não em Jundiaí, 2022.....	67
Gráfico 3: Percentual de Moradores de Jundiaí, por se Já estudou/frequentou escola, 2022... 68	
Gráfico 4: Percentual de Moradores de Jundiaí, por se Já exerceu alguma atividade remunerada, 2022.....	68
Gráfico 5: Percentual de Moradores de Jundiaí:, por se Trabalha atualmente, 2022.	69
Gráfico 6: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Principal responsável pelo sustento na casa onde você mora, 2022.	69
Gráfico 7: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Se você pudesse escolher, 2022.	71
Gráfico 8: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Avaliação da Violência na Cidade e Bairro/Comunidade, 2022.....	71
Gráfico 9: Percentual de Moradores de Jundiaí, por atividades realizadas nos últimos seis meses, 2022.	72
Gráfico 10: Percentual de Moradores de Jundiaí, por existência de medo de frequentar algum bairro da cidade, 2022.	73
Gráfico 11: Percentual de Moradores de Jundiaí, por bairros que costumam evitar, 2022.....	73
Gráfico 12: Percentual de moradores de Jundiaí, por tipo de situação presenciada nos bairros, 2022.....	76
Gráfico 13: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Sentimento de segurança ou insegurança em Situações do Cotidiano, 2022.....	77
Gráfico 14: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Se foi vítima de furto considerando o tempo total em que reside em Jundiaí (*) e também, os últimos 12 meses (2022)	79
Gráfico 15: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Se foi vítima de furto nos últimos 12 meses (*) e fez registro das ocorrências (**), 2022.....	79
Gráfico 16: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Se teve casa invadida ou arrombada considerando o tempo total em que reside em Jundiaí (*) e, também, os últimos 12 meses (**), 2022.	80
Gráfico 17: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Se teve casa invadida ou arrombada nos últimos 12 meses (*) e fez registro das ocorrências (**), 2022.....	81
Gráfico 18: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Se foi vítima de um golpe ou fraude considerando o tempo total em que reside em Jundiaí (*), também, os últimos 12 meses, 2022.	82
Gráfico 19: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Se foi vítima de um golpe ou fraude nos últimos 12 meses (*) e fez registro das ocorrências (**), 2022.....	82
Gráfico 20: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Se foi vítima de agressão física ou ameaça considerando o tempo total em que reside em Jundiaí (*) e, também, os últimos 12 meses (**), 2022.	83
Gráfico 21: Percentual de Moradores de Jundiaí que já foi vítima de agressão física ou ameaça considerando o tempo total em que reside em Jundiaí, por quantidade de vezes que foi vítima de agressão física ou ameaça, 2022.....	84

Gráfico 22: Percentual de Moradores de Jundiaí que já foi vítima de agressão física ou ameaça considerando o tempo total em que reside em Jundiaí, Por onde estava durante a agressão física ou ameaça, 2022.....	84
Gráfico 23: Percentual de Moradores de Jundiaí que já foi vítima de agressão física ou ameaça considerando o tempo total em que reside em Jundiaí, por tipo de agressor, 2022.....	85
Gráfico 24: Percentual de Moradores de Jundiaí que já foi vítima de agressão física ou ameaça considerando o tempo total em que reside em Jundiaí, por Se o(a) autor(a) da agressão/ameaça estava sob efeito de entorpecentes (drogas/álcool), 2022.....	86
Gráfico 25: Percentual de Moradores de Jundiaí que já foi vítima de agressão física ou ameaça considerando o tempo total em que reside em Jundiaí, Por tipo de arma utilizada durante a agressão ou ameaça, 2022.....	86
Gráfico 26: Percentual de Moradores de Jundiaí que já foi vítima de agressão física ou ameaça considerando o tempo total em que reside em Jundiaí, por Se sofreu algum ferimento durante a ocorrência da violência, 2022.....	87
Gráfico 27: Avaliação da Guarda Municipal.....	117
Gráfico 28: Experiências e contatos com a Guarda Municipal.....	118

Lista de figuras

Figura 1: Índice Paulista de Vulnerabilidade Social.....	13
Figura 2: Abordagens realizadas pela Guarda Municipal de Jundiaí (2019-2021).....	15
Figura 3: Operações realizadas pela Guarda Municipal de Jundiaí (2019-2021).....	15
Figura 4: Mapa de perturbação de sossego alheio ou trabalho (2021) - Jundiaí.....	21
Figura 5: Mapa de vias de fato ou desinteligência (2021) - Jundiaí.....	22
Figura 6: Quantidade de chamados à GM por categoria (2021).....	24
Figura 7: Quantidade de chamadas por unidade de atendimento da GM (2021).....	25
Figura 8: Atividades da Guarda Municipal por natureza (2021).....	26
Figura 9: Percepções sobre as práticas adotadas pela GM de Jundiaí.....	27
Figura 10: Características territoriais da cidade de Jundiaí.....	30
Figura 11: Mapa de entorpecentes (2021).....	31
Figura 12: Furtos em Jundiaí - variação histórica (2001-2021).....	34
Figura 13: Taxa de furtos Estado de SP e Jundiaí (2001-2021).....	35
Figura 14: Mapa de furto em Jundiaí (2021).....	36
Figura 15: Roubos em Jundiaí e previsão (2001-2025).....	37
Figura 16: Taxa de roubo Estado de SP e Jundiaí (2001-2021).....	37
Figura 17: Mapa de roubo de Jundiaí (2021).....	38
Figura 18: Furto de veículos e previsão (2001-2025).....	39
Figura 19: Taxa de furto de veículo Estado de SP e Jundiaí (2001-2021).....	40
Figura 20: Mapa de furto de veículo - Jundiaí (2021).....	41
Figura 21: Roubo de veículo e previsão (2001-2025).....	42
Figura 22: Taxa de roubo de veículos Estado de SP e Jundiaí (2001-2021).....	42
Figura 23: Mapa de roubo de veículos em Jundiaí (2021).....	43
Figura 24: Roubo de carga e previsão (2001-2025).....	44
Figura 25: Homicídio culposo por acidente de trânsito e previsão (2001-2025).....	45
Figura 26: Homicídio doloso e previsão (2001-2025).....	47
Figura 27: Taxa de homicídios no Estado de São Paulo e Jundiaí (2001-2021).....	48
Figura 28: Mapa de Homicídio Doloso - Jundiaí (2021).....	49

Figura 29: Tentativa de homicídio e previsão (2001-2025)	49
Figura 30: Lesão corporal dolosa e previsão (2001-2025)	50
Figura 31: Mapa de Lesão corporal dolosa (2021)	51
Figura 32: Estupro e previsão (2001-2025)	52
Figura 33: Mapa de estupro - Jundiaí (2021)	53
Figura 34: Mapa das regiões de Jundiaí (2022).....	58
Figura 35: Percentual da População Jundiaí, por Motivos para evitar bairros de Jundiaí, 2022.74	
Figura 36: Percentual de Moradores de Jundiaí, por se procurou ou não um órgão oficial após sofrer algum tipo de agressão física ou ameaça, 2022.	89
Figura 37: Percentual de Moradores de Jundiaí, por órgão oficial que procurou após sofrer algum tipo de agressão física ou ameaça, 2022.....	90

Apresentação

O presente documento consiste no Produto 2 do contrato nº 046/2022, desenvolvido mediante prestação de consultoria técnica do Fórum Brasileiro de Segurança Pública à Prefeitura Municipal de Jundiaí, por meio de sua Unidade de Gestão de Segurança Municipal. Trata-se de relatório contendo o diagnóstico com dados secundários sobre o perfil socioeconômico, criminal e de segurança pública do município e análise do *survey* sobre sensação de segurança e vitimização da população de Jundiaí. A este relatório seguem anexados a base de dados completa e o questionário do *survey*. Por fim, é válido ressaltar que o diagnóstico geral iniciado com este Produto 2 será complementado pelo Produto 3, conforme previsão do plano de trabalho.

Perfil socioeconômico, criminal e de segurança pública do município de Jundiaí

É cada dia mais relevante que os municípios tenham um bom diagnóstico dos problemas de segurança e criminalidade que enfrentam. Sem bons diagnósticos, baseados em evidências, não é possível elaborar e avaliar as políticas públicas de segurança. Os diagnósticos são também etapas prévias para a elaboração dos Planos Municipais de Segurança Pública, que definem em que e como o município pretende atuar na segurança e abrem as portas do município para os financiamentos federais, estaduais e mesmo internacionais.

O Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime – UNODC entende que o diagnóstico da segurança é fundamental para subsidiar a análise da situação local de criminalidade, especialmente no nível estratégico, e o planejamento de ações iniciais, nivelando o conhecimento dos responsáveis pela segurança¹. De acordo com o UNODC, o diagnóstico, também chamado de auditoria de segurança, costuma incluir os seguintes passos:

- Estabelecer o contexto, com uma visão geral das características da cidade (demográfica ou econômica) e uma comparação com as da região e o país como um todo;
- Análise do crime, violência e distúrbios em termos de sua escala, tendências e distribuição;
- Determinação de perfis de vítimas e agressores (por idade, sexo e características etnoculturais e socioeconômicas);
- Investigação dos tipos de fatores de risco;
- Avaliação da eficácia dos projetos e serviços existentes (por exemplo, saúde, habitação, previdência e educação) em relação à prevenção;

¹ Manual sobre la aplicación eficaz de las Directrices para la prevención del delito. SERIE DE MANUALES SOBRE JUSTICIA PENAL. OFICINA DE LAS NACIONES UNIDAS CONTRA LA DROGA Y EL DELITO, Viena, 2011

- Avaliação do contexto político e institucional a fim de determinar possibilidades de desenvolver atividades preventivas;
- Determinação das possibilidades, vantagens e potencialidades da região, em particular capital social, sociedade civil e projetos existentes nos quais uma estratégia futura pode ser fundada (UNODC, 2011).

Por sua vez, o Guia de Cidades Seguras desenvolvido pela ONU-Habitat², recomenda que uma auditoria de segurança deva incluir dados locais sobre:

- Meio ambiente: extensão da cidade, uso do solo, estrutura econômica;
- Demografia: população total, razão dos sexos, estrutura etária, estrutura racial, desemprego;
- Delinquência e desordem: tipos de delitos mais comuns, tipos de vítima, distribuição dos delitos;
- Efeitos e custos econômicos da delinquência: custos da violência, demanda por serviços hospitalares, valor dos bens roubados, custo do sistema de justiça criminal;
- Percepções: sensação de segurança, satisfação com a polícia;
- Fatores de risco: pobreza, evasão escolar, uso de álcool e drogas, armas;
- Serviços: provedores, qualidade, uso;
- Iniciativas: programas e projetos existentes, práticas eficazes;
- Partes interessadas (participantes do Observatório): capacidades, recursos.

Para realização do presente diagnóstico foram realizadas diversas etapas de trabalho. A primeira consistiu no preenchimento, pela gestão municipal, de um formulário online que possibilitou a construção de uma ideia básica da situação de segurança do município. O formulário abordou temas como as características financeiras, instituições e órgãos de segurança, criminalidade e recursos para seu enfrentamento, fatores de

² Safer Cities Toolkit, ONU-Habitat).

risco, aspectos relacionados à gestão da segurança, bem como o contexto social e ambiental onde o município está inserido.

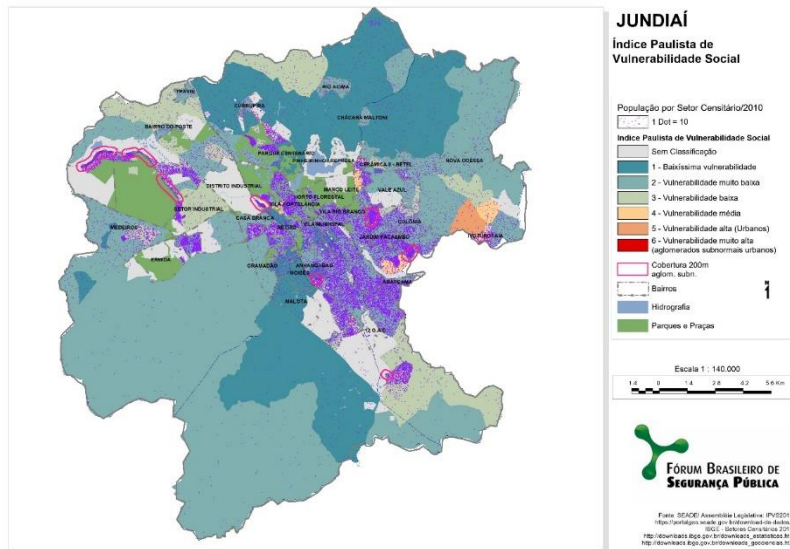
A elaboração do formulário partiu de um modelo ideal que a comunidade de especialistas julga como razoavelmente adequado para lidar com a segurança municipal. Se a auditoria pergunta sobre a existência de fundos de segurança, secretaria municipal de segurança, leitores ópticos de placas ou patrulhas Maria da Penha para atender casos de violência doméstica, é porque acreditamos que estas são instituições e práticas recomendáveis. Se perguntamos sobre carências socioeconômicas é porque cremos que a prevenção primária joga um papel relevante na contenção da criminalidade. O mesmo em relação à prevenção situacional. Em resumo, existem diversas teorias criminológicas subjacentes que nos sugerem o que e por que perguntar. Ausências e deficiências identificadas no diagnóstico podem ser sanadas posteriormente no momento de elaboração do Plano Municipal de Segurança.

Características gerais do município

O município de Jundiaí fica no estado de São Paulo e tem uma população de 426.935 habitantes, uma das 20 maiores cidades do estado em termos populacionais.

O mapa a seguir traz o índice de vulnerabilidade social de Jundiaí por região e a população por setor censitário. Como é possível observar, o município tem poucas áreas de vulnerabilidade alta ou muito alta. Há muitas áreas verdes e pouco povoadas, com a população se concentrando em torno das áreas centrais e urbanizadas. É importante ter noção destas distribuições quando formos analisar o perfil criminal da cidade pois elas ajudam a interpretar o perfil e a distribuição das manchas criminais, que analisaremos mais adiante.

Figura 1: Índice Paulista de Vulnerabilidade Social



Fonte: SEADE; IBGE; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Responsáveis pela Segurança no Município

De acordo com as respostas ao formulário, Jundiaí conta com as seguintes instituições no sistema de segurança:

Tabela 1: Instituições de segurança pública

TIPO DE ÓRGÃO	EXISTE EM JUNDIAÍ?
Guarda Municipal	Existe no Município
Secretaria Municipal de Segurança	Existe no Município
Fundo Municipal de Segurança	Existe no Município
Conselho Municipal de Segurança	Existe no Município
Conselhos Comunitários de Segurança	Existe no Município
Plano Municipal de Segurança	Existe no Município
Gabinete de Gestão Integrada de Segurança	Existe no Município

Plano Diretor Urbano	Existe no Município
Ouvidoria	Existe no Município
Observatório de Segurança	Existe no Município

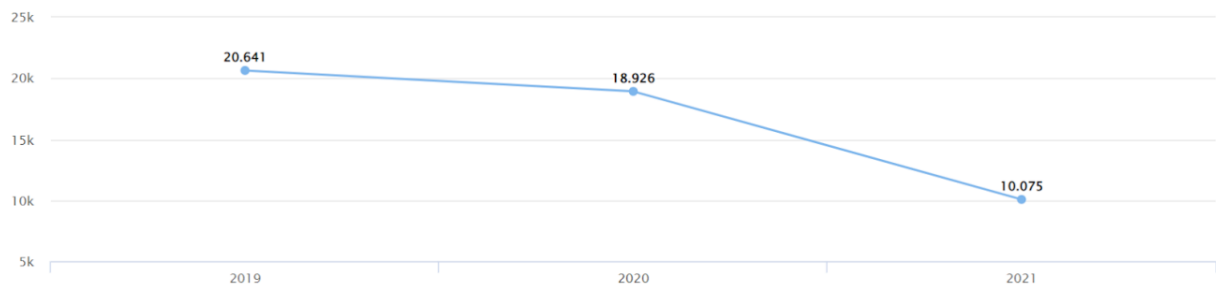
Fonte: Quadro elaborado com base nas respostas ao questionário submetido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A Guarda Municipal de Jundiaí é antiga e sua fundação remonta a 1949. Desde sua fundação, a atuação da GM na cidade tem focado no policiamento ostensivo.

Segundo a pesquisa MUNIC do IBGE de 2019, as atividades mais frequentes das Guardas Municipais são, em ordem alfabética: ações educativas, assistência ao judiciário, atendimento a ocorrências policiais, atendimento sociais, auxílio a defesa civil, auxílio a polícia civil, auxílio a polícia militar, auxílio a vigilância sanitária, auxílio ao público, auxílio ao conselho tutelar, auxílio ao ordenamento e controle de trânsito, controle de ambulantes, patrulhamento de vias públicas, patrulhamento ostensivo, posto de guarda, programas de prevenção ao crime, proteção ao patrimônio, proteção da população, proteção de bens, ronda escolar, segurança em eventos, segurança do prefeito e autoridades e Serviços administrativos. A lista não é exaustiva e algumas destas atividades sequer estão previstas constitucionalmente.

Ao analisar os números relacionados às abordagens realizadas pela Guarda Municipal de Jundiaí, é possível notar que de 2019 para 2021, segundo o Observatório, esse número caiu pela metade (20.641 e 10.075, respectivamente), em razão da pandemia de Covid-19. Enquanto, a diferença de 2020 para 2021 é de 8.851 abordagens a menos, como é possível observar no gráfico a seguir:

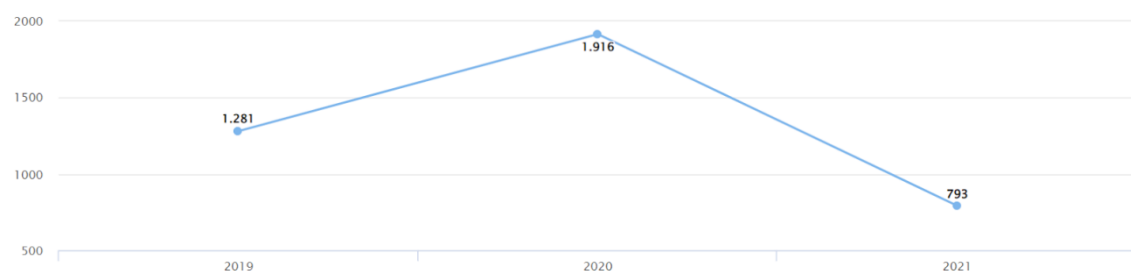
Figura 2: Abordagens realizadas pela Guarda Municipal de Jundiaí (2019-2021)



Fonte: Observatório de Jundiaí.

Por sua vez, o pico de operações realizadas pela GM foi no ano de 2020 com 1.916 operações. Em 2021, as operações caíram para 793, menos da metade do ano anterior. Em 2019, foram 1.281 operações realizadas pela Guarda de Jundiaí.

Figura 3: Operações realizadas pela Guarda Municipal de Jundiaí (2019-2021)



Fonte: Observatório de Jundiaí.

Crime e recursos para seu enfrentamento

O efetivo da Guarda Municipal era de 359 pessoas no momento do preenchimento do questionário³ e o efetivo da segurança privada contratado pelo município é desconhecido. Somam-se a estes efetivos ainda 1.006 policiais militares que atuam na cidade e 247 policiais civis. Embora não exista um número ideal de policiais por habitante, para o policiamento ostensivo pode-se considerar adequada a razão de um policial a cada 300 ou 400 habitantes.

³ Em dezembro de 2022, o número chegou a 406 guardas.

Utilizando as informações prestadas, estimamos que a razão entre efetivo policial (o total de policiais civis e militares informados é de 1.253) por habitante na cidade é de 341 e a razão efetivo da guarda municipal por habitante é de um guarda a cada 1.189 habitantes. Assim, considerando o efetivo das três corporações, o tamanho do efetivo na cidade está dentro dos parâmetros recomendados.

Do ponto de vista criminal, destaque-se que ocorreram em Jundiaí de 17 homicídios dolosos no ano de 2021, além de 331 roubos de veículos, 393 furtos de veículos e 1.014 roubos. Também aqui não existe uma taxa ideal ou recomendada, mas é interessante comparar as taxas com as taxas criminais de municípios similares, em termos de magnitude, urbanização e perfil social, demográfico e econômico.

Para estimarmos o risco relativo utilizamos normalmente as taxas por habitantes, uma vez que cidades mais populosas tendem a ter sempre números absolutos de crimes maiores. Tomando a taxa por 100 mil habitantes, estimamos que em Jundiaí, em 2021, a taxa de homicídio foi de 4,15, a taxa de roubo de veículo de 96,20, a taxa de furto de veículo 114,22 por 100 mil veículos e a taxa de roubo total de 247,66 por 100 mil habitantes.

Novamente, apenas para se situar, a taxa de homicídios brasileira por 100 mil habitantes é de aproximadamente 19,8: 100 mil (média entre 2018 e 2020, segundo o SINESP, para que se mantenha o padrão de comparação), a taxa de roubo de veículos é de 90,3:100 mil, a taxa de furto de veículos é de 100,58: 100 mil habitantes. Valores acima destes, portanto, estão fora da média nacional. Jundiaí tem taxas abaixo da média nacional de homicídios e próximas à média nacional nos crimes de roubo e furto de veículos. Estas taxas, como discutimos, são apenas um valor básico de referência e é mais recomendável adotar como “régua” as taxas estaduais ou, como sugerimos, comparar com municípios “similares” com relação a determinadas características relevantes.

As tendências criminais na cidade serão exploradas em maior detalhe em tópico específico mais a frente neste relatório e os parágrafos anteriores servem apenas para situar o município com relação às taxas brasileiras e às metas estipuladas formalmente pelo plano federal.

A título de referências vejamos as metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Segurança Pública de 2021, para 2030. O governo federal sugere diversas metas nacionais, para nove tipos de crimes. Listamos estas metas na relação abaixo, que podem servir de parâmetro também para Jundiaí.

- Meta 1: Reduzir a taxa nacional de homicídios para abaixo de 16 mortes por 100 mil habitantes até 2030
- Meta 2: Reduzir a taxa nacional de lesão corporal seguida de morte para abaixo de 0,30 morte por 100 mil habitantes até 2030
- Meta 3: Reduzir a taxa nacional de latrocínio para abaixo de 0,70 morte por 100 mil habitantes até 2030.
- Meta 4: Reduzir a taxa nacional de mortes violentas de mulheres para abaixo de 2 mortes por 100 mil mulheres até 2030
- Meta 5: Reduzir a taxa nacional de mortes no trânsito para abaixo de 9 mortes por 100 mil habitantes até 2030.
- Meta 6: Reduzir o número absoluto de vitimização de profissionais de segurança pública em 30% até 2030
- Meta 7: Reduzir o número absoluto de suicídio de profissionais de segurança pública em 30% até 2030
- Meta 8: Reduzir a taxa de furto de veículos para abaixo de 140 ocorrências por 100 mil veículos até 2030.
- Meta 9: Reduzir a taxa de roubo de veículos para abaixo de 150 ocorrências por 100 mil veículos até 2030

Muitos municípios já contam, em alguns indicadores, com taxas menores do que as sugeridas como meta no PNSP 2021. Neste caso o município deve adotar uma meta mais ambiciosa para 2030. É o caso de Jundiaí cujos indicadores estão abaixo das metas estabelecidas pelo governo federal para homicídios, roubo e furto de veículos.

Segundo os dados informados no questionário, o gasto anual com segurança pública no ano de 2021 em Jundiaí foi de 89.000.000 reais e pode-se somar a esta quantia o gasto anual com auxílio às polícias estaduais, feito por muitos municípios. Em média, o Brasil

gasta R\$ 452 reais per capita em segurança pública (Anuário Brasileiro de Segurança Pública) e os municípios respondem por 11% disso, cerca de 50 reais per capita. Segundo os dados fornecidos, o gasto em segurança per capita em Jundiaí é de 208 reais por habitante se considerarmos apenas o gasto com a Guarda. Assim, os gastos em segurança per capita em Jundiaí estão acima da média nacional dos municípios.

Atividades da Guarda

Para ter uma ideia das demandas recebidas e serviços prestados pela GM de Jundiaí, solicitamos ao setor de estatísticas a base de chamados recebidos pela instituição em 2021. Ao todo, a base contava com mais de 13 mil registros, mas é preciso lembrar que a base registra todas as atividades da GM – tanto reativas quanto proativas - de modo que o número não equivale ao total de ocorrências criminais no Município.

Assim, se retirarmos os registros classificados como “apoio”, “atividades” e “policiamento” - que são indicadores de “input” - do que a Guarda faz - ficamos com cerca de seis mil registros, que poderíamos classificar como demandas, ou “ocorrências”, no sentido amplo.

A lista de códigos de atendimento da GM tem 367 diferentes itens e num primeiro momento optamos por classificar estes códigos em alguns grandes grupos, na tentativa de simplificar a análise.

Em primeiro lugar, com 19% das demandas, aparecem os crimes contra a pessoa - ameaças, lesões corporais, tentativas de suicídio etc. Em 2021, todavia, em razão da pandemia de Covid-19, esta categoria de crimes contra a pessoa foi bastante inflada pelos chamados de “perigo de contágio de moléstia infecciosa”, que teve mais de 1.000 chamados naquele ano: pessoas que não respeitavam as medidas de isolamento ou sanitárias recomendadas pela Saúde.

Em segundo lugar, com 17% dos chamados, aparecem as contravenções, como as brigas, vias de fato, perturbação do sossego, “desinteligências”, normalmente envolvendo pessoas que se conhecem, como vizinhos, amigos, familiares, colegas de trabalho e

assim por diante. Se somarmos a estes os casos de violência doméstica e sexual, temos mais 1,8% das chamadas relacionadas aos conflitos interpessoais: as três categorias somam juntas 38,1% dos chamados para a GM.

A GM possui um sistema de monitoramento envolvendo câmeras de vídeo e leitores ópticos de placas de veículos que detectam situações suspeitas e problemas. A Guarda é acionada para verificar estas irregularidades e situações, além de outros órgãos como a PM, SAMU, bombeiros e agentes de trânsito. Estes monitoramentos respondem por quase 16% das chamadas na base de dados.

As ocorrências de trânsito representam aproximadamente 10% dos casos e as ocorrências ambientais 9,8%. No trânsito, além dos acidentes com e sem vítima, estão incluídos também os chamados de solicitação para uso de OCR para identificação de veículos dublês ou irregulares, além dos casos dos veículos roubados que são localizados. Entre as ocorrências ambientais a retenção de animais silvestres são as mais corriqueiras.

Tabela 2: Lista de códigos de atendimentos da GM

Categoria de atendimento	% em relação ao total de atendimentos 2021
PESSOA	19,1%
CONTRAVENÇÃO	17,2%
MONITORAMENTO	15,9%
TRÂNSITO	10,5%
AMBIENTAL	9,8%
PATRIMÔNIO	9,2%
CANIL	4,7%
POLICIAMENTO ESCOLAR	3,1%
NI	2,6%
RISCO / SAÚDE	2,1%
DROGA	1,8%
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA / SEXUAL	1,8%
VULNERÁVEIS	1,2%
OUTROS	0,4%
BOMBEIRO	0,3%
ARMA	0,3%
FALSIDADES	0,0%
COMETIDOS POR OU CONTRA FUNCIONÁRIO	0,0%
	100,0%

Fonte: Guarda Municipal de Jundiaí; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Merecem menção também os chamados de crimes contra o patrimônio, que representam 9,2% do total. Furtos e roubos são as ocorrências mais comuns nesta categoria. Em 2021, a GM atendeu a 274 chamados de furtos e 107 de roubos, além de algumas dezenas de tentativas. Atendeu também 13 roubos de veículos e 8 furtos de veículos.

Para dar uma ideia do que isto representa, comparamos nas tabelas seguintes os totais de casos registrados pela Secretaria Estadual de Segurança Pública (SSP-SP) e pela GM, por natureza criminal. A tabela mostra que para a maioria dos crimes, quando existe categoria comparável, a base da GM traz uma porcentagem de casos muito menor do que o notificado na SSP. Isso significa que a base da GM é bastante frágil para fins de planejamento operacional, na maioria dos casos.

A GM só conhece 8,6% dos furtos e 1,9% dos furtos de veículos e registrou apenas 26,6% dos homicídios e 13% das lesões corporais e dos roubos. E somente 4% dos roubos de veículos ocorridos na cidade em 2021.

Tabela 3: Comparação entre casos atendidos pela SSP e pela GM

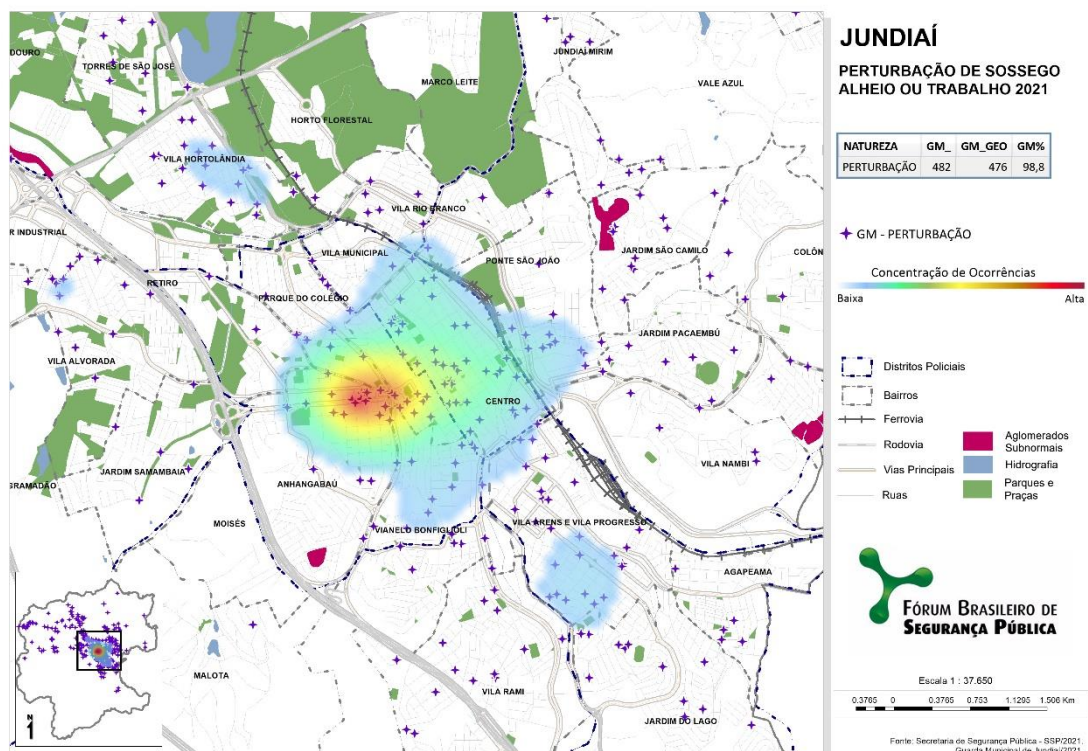
NATUREZA	SSP	GM	% SSP/GM
ESTUPRO	20		
ESTUPRO_VULNERÁVEL	64		
FURTO	4020	347	8,63%
FURTO_VEÍCULO	405	8	1,98%
HOMICÍDIO DOLOSO	15	4	26,67%
LESÃO CORPORAL DOLOSA	938	124	13,22%
ROUBO	891	122	13,69%
ROUBO DE VEÍCULO	331	13	3,93%
TENTATIVA DE HOMICÍDIO	18		
VIAS DE FATO OU DESINTELIGÊNCIA		613	
PERTURBAÇÃO		482	
PORTE OU USO DE ENTORPECENTE		61	
APREENSÃO DE SUBSTÂNCIA ENTORPECENTE		44	

Fonte: SSP/SP e GM Jundiaí; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Por outro lado, embora não seja possível comparar com os dados da Secretaria Estadual de Segurança Pública em razão da indisponibilidade, a base da GM traz uma quantidade razoável de vias de fato ou desinteligência e de ocorrências de perturbação. É possível que também aqui os dados estejam subestimados. Se os dados não tiverem viés, talvez seja possível extrair informações úteis sobre localização, dia da semana, horário e outras características relevantes sobre os fenômenos. Mas apenas um estudo mais detalhado pode verificar se se trata ao menos de uma amostra “representativa” dos casos, no sentido estatístico.

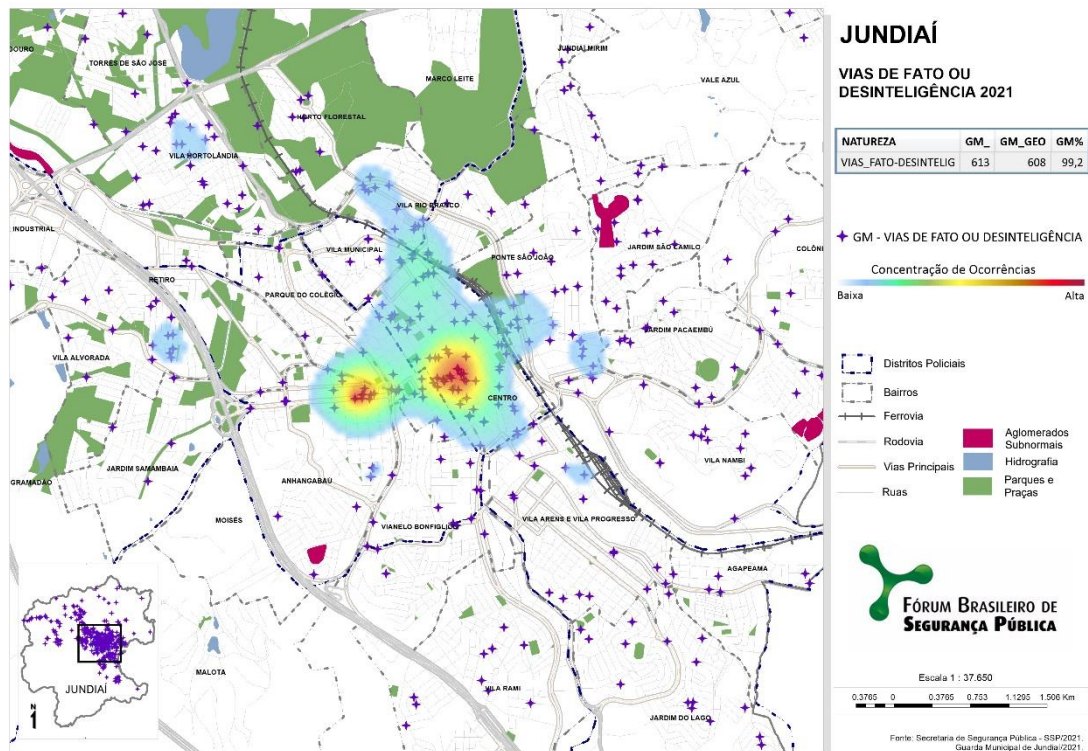
Nos mapas a seguir estão plotados os casos de perturbação e desinteligência registrados na base de dados da GM em 2021. Não obstante a concentração nos bairros centrais, há uma grande quantidade de pontos espalhados por toda a cidade. A população parece recorrer com frequência para que a GM interfira neste tipo de situação. Este tipo de intervenção de natureza social tampouco é questionado pelas demais instituições e pode se converter num nicho de atuação importante para a instituição.

Figura 4: Mapa de perturbação de sossego alheio ou trabalho (2021) - Jundiaí



Fonte: Secretaria de Segurança Pública; Guarda Municipal; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Figura 5: Mapa de vias de fato ou desinteligência (2021) - Jundiaí



Fonte: Secretaria de Segurança Pública; Guarda Municipal; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Voltando à questão dos dados, importa frisar que a comparação das fontes evidencia a necessidade urgente de complementar os dados da Guarda com os registros oficiais da SSP (e vice-versa).

Os dados sugerem que a atividade da GM é relevante para o combate ao crime patrimonial da cidade, embora esta função caiba primariamente ao policiamento ostensivo estadual e venha sendo contestada pelo judiciário. Mostram também que as estatísticas da Guarda dão conta apenas de uma pequena quantidade dos crimes ocorridos na cidade, dificultando as atividades de planejamento e prevenção ao crime. **É preciso, portanto, acessar as informações criminais presentes nas bases estaduais para completar o conhecimento sobre a incidência e distribuição de crimes na cidade.**

Detalhamento dos códigos de atendimento

Como vimos, as atividades reativas da Guarda nestes últimos anos sofreram um forte impacto da pandemia de Covid-19, impondo novas atividades à já sobrecarregada corporação. Em 2021, ano da segunda onda da epidemia, o chamado mais comum atendido pela GM foi de “perigo de contágio de moléstia infecciosa”. Regra geral, pessoas desrespeitando o isolamento social, uso de máscara e outras violações às medidas sanitárias recomendadas pela saúde. Esta nova demanda representou nada menos que 16,2% das atividades da Guarda no ano e pode ter contribuído para o crescimento de outros tipos de ocorrências, uma vez que os recursos são limitados.

Na segunda posição pela quantidade de chamados estão as ocorrências de “vias de fato ou desinteligência” (9,1%), uma discussão ou briga entre as partes, mas que não se converteu – até por mediação da Guarda – numa ocorrência mais séria como lesão corporal ou mesmo homicídio. Trata-se de um crime leve contra a pessoa e analisando a lista observa-se que outras ocorrências também se incluem nesta categoria: perturbação do sossego alheio ou trabalho (7,3%), lesão corporal dolosa (1,3%) e ameaça (1,1%). Somadas estas categorias, temos 18,8% dos chamados recebidos pela corporação. Basicamente, a população parece esperar que a GM ajude na resolução de conflitos interpessoais. É preciso preparar, portanto a instituição e seus profissionais para esta demanda de mediação de conflitos entre cidadãos, evitando que estes conflitos se transformem em ocorrências mais sérias.

Em terceiro lugar, aparecem os atendimentos oriundos das atividades de monitoramento - por vídeo e OCR -, com 8,6% dos chamados. Nestes casos seria interessante saber em maior detalhe o que gerou o “acionamento” e qual foi o resultado da averiguação feita pela equipe. Tanto neste código como em “reserva de imagens” sabemos apenas que se trata de uma ocorrência relacionada ao monitoramento, mas não sua natureza.

Figura 6: Quantidade de chamados à GM por categoria (2021)

Natureza	Descrição	Qtde 2021	%	% cum
B30	PERIGO DE CONTÁGIO DE MOLÉSTIA INFECCIOSA	1074	16,2	16,2
N01	VIAS DE FATO OU DESINTELIGÊNCIA	605	9,1	25,3
R01	ACIONAMENTO GM (ESPECIFICAR)	569	8,6	34,0
N03	PERTURBAÇÃO DE SOSSEGO ALHEIO OU TRABALHO	482	7,3	41,2
R09	RESERVA DE IMAGEM(NS)	399	6,0	47,3
J35	RETENÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES	388	5,9	53,1
D02	FURTO	274	4,1	57,3
A15	DISPARO DE OCR, MEDIDAS ADMINISTRATIVAS MEDIANTE SOLICITAÇÃO DE	152	2,3	59,6
K09	TREINAMENTO DE CÃES	149	2,3	61,8
A10	AUTO LOCALIZADO PRODUTO DE FURTO, ROUBO OU OUTRO SINISTRO	129	2,0	63,8
A01	ACIDENTE DE TRÂNSITO SEM VÍTIMA	126	1,9	65,7
D04	ROUBO	107	1,6	67,3
A02	ACIDENTE DE TRÂNSITO COM VÍTIMA	92	1,4	68,7
P07	APOIO À DIREÇÃO DE ESCOLA	91	1,4	70,1
G04	QUEBRA DE MEDIDA PROTETIVA OU JUDICIAL	87	1,3	71,4
G03	LESÃO CORPORAL DOLOSA	84	1,3	72,7
B24	AMEAÇA	74	1,1	73,8
D03	TENTATIVA DE FURTO	73	1,1	74,9
G06	ATENDIMENTO À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA MORAL OU PSICOLÓGICA	72	1,1	76,0
P03	ESCOLTA DE ALUNOS	63	1,0	76,9

Fonte: Guarda Municipal; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

É digno de nota que, embora existam 367 códigos de atendimentos na base de dados da Guarda, estes 20 códigos concentram quase 77% dos chamados recebidos pela instituição.

A base de dados contém, também, as saídas geradas por cada ocorrência e qual o programa ou unidade responsável pelo seu atendimento. Pelo que se depreende da tabela, em 2021 as equipes de Plantão responderam a 4.539 chamados ou 34% do total. Em seguida, com 12,4% vem as equipes de Apoio e o Canil, com 10,4% dos casos - o canil participa em muitas averiguações de entorpecentes e localização de pessoas.

O Programa Centro Seguro atuou em 10% dos chamados e o Bairro Seguro em outros 7,4%. O setor de "Monitoramento", por sua vez, gerou 9,1% das saídas. Estes seis programas em conjunto respondem por 83,3% das saídas da GM de Jundiaí.

Figura 7: Quantidade de chamadas por unidade de atendimento da GM (2021)

Saída	Atendimentos 2021	%
PLANTÃO	4.539	33,98%
APOIO	1.663	12,45%
CANIL	1.398	10,46%
CENTRO SEGURO	1.328	9,94%
MONITORAMENTO	1.217	9,11%
BAIRRO SEGURO	994	7,44%
SERRA DO JAPI	706	5,28%
RONDA ESCOLAR	423	3,17%
POSTO DE SERVIÇO	360	2,69%
OPERAÇÃO DIRECIONADA AO PROBLEMA	229	1,71%
GUARDIÃ MARIA DA PENHA	178	1,33%
ADMINISTRATIVO	144	1,08%
OPERAÇÃO FIM DE ANO	86	0,64%
OUTRO MUNICÍPIO	35	0,26%
FISCALIZAÇÃO DO COMÉRCIO	34	0,25%
GRANDES EVENTOS (MUSICAL, CULTURAL, CIENTÍFICO, ESPORTIVO, POLITICO,	16	0,12%
CÂMARA MUNICIPAL E ANEXO	3	0,02%
SENTINELA - BASE FERROVIÁRIOS	2	0,01%
FESTA DA UVA	2	0,01%
PA 11	1	0,01%
CASA SOL	1	0,01%
Total geral	13.359	100,00%

Fonte: Guarda Municipal; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

O trabalho da GM não se resume, contudo, ao atendimento reativo aos chamados da comunidade. Com efeito, na maior parte do tempo a instituição está envolvida no policiamento preventivo, averiguações e apoio a outros órgãos. A tabela seguinte lista 23 destas atividades, que compreendem 91% da atuação da Guarda que poderíamos classificar de proativas.

Note-se que nenhuma delas supera 8% e que existe uma fragmentação por inúmeras atividades, algumas delas distantes do que se esperaria de uma guarda municipal, com a escolta ou transporte de presos. A proteção de medicamentos ocupou bastante a GM nestes anos de pandemia, mas é bem provável que diminua nos próximos anos.

Figura 8: Atividades da Guarda Municipal por natureza (2021)

Natureza1	Descrição	Qtde 2021	%
D26	AVERIGUAÇÃO DE CRIME OU CONTRAVENÇÃO SEM RESULTADO	633	8,1%
R01	ACIONAMENTO GM (ESPECIFICAR)	569	7,3%
O07	APOIO À VIATURAS DA GM DE JUNDIAI OU GUARDAS DE JUNDIAÍ	557	7,1%
O31	POLICIAMENTO DIRECIONADO AO PROBLEMA, SATURAÇÃO	550	7,1%
O14	APOIO AO SAMU OU AMBULÂNCIA	545	7,0%
O32	ESCOLTA OU TRANSPORTE DE PRESOS	442	5,7%
O69	PROTEÇÃO DE MEDICAMENTOS, VACINAS OU AGENTES BIOLÓGICOS	433	5,6%
R09	RESERVA DE IMAGEM(NS)	399	5,1%
O12	APOIO A FISCALIZAÇÃO DO COMÉRCIO	363	4,7%
O30	POLICIAMENTO EM PRÓPRIO MUNICIPAL, PROTEÇÃO DE PATRIMÔNIO PÚBLICO	339	4,3%
C01	AVERIGUAÇÃO DE VENDA ILEGAL DE PRODUTOS	325	4,2%
O01	AUXÍLIO AO PÚBLICO	319	4,1%
O33	AVERIGUAÇÃO DE PESSOA OU VEÍCULO EM FUNDADA SUSPEITA	285	3,7%
S01	AVERIGUAÇÃO À PESSOA EM SITUAÇÃO DE RUA	227	2,9%
O16	APOIO A OUTROS ÓRGÃOS MUNICIPAIS	206	2,6%
O03	APOIO A POLÍCIA CIVIL	147	1,9%
O06	APOIO AO PODER JUDICIÁRIO, OFICIAL DE JUSTIÇA	145	1,9%
C02	APREENSÃO DE MERCADORIAS E PRODUTOS	141	1,8%
O39	OPERAÇÃO PANCADÃO OU DE ORDEM POLICIAL INTEGRADA	136	1,7%
O27	POLICIAMENTO EM FEIRAS LIVRES	109	1,4%
O04	APOIO A POLÍCIA MILITAR	106	1,4%
S06	OPERAÇÃO LIMPEZA	99	1,3%
O10	APOIO A FISCALIZAÇÃO DE TRÂNSITO	78	1,0%

Fonte: Guarda Municipal; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A Guarda de Jundiaí tem uma presença constante nas ruas da cidade e está envolvida num grande número de atividades reativas e proativas. É difícil medir seu impacto na contenção da criminalidade local ou na sensação de segurança do município.

As estatísticas poderiam ser utilizadas num sistema de gestão por resultados territorializado, com a cobrança de metas e bônus para cada setor. Faltam à instituição

uma visão completa da criminalidade na cidade e um sistema de georreferenciamento das ocorrências.

Gestão

Uma política municipal de segurança não se faz apenas com a Guarda e muitos municípios optam por simplesmente não criar uma, pois os custos de manutenção são elevados. A Guarda pode ser bem enxuta e tão ou mais relevante que a quantidade de efetivos é pensar em como a Guarda atua. Existem centenas de boas práticas e políticas que podem ser adotadas pelos municípios, mas algumas entre elas foram bem avaliadas e são consideradas boas práticas de gestão. Segunda as respostas ao formulário já mencionado, o município informou que adota as seguintes práticas:

Figura 9: Percepções sobre as práticas adotadas pela GM de Jundiaí

TIPO DE PRÁTICA/POLÍTICA	EXISTE EM JUNDIAÍ?
Banco de dados de chamados / ocorrências digitalizados	Adota
Georreferenciamento das ocorrências	Adota
Acesso aos registros de ocorrência das polícias estaduais	Adota
Central de monitoramento de vídeo	Adota
Central de despacho de viaturas (independente ou integrada)	Adota
Leitor ótico de placas	Adota
Patrulha Maria da Penha	Adota
Policimento comunitário	Adota
Reuniões periódicas de análise criminal	Adota
Sector de análise estatística / avaliação de desempenho	Adota
Capacitação em mediação de conflitos	Adota
Capacitação em uso diferenciado da força	Adota

Capacitação em patrulhamento comunitário	Adota
Registro informatizado de ocorrências da GM	Adota

Fonte: Quadro elaborado com base nas respostas ao questionário submetido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Ressalte-se, todavia, que a informatização das ocorrências da GM é parcial, pois boa parte do conteúdo do BO é apenas digitalizado e inserido como imagem no sistema, o que dificulta a busca pelas informações. Muitas ocorrências não trazem o campo de endereçamento preenchido corretamente, prejudicando o georreferenciamento. Tampouco existe um setor de cartografia criminal no setor estatístico da GM, que não trabalha como policiamento de *hot spots* nem faz a roteirização das viaturas em função das manchas criminais.

A central de despacho de viaturas não é integrada com a PM, que apenas recebe imagens espelhadas das ocorrências monitoradas pela Guarda. Se existem reuniões periódicas de análise criminal, elas não são feitas no modelo “gestão de resultados”, uma vez que as estatísticas não são completas nem atualizadas, não existem mapas criminais, nem metas ou mecanismos de cobrança e premiação em função dos resultados de cada área. O Município pode acessar os dados públicos divulgados pela SSP e tem acesso a outros através de contatos pessoais nas polícias estaduais, mas não há um canal formal, periódico e sistemático para acessar os dados criminais produzidos pelas polícias estaduais.

Existe a modalidade de policiamento comunitário e capacitação no tópico, mas do ponto de vista operacional, a GM de Jundiaí parece mais próxima do modelo convencional de policiamento reativo aos chamados, dentro de viaturas motorizadas.

Assim como no tópico das Instituições, Jundiaí adota formalmente as práticas de gestão recomendadas, mas nem sempre de forma satisfatória, pois carece de recursos materiais e humanos para tanto.

Existem dezenas de outras políticas e estratégias não listadas aqui. É importante que os gestores da segurança estejam sempre atualizados sobre quais políticas e estratégias estão baseadas em evidências robustas sobre sua eficácia, antes da adoção de alguma

delas. É interessante que os gestores da cidade tenham em vista a conveniência de adotar integralmente algumas das práticas listadas e ainda não implementadas.

Contexto Social e Ambiental

A criminologia ambiental ressalta que o lugar onde a cidade está inserida, suas configurações urbanísticas e arquitetônicas, os equipamentos públicos existentes, o mobiliário e o espaço urbano em geral podem atuar para atrair ou para repelir certos tipos de crimes. Existem diversas estratégias de prevenção urbanística e situacional voltadas para o aumento da proteção dos alvos mais visados pelos criminosos.

As regiões metropolitanas agregam geralmente vários grandes municípios e esta proximidade e trânsito de pessoas, veículos e bens tende a incrementar a criminalidade, tanto mais quando não existe uma coordenação e políticas conjuntas regionais. Presídios tendem a atrair drogas, que são consumidas nas unidades, áreas de fronteira sem controle podem se tornar rotas para drogas, produtos piratas, contrabando, cargas roubadas e outros ilícitos criminais. Uma grande população de veraneio geralmente implica em maiores oportunidades criminais, como furtos e arrombamentos residenciais.

Embora sejam raros os casos de domínio territorial por organizações criminosas (facções, milícia, traficantes, gangues juvenis), como no Rio de Janeiro, Fortaleza e outras grandes cidades, as implicações para a segurança deste eventual domínio territorial são óbvias, onde comunidades inteiras estão sujeitas ao mando de criminosos e o poder público e os serviços públicos não conseguem entrar, ao menos não de forma satisfatória e desejável.

Jundiaí está localizada em Região Metropolitana, mas existem poucos mecanismos de integração de planejamento ou operacional com as cidades vizinhas, apesar do compartilhamento de problemas. A cidade também conta com um CDP (Centro de Detenção Provisória), impondo um ônus adicional ao efetivo.

Figura 10: Características territoriais da cidade de Jundiaí

CARACTERÍSTICA	SE APLICA A JUNDIAÍ?
Está localizado em Região Metropolitana	Sim
Tem presídio (s) nas proximidades ou dentro dos limites	Sim
Está localizado em Região de fronteira com outro Estado ou País	Não
É município turístico ou de veraneio	Não
Domínio territorial por organizações criminosas (facções, milícia, traficantes, gangues juvenis)	Não
Cracolândia ou áreas de concentração de usuários de drogas	Sim
Está localizado nas proximidades ou é cortado por rodovias federais ou estaduais	Sim
Atração expressiva e rápida de migrantes em busca de emprego	Não
Bairros são econômica, social e espacialmente segregados?	Não
Área comercial central tem aparência suja e desorganizada? (pichação, pedintes, prostituição, camelôs, etc.	Não

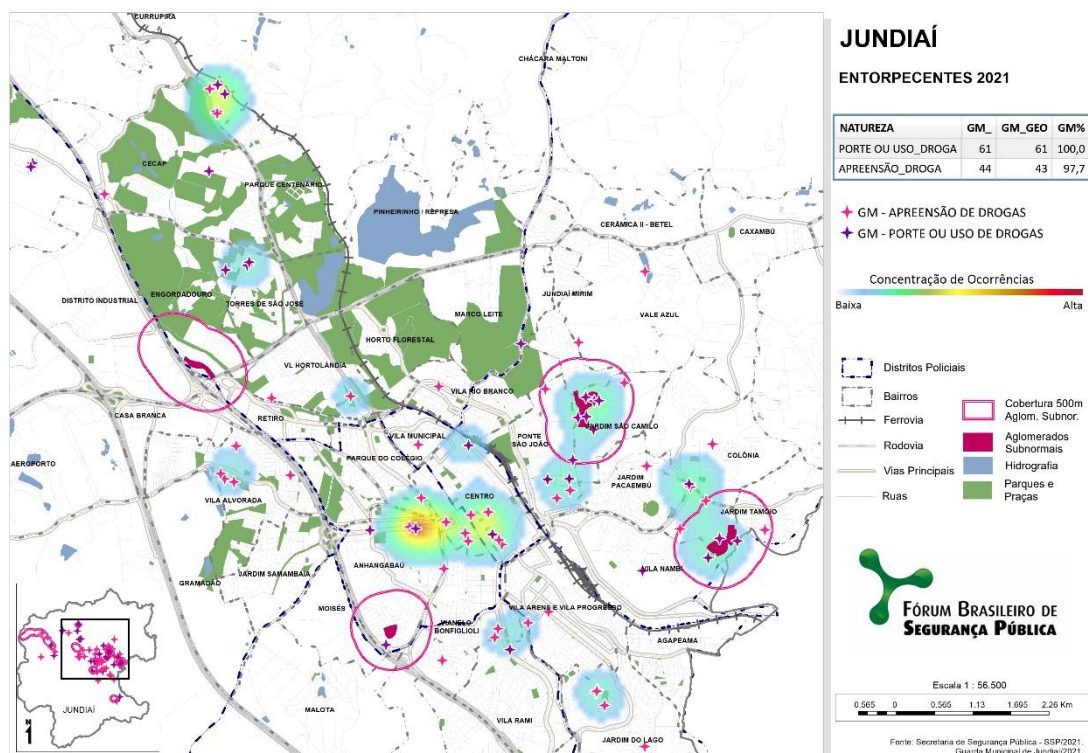
Fonte: Quadro elaborado com base nas respostas ao questionário submetido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

As chamadas “cracolândias” são áreas de consumo aberto de drogas que aglomeram dezenas de usuários que perambulam pelos arredores realizando pequenos furtos, traficando, se prostituindo e cometendo uma série de outras contravenções. A degradação física e social destes espaços estimula o cometimento de crimes, como sugere a teoria criminológica das “janelas quebradas”. Consumo pesado de drogas é um problema de saúde pública e deve ser tratado sob esta ótica, mas que tem implicações de segurança e a Guarda deve fazer parte do tratamento do problema, no que lhe diz respeito, como apoio às equipes de saúde e assistência social. Embora não sejam necessariamente áreas violentas ou perigosas, estas áreas degradadas da cidade contribuem para aumentar a sensação de insegurança da população. Segundo a gestão,

há uma pequena cracolândia – por onde circulam cerca de 40 usuários - na região central da cidade, contribuindo para o aumento da sensação de insegurança dos munícipes.

No mapa abaixo, plotamos no mapa da cidade as áreas de concentração de porte e apreensão de drogas registradas na base de dados da GM em 2021 e as principais manchas quentes no Centro e no Anhangabaú, além de manchas menores em alguns bairros periféricos. É preciso ficar atento pois como se trata de um crime sem vítimas, os mapas refletem em grande parte os locais onde os operadores de segurança optam por realizar a fiscalização. Mapas baseados em denúncias recebidas pelos serviços de disque-denúncia tendem a mostrar concentrações diferentes e retratam a distribuição de modo mais fidedigno.

Figura 11: Mapa de entorpecentes (2021)



Fonte: Secretaria de Segurança Pública; Guarda Municipal; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Não se trata de reprimir simplesmente, uma vez que usuários são também vítimas do vício e da violência. Existem diversos tratamentos preconizados pela área de saúde

como redução de danos, assistência psicológica e médica, assistências sociais, reintegração social e outros. Intervenções urbanísticas - limpeza constante, fechamento de estabelecimentos, iluminação - também devem ser pensadas para lidar com o problema das cracolândias, que se espalharam por muitas cidades.

Quando rodovias importantes cruzam ou passam próximas à cidade é sinal de progresso e prosperidade, aumentando a circulação de turistas, bens, serviços e melhorando a atividade econômica em geral. Por outro lado, aumenta o fluxo de pessoas de fora na cidade com intenções criminosas, que podem ter nas estradas boas vias de acesso e fuga. A responsabilidade da fiscalização das estradas estaduais e federais não cabe ao município e criminosos podem se aproveitar desta carência de fiscalização. Projetos como “cercamento eletrônico” das cidades, com câmeras e leitores controlando entradas e saídas, podem ajudar a reduzir o efeito do fluxo provocado pelas rodovias. O fato de Jundiaí ser cortado por duas grandes rodovias estaduais – Anhanguera e Bandeirantes – pode explicar, ao menos em parte, a incidência acima da média dos casos de roubo de carga na cidade.

Como vimos com relação aos efeitos da renda per capita e das estradas, por vezes o progresso, quando feito rápida e desorganizadamente, pode implicar em “externalidades negativas”, que é como os economistas denominam os efeitos negativos. É o caso, por exemplo, das grandes obras estruturais ou da instalação de grandes indústrias na cidade. Cidades de pequeno porte podem ser sacudidas pela atração expressiva e rápida de migrantes em busca de emprego, moradia, escolas, hospitais e outros bens e serviços. Muitos trabalhadores que participaram da construção destas obras, colheitas, projetos, optam por permanecer na cidade e é preciso ordenar este crescimento de modo a garantir o acesso aos serviços básicos. Tanto um processo de decadência intenso e brusco quanto um processo de crescimento podem gerar o que os sociólogos chamam de “anomia”, uma situação de desequilíbrio e ausência de regras que pode favorecer a criminalidade.

Essa massa de novos moradores de baixa renda tende a se instalar em áreas da periferia ou áreas de invasão, onde os terrenos são mais baratos e as condições de infraestrutura são precárias. As cidades vão então se configurando numa série de bairros que são

econômica, social e espacialmente segregados. Este processo de periferização produz uma série de desequilíbrios na distribuição dos serviços e equipamentos públicos, que tendem a se concentrar nas áreas mais antigas e centrais da cidade. Boa parte dos crimes contra a pessoa, como homicídios, agressões e estupros, está concentrada nestas áreas periféricas. As áreas de proteção ambiental da cidade são constantemente invadidas, o que exige uma rotina de fiscalização constante pela GM.

Os novos moradores podem ser também atraídos para o centro que aos poucos, com a mudança na ocupação, pode acelerar um processo de decadência e degradação física e social. Por diversos motivos, não relacionados à migração ou crescimento demográfico, é comum que os centros históricos entrem em decadência econômica e mudem de função. É preciso valorizar estes espaços para que tenham uma aparência limpa e organizada, evitando a proliferação de pichação, pedintes, prostituição, camelôs e outros sinais de desorganização. Muitos provavelmente já ouviram falar da teoria criminológica das “janelas quebradas”, que conjectura que um ambiente degradado e com sinais de abandono pela comunidade acaba atraindo mais criminalidade. Existem diversas estratégias de segurança derivadas da teoria das janelas quebradas e do “desenho ambiental” (CPTED, na sigla em inglês) e o município deve se esforçar para adotá-las.

Em resumo, Jundiaí tem diversos fatores de risco ambientais para os quais é preciso atentar na política de segurança municipal e no futuro Plano de Segurança.

Tendências criminais no tempo e no espaço

De modo geral, Jundiaí reproduz, com algumas nuances, as tendências criminais do Estado de São Paulo. As séries históricas disponibilizadas pela SSP têm início em 2001 e a maioria dos crimes apresenta uma tendência de queda se comparada ao período inicial. As exceções como veremos adiante se restringem ao roubo de cargas e aos estupros.

Nos tópicos seguintes faremos uma descrição sucinta das modalidades criminais mais relevantes. É conveniente analisar as tendências de longo prazo para falar de tendências

e é preciso tomar cuidado com o crescimento artificial de casos em 2021 e 2022, uma vez que a pandemia de Covid-19 afetou bastante a criminalidade nos anos de 2020 e 2021.

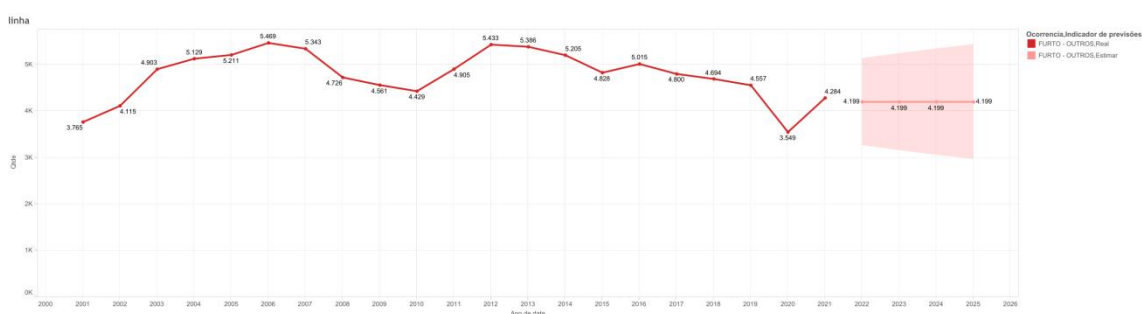
Além disso, incluímos estimativas do número de casos esperado para cada crime em 2022. Comparando o esperado com o observado podemos identificar antecipadamente eventuais mudanças de rumo nas séries e aprofundar os motivos da discrepância.

Crimes patrimoniais

Furtos

Em 2001 Jundiaí tinha 3.765 furtos e termina o último ano da série, 20 anos depois, com 4.284, um crescimento de 13,8% com relação ao período inicial. Todavia, a tendência é de queda quando comparada a 2012, quando os furtos atingiram 5.433 casos. De 2012 em diante observa-se uma tendência de queda nos furtos, acelerada durante a pandemia, mas que agora volta ao patamar esperado. A previsão é que a Jundiaí tenha em torno de 4.199 casos de furto em 2022, segundo a previsão baseada na série histórica.

Figura 12: Furtos em Jundiaí - variação histórica (2001-2021)

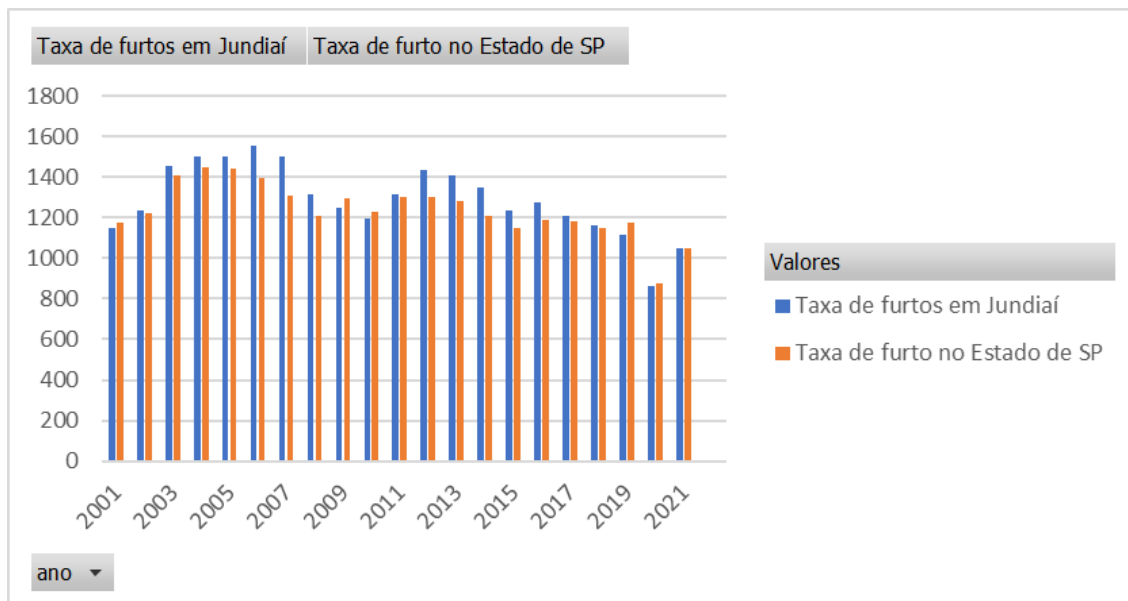


Fonte: SSP/SP

Durante quase todo o período analisado, as taxas de furto em Jundiaí, por cada 100 mil habitantes, se mantiveram maiores que as do Estado de São Paulo. Em 2020, no início

da pandemia, em Jundiaí, a queda foi de aproximadamente 23%, enquanto no Estado foi de 25,4%. Contudo, examinando as taxas, é possível observar que em 2021, mesmo com os picos mais graves da pandemia, os números de furtos em ambos os casos voltaram a subir, ficando quase iguais. Em Jundiaí, no ano de 2021, a taxa de furto foi de 1.046 e no Estado, 1.047.

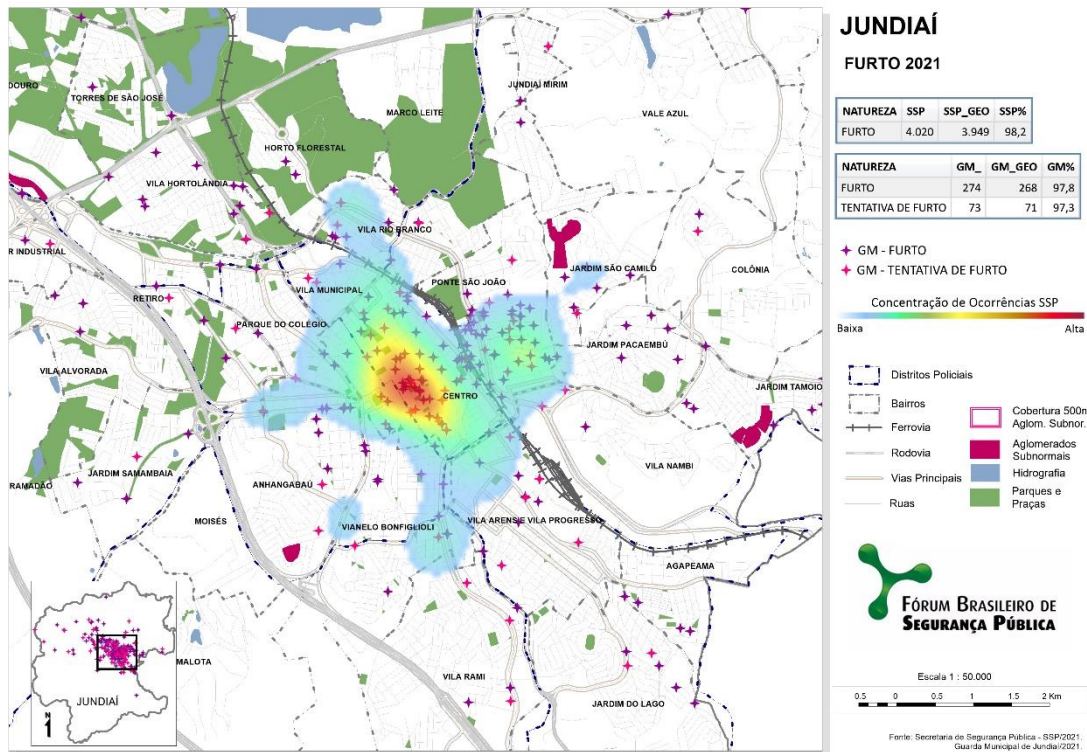
Figura 13: Taxa de furtos Estado de SP e Jundiaí (2001-2021)



Fonte: SSP/SP

O mapa abaixo mostra as concentrações de furtos e tentativas no município para o ano de 2021. Os pontos no mapa representam os registros na base da GM e as manchas quentes representam os registros na base da Secretaria de Segurança Pública. Há uma nítida concentração na região central da cidade, que concentra também o comércio e o fluxo populacional.

Figura 14: Mapa de furto em Jundiaí (2021)

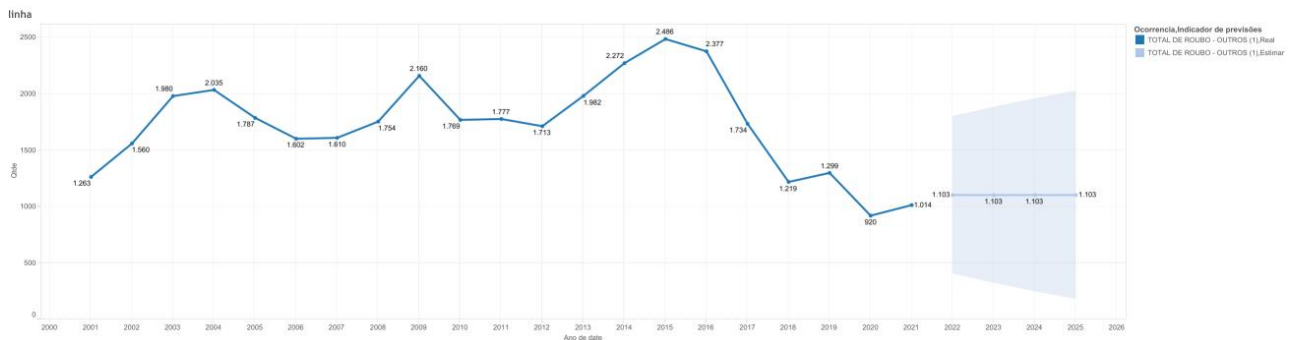


Fonte: SSP-SP; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Roubos

Os roubos estão hoje 20% menores do que em 2001, quando a cidade registrou 1.263 casos. Mas este processo de queda só teve início depois de 2015, quando Jundiaí chegou a ter 2.486 casos. Há, portanto um período de crescimento entre 2001 e 2015 e um de queda nos anos posteriores. É possível identificar períodos de crescimento em 2003, 2009 e entre 2014 e 2016. Não por acaso, são justamente os períodos de recessão econômica, que tendem a afetar os crimes patrimoniais. Ano passado Jundiaí fechou com 1.014 roubos e a expectativa é de 1.103 casos para 2022.

Figura 15: Roubos em Jundiá e previsão (2001-2025)

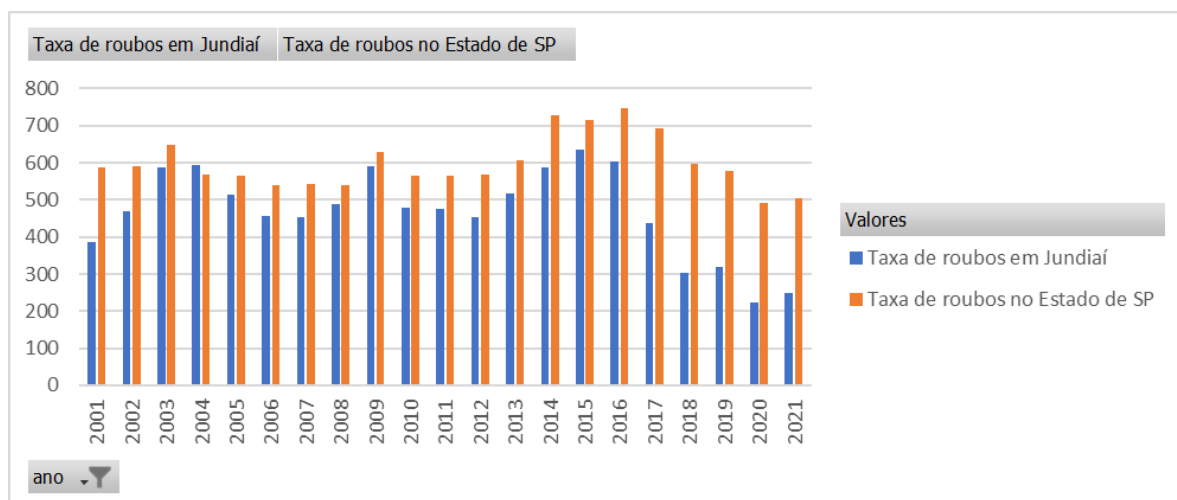


Fonte: SSP/SP

Nos últimos 21 anos, as taxas de roubos em Jundiá se mantiveram menores que as do Estado de São Paulo. Vale destacar que, com exceção do ano de 2004, as taxas de roubos em Jundiá foram menores que as do Estado. Nos anos recentes esta diferença tem se acentuado. No gráfico abaixo, é possível observar esse comportamento.

A expressiva diferença entre as taxas de roubos na cidade de Jundiá e no Estado de São Paulo deve ser objeto de estudos futuros e avaliações periódicas por parte da gestão municipal, de modo a explorar possíveis causas para os números mais baixos em Jundiá e eventuais relações com políticas implementadas no município ou outros fatores contextuais.

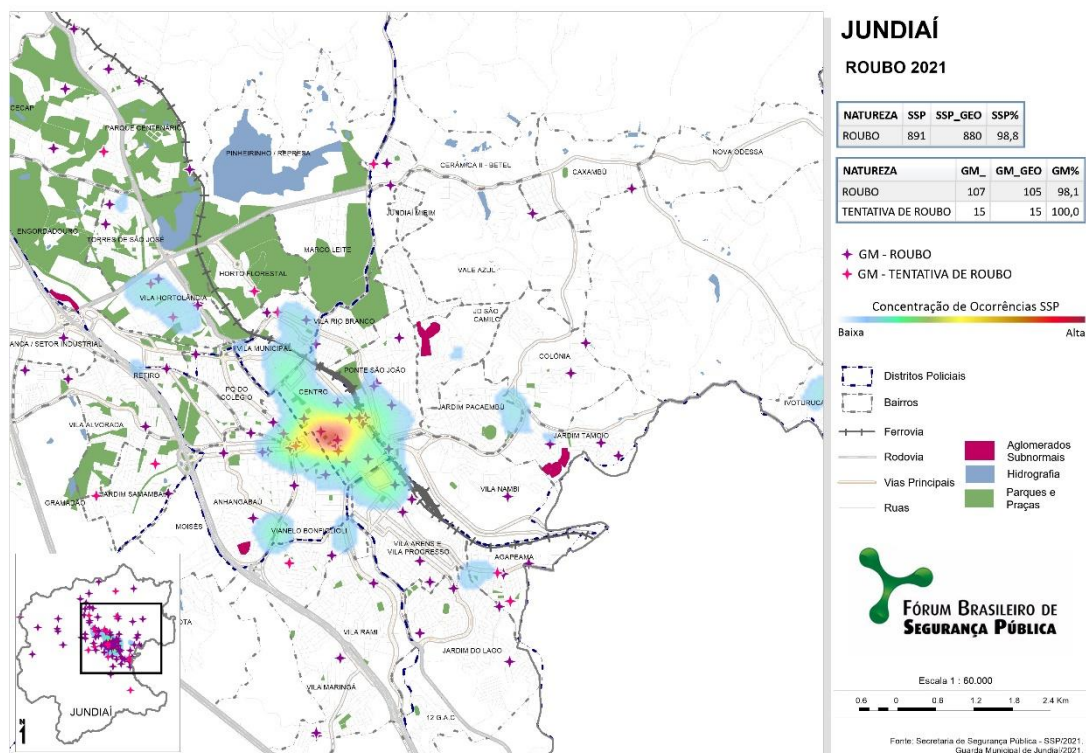
Figura 16: Taxa de roubo Estado de SP e Jundiá (2001-2021)



Fonte: SSP/SP

O mapa abaixo mostra as concentrações de roubos e tentativas no município para o ano de 2021. Os pontos no mapa representam os registros na base da GM e as manchas quentes representam os registros na base da Secretaria de Segurança Pública. Embora concentradas no centro, o mapa mostra também algumas manchas espalhadas pelos bairros mais afastados. Uma análise mais pormenorizada deve relevar que existem fatores atrativos por baixo destas manchas.

Figura 17: Mapa de roubo de Jundiaí (2021)



Fonte: SSP-SP; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

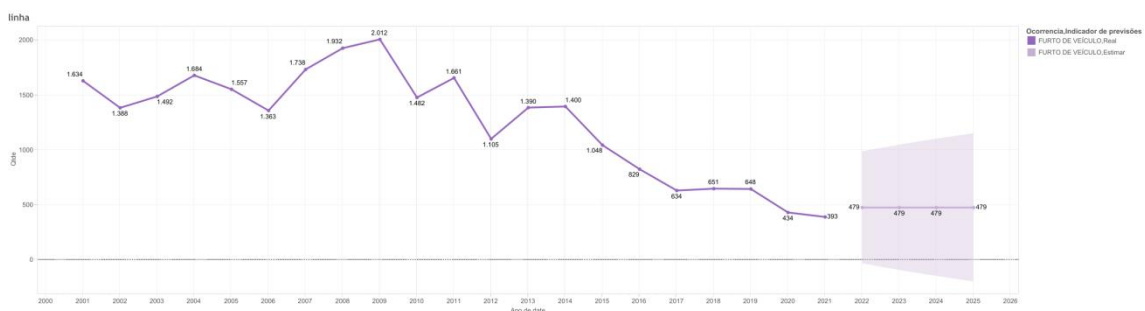
Os roubos, assim como os demais crimes, aconteceram em maior parte na região central de Jundiaí (262), seguido pelos bairros de Vila Arens e Progresso (93) e Anhangabaú (77). São nas vias públicas desses bairros que esses crimes aparecem com os maiores números de casos. De 2020 a 2021, foram 1.509 roubos em vias públicas, 162 em comércios e serviços e 135 em residências, sendo o período da manhã, de segunda à quarta as maiores taxas de ocorrências.

O ano de 2022, começou com 64 ocorrências de roubos e até junho deste ano, o número se manteve em 74 BOs, o que mostra uma tendência de estabilidade.

Furto de veículos

Assim como no restante do Estado, os furtos de veículos caíram acentuadamente na cidade. Em 2001 Jundiaí teve 1.634 veículos furtados e em 2021 o número cai para apenas 393 casos, uma queda da ordem de 76% no período. O pico dos furtos de veículos ocorre em 2009, quando 2.012 veículos foram subtraídos e de lá para cá a queda tem sido constante. A expectativa é de que o município tenha cerca de 480 furtos de veículos nos próximos anos.

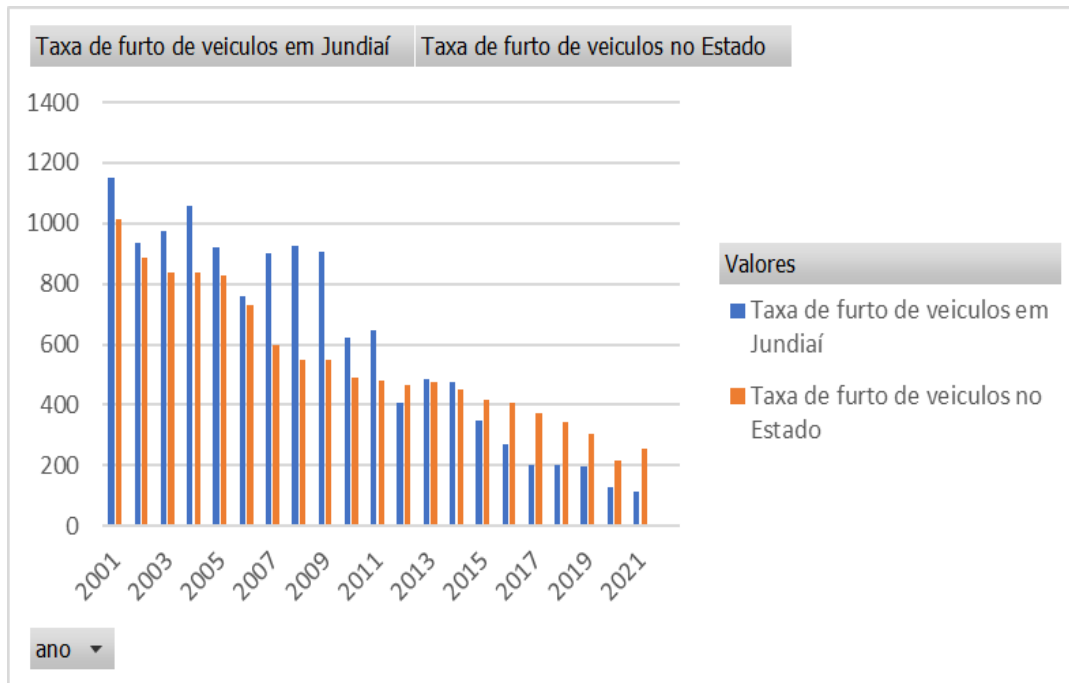
Figura 18: Furto de veículos e previsão (2001-2025)



Fonte: SSP/SP

De 2001 a 2015, as taxas de furtos de veículos em Jundiaí foram maiores que as do Estado de São Paulo e a partir daí passam a ser mais baixas. Assim como nas estatísticas de homicídio, furtos e roubos, os furtos de veículos também decresceram durante 2020 e voltar a crescer em 2021. Note-se, contudo que os furtos de veículos continuaram em queda em 2021 em Jundiaí, ao contrário da tendência estadual.

Figura 19: Taxa de furto de veículo Estado de SP e Jundiaí (2001-2021)

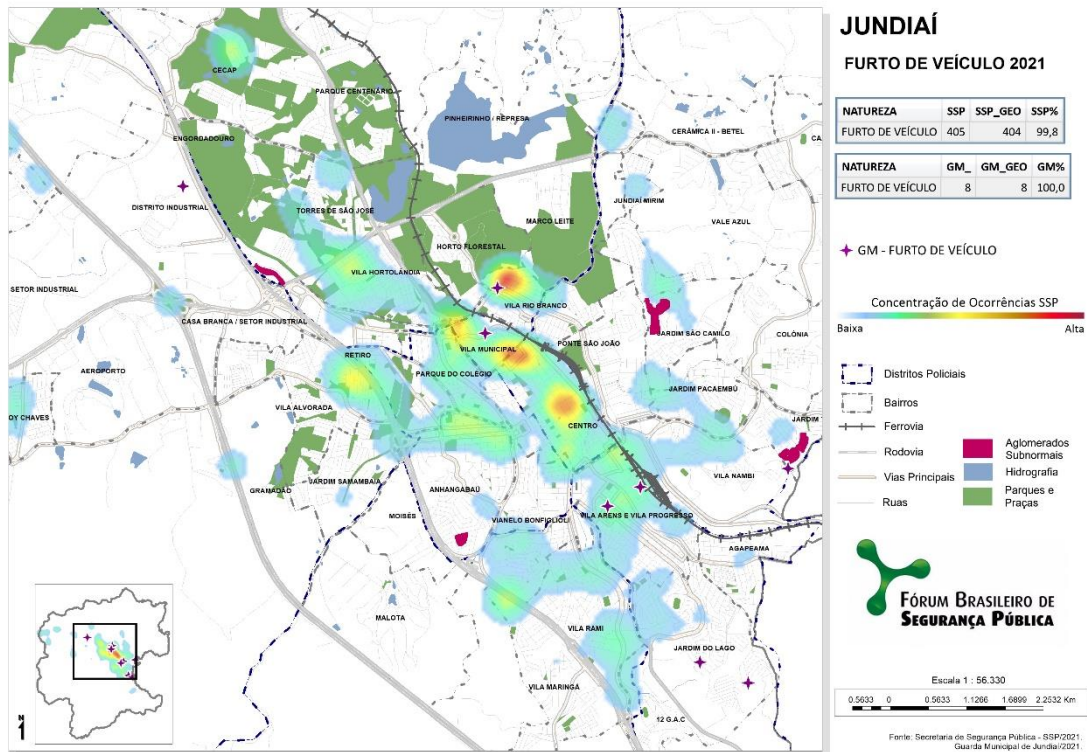


Fonte: SSP/SP

No mapa são apresentados os registros de furto de veículos na cidade em 2021, basicamente ilustrados com os dados da SSP pois a cobertura da base da GM é bastante reduzida. As manchas criminais estão mais espalhadas pela cidade e é comum que os furtos e roubos de veículos ocorram em regiões onde a renda média é mais elevada e onde os veículos são mais novos e abundantes. Equipamentos como faculdades e hospitais, onde os veículos ficam estacionados por diversas horas, são também atratores deste tipo de crime.

No caso dos furtos de veículos, assim como verificado na taxa de roubos de Jundiaí, quando comparada com a taxa estadual, percebe-se uma diferença relevante, em que a cidade possui taxas bem abaixo da média do estado. No caso dos furtos de veículo, sobretudo a partir de 2015. Os possíveis fatores explicativos do fenômeno devem ser objeto de acompanhamento periódico pela gestão municipal.

Figura 20: Mapa de furto de veículo - Jundiaí (2021)

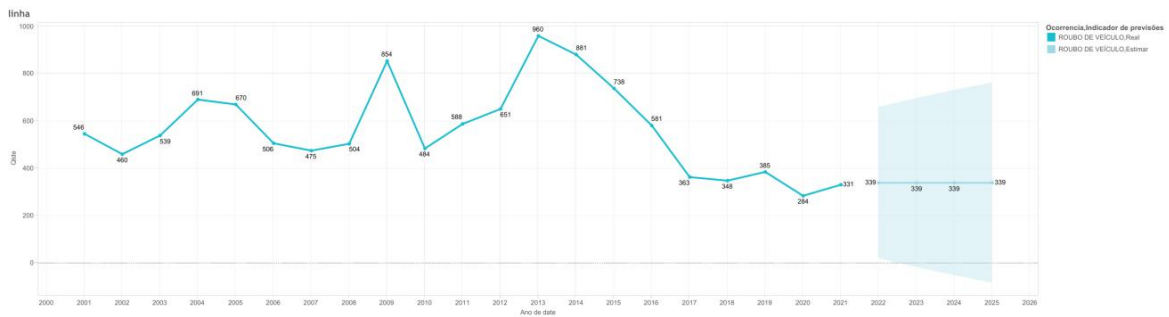


Fonte: SSP/SP

Roubo de veículos

A queda nos roubos de veículos não foi tão acentuada, mas ainda assim é digna de nota. De 546 casos em 2001, Jundiaí passou a 331 no ano passado, uma diminuição de 39,4% em 20 anos. A queda é mais expressiva se recordarmos que no auge, em 2013, a cidade chegou a ter 960 casos. A partir de 2013 tem início um período de queda acentuada. A expectativa para os próximos anos é que se mantenham na média de 339 casos por ano.

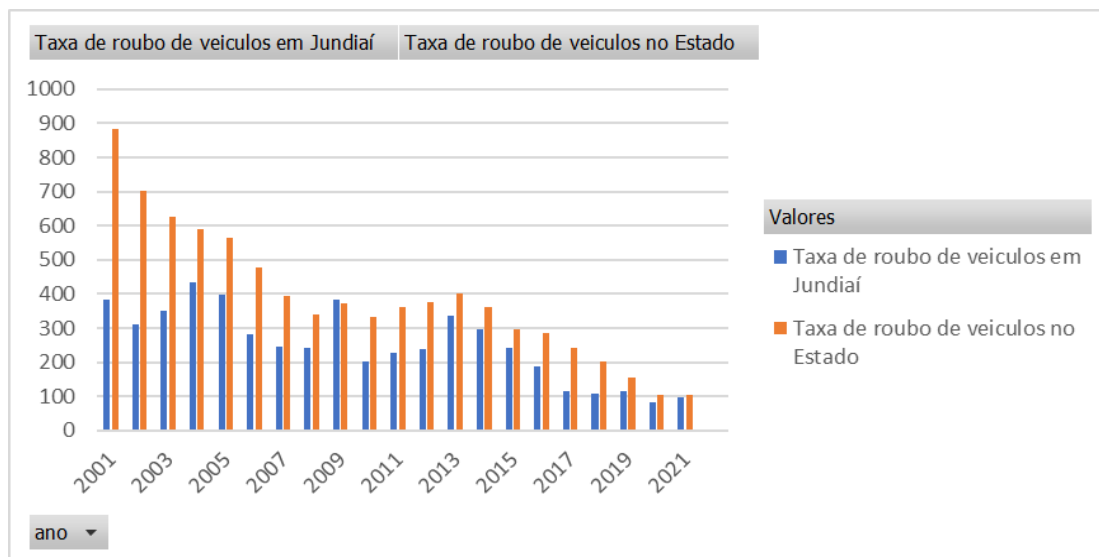
Figura 21: Roubo de veículo e previsão (2001-2025)



Fonte: SSP/SP

As taxas de roubos de veículos em Jundiaí sempre se mantiveram menores que as do Estado. A exceção foi ano de 2009, onde o município apresentou a taxa de 385 roubos por 100 mil veículos, enquanto o Estado, 374. Note-se que no começo do período, em 2001, as taxas de roubos de veículos no Estado eram quase 43% maiores que em Jundiaí e que posteriormente esta diferença diminuiu, ao ponto de serem praticamente iguais em 2021.

Figura 22: Taxa de roubo de veículos Estado de SP e Jundiaí (2001-2021)

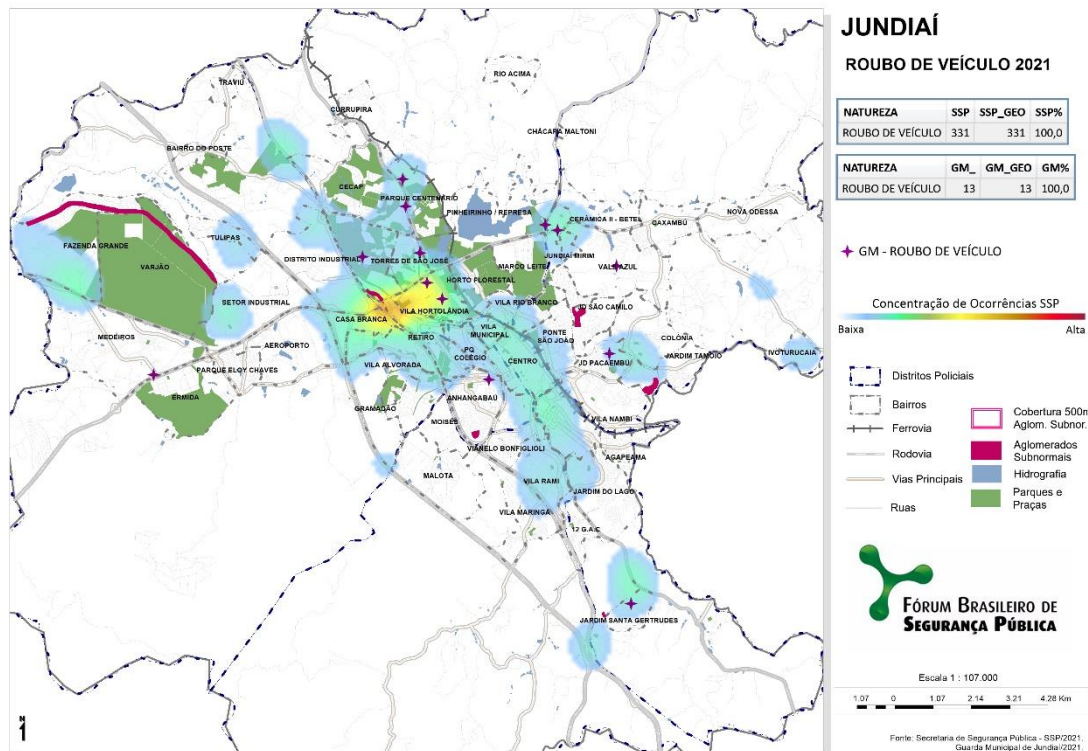


Fonte: SSP/SP

Ao contrário de outros crimes que acontecem, em sua grande maioria, na região central de Jundiaí, os bairros da Vila Hortolândia (38), Retiro (36) e Distrito Industrial (33), se destacam no que diz respeito aos roubos de veículos. As vias públicas, rodovias e

estradas, seguido pelas residências, foram os locais que concentraram esses roubos. Entre 2020 e 2021, 38% desses roubos aconteceram no período da manhã, e 34% no período da tarde, sendo que os maiores percentuais foram entre terça e quinta-feira.

Figura 23: Mapa de roubo de veículos em Jundiáí (2021)



Fonte: SSP/SP

Do começo de 2022 até junho, o número de boletins de ocorrências vem apresentando tendência de queda. Em janeiro, foram 40 BOs, que passaram, e se mantiveram em 30 a partir de maio.

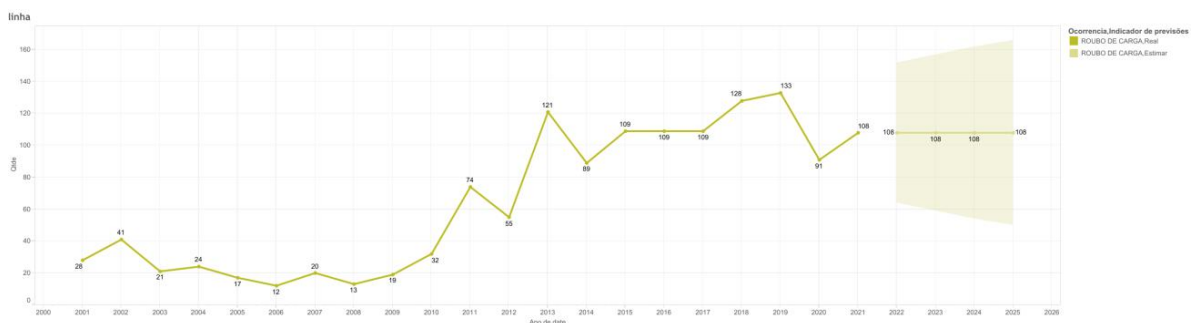
Latrocínios

Duas décadas atrás Jundiáí convivia com 4 a 6 casos de latrocínios por ano, mas no ano passado nenhum caso foi registrado. Os números absolutos são pequenos para se falar em tendências, mas há muitos anos não é ultrapassado o pico de 2005, quando 6 casos foram registrados. A expectativa, baseada na série anterior, é que nenhum latrocínio ocorra na cidade no próximo ano.

Roubo a banco e roubo de carga

Apenas 12 casos de roubo a banco ocorreram na cidade nos últimos 20 anos, o último deles em 2021. Em nenhum ano observaram-se mais de dois casos. Em contrapartida, os roubos de carga estão em alta na cidade, que é cortada por grandes rodovias. Em 2001 foram apenas 28 casos enquanto que em 2021 ocorreram 108, um crescimento de 286% no período. A mudança de patamar parece ocorrer por volta de 2011 e o pico se dá em 2019, com 133 roubos de carga. A projeção é que nos próximos anos mantenha-se uma média de 108 casos, elevada com relação aos anos iniciais da série.

Figura 24: Roubo de carga e previsão (2001-2025)



Fonte: SSP/SP

Desta forma, é importante que a gestão municipal esteja atenta a este crescimento no roubo de cargas que, ao contrário dos outros dados criminais analisados aqui, está em crescimento e apresenta um fator de risco para a segurança na cidade.

Crimes contra a pessoa

Homicídios culposos

Os homicídios culposos por acidente de trânsito diminuíram 30,5% durante os últimos 20 anos, passando de 59 casos em 2001 para 41 casos em 2021. O ápice de seu em 2017 com 72 casos e deste ano em diante a tendência foi de queda. A expectativa é de que se mantenha a média de 44 casos anuais para o próximo ano. Os homicídios dolosos de trânsito são bastante raros na cidade, somando 6 casos nos últimos 20 anos. Acredita-

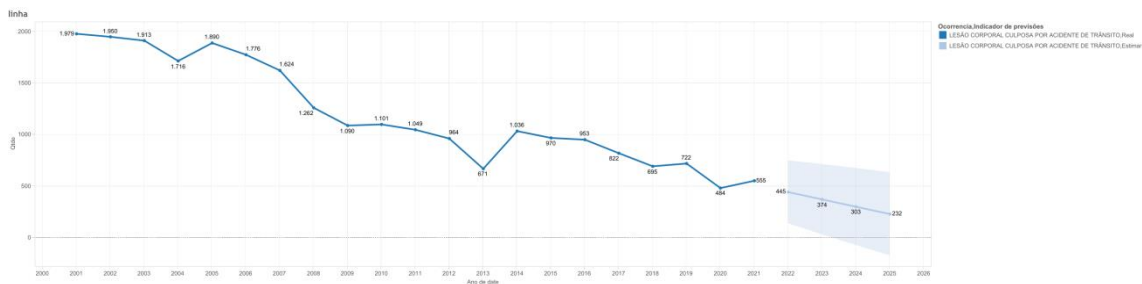
se que o aumento do rigor na punição e fiscalização da Lei Seca tenha contribuído para o processo.

Figura 25: Homicídio culposo por acidente de trânsito e previsão (2001-2025)



Fonte: SSP/SP

Ainda na esfera dos crimes de trânsito, registre-se a expressiva queda das lesões corporais culposas por acidente de trânsito, que caíram de 1.979 para 555 casos nos últimos 20 anos. Uma redução de 72% dos casos. O ano de 2001 foi o mais alto da série e desde lá a queda foi linear e intensa, com exceção de um “pulso” em 2014. A projeção é de continuidade da queda nos próximos anos e de 455 casos para 2022.



Fonte: SSP/SP

Homicídios dolosos

Nos homicídios dolosos a queda foi mais expressiva, passando de 73 casos em 2001 para 17 casos no ano passado, equivalente a -76,7% com relação ao período inicial. A queda se manifesta desde 2001 e para os próximos anos espera-se algo em torno de 14 a 16 casos por ano. A queda dos homicídios é um fenômeno generalizado no Estado de São Paulo. O debate acadêmico e político elencou fatores importantes para o comportamento desse fenômeno paulista, estando entre eles a configuração da dinâmica criminal organizada no estado, com a hegemonia da facção Primeiro Comando

da Capital (PCC), a implementação de políticas públicas e fatores demográficos. Neste sentido um estudo estimou que, entre 2005 e 2009, 11% da redução do crime violento em favelas em que o PCC estava presente é associada com a presença do grupo (BIDERMAN, MELLO, LIMA, SCHEIDER, 2018)⁴.

Assim, as dinâmicas dos grupos criminais organizados são compreendidas enquanto fator de impacto nos índices de mortes violentas intencionais; desde 2018 nota-se, em muitos territórios nacionais, uma amenização de conflitos regionais entre grupos criminosos (exceto na região Norte), tanto pela consolidação de hegemonias, quanto pelo alto custo de manutenção dos conflitos (LIMA, et al, 2022). Nesta esteira tivemos, entre 2020 e 2021, uma queda de 6,5% nas Mortes Violentas Letais Intencionais a nível nacional e queda de 7,9% na região Sudeste)⁵.

Políticas de prevenção à violência focalizadas também foram levantadas como fator importante para a queda verificada a nível nacional – em São Paulo, específica e mais recentemente, o programa Olho Vivo, com a adoção de câmeras corporais nas fardas de policiais militares ajudaram a reduzir a letalidade policial, e, conseqüentemente, as mortes violentas intencionais⁶. Experiências de sucesso de políticas de prevenção em outros estados também demonstraram ter impacto direto nos crimes letais⁷.

Por fim, também a nível nacional e com repercussão para o caso paulista, as mudanças demográficas impactaram de forma substantiva a queda das mortes violentas intencionais, já que o perfil predominante das mortes é de jovens, e com a diminuição do número de adolescentes e jovens de 10 a 19 anos no país e estabilidade do

⁴ O artigo foi publicado no Journal of Quantitative Criminology e está disponível em: [Pax Monopolista and Crime: The Case of the Emergence of the Primeiro Comando da Capital in São Paulo \(cepesp.io\)](https://www.cepesp.io/). Acesso em: 12 dez. 2022.

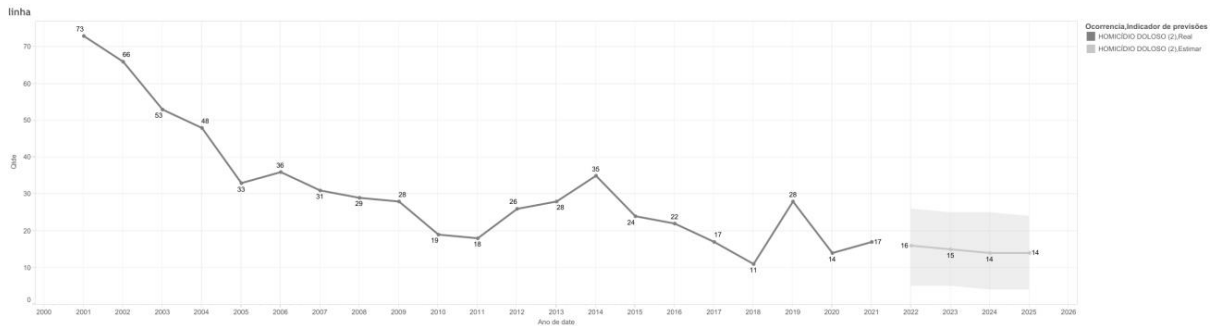
⁵ Os dados podem ser conferidos no Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado em 2022: [anuario-2022.pdf \(forumseguranca.org.br\)](https://forumseguranca.org.br/). Acesso em: 08 dez. 2022.

⁶ A discussão está presente em artigo publicado na revista da FGV, o qual está disponível em: [Vista do Câmeras na farda reduzem a letalidade policial? \(fgv.br\)](https://www.fgv.br/). Acesso em: 08 dez. 2022

⁷ Alguns dessas experiências estão documentadas em artigo publicado na Revista de Administração Pública da FGV: [O que funciona e o que não funciona para reduzir homicídios no Brasil : uma revisão sistemática \(ufrgs.br\)](https://www.fgv.br/). Acesso em: 08 dez. 2022.

quantitativo entre 20 e 29 anos, houve uma relevante diminuição do risco letal, impactando nos índices de morte (LIMA, et al, 2022)⁸.

Figura 26: Homicídio doloso e previsão (2001-2025)



Fonte: SSP/SP

É possível notar uma tendência de queda no número de homicídios, tanto em Jundiaí quanto no Estado, ao longo do tempo. Mesmo com as exceções em certos anos, o Estado de São Paulo e o município de Jundiaí apresentaram queda no número de homicídios. Entre os anos de 2001 e 2021, comparativamente as taxas do Estado se mantiveram maiores do que a do município, como podemos observar no gráfico abaixo:

⁸ A discussão pode ser verificada no texto “A frágil redução das mortes violentas intencionais no Brasil”, escrito por Renato Sérgio de Lima, Samira Bueno, Isabela Sobral e Paulo Januzzi, publicado no 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública: [anuario-2022.pdf \(forumseguranca.org.br\)](https://forumseguranca.org.br/anuario-2022.pdf). Acesso em: 08 dez. 2022.

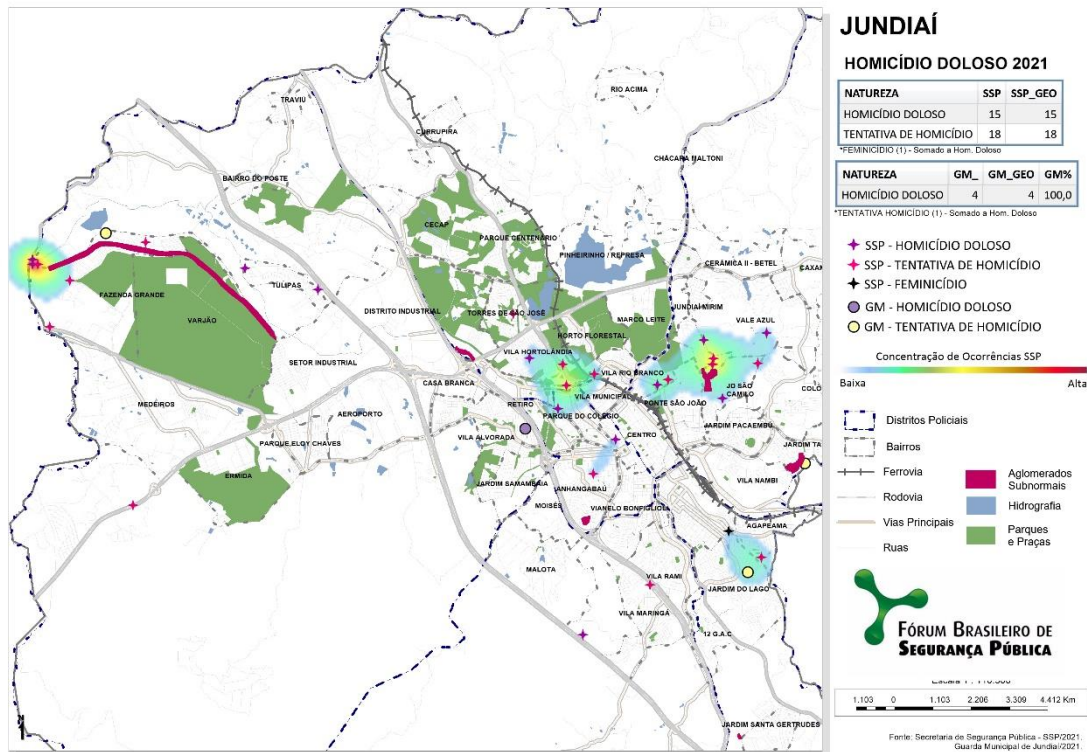
Figura 27: Taxa de homicídios no Estado de São Paulo e Jundiaí (2001-2021)



Fonte: SSP/SP

A quantidade de homicídios dolosos é pequena para efeitos de mapeamento criminal. Enquanto os crimes patrimoniais tendem a se concentrar nas áreas centrais e nas áreas mais nobres da cidade, os crimes contra a pessoa (homicídios, lesões, estupros, etc.) tendem a se concentrar nas regiões mais periféricas e costumam estar associados a indicadores de precariedade econômica social. Jundiaí parece manifestar a mesma lógica e é visível no mapa algumas manchas periféricas, próximas por exemplo as moradias subnormais, ou favelas.

Figura 28: Mapa de Homicídio Doloso - Jundiá (2021)

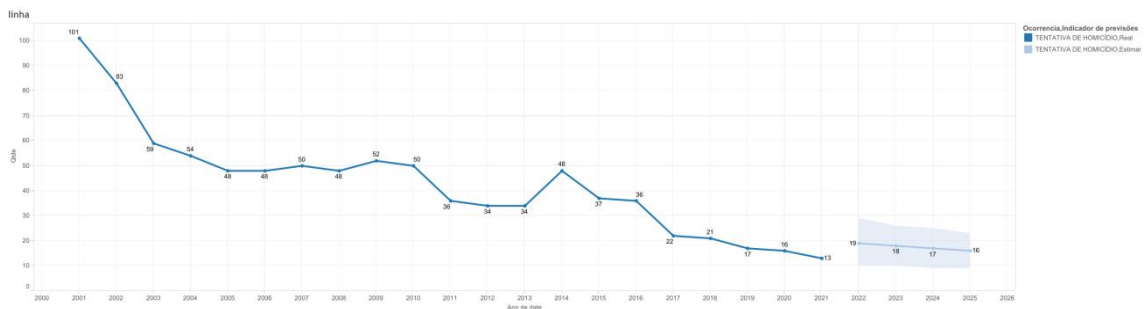


Fonte: SSP; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Tentativas de homicídio

Fenômeno similar ocorreu com as tentativas de homicídio, que tiveram uma redução de 87% no município, passando de 101 casos no início do período para 13 casos no ano passado. A expectativa é de continuidade da queda, com 19 casos projetados para este ano.

Figura 29: Tentativa de homicídio e previsão (2001-2025)

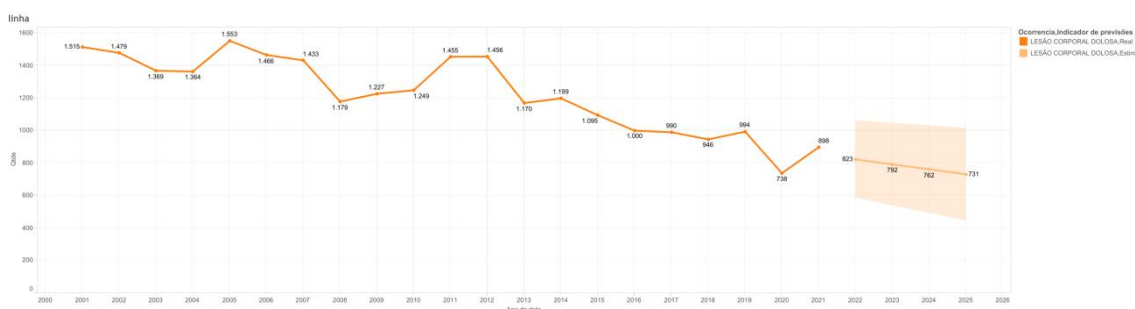


Fonte: SSP/SP

Lesões corporais dolosas

Também no rol dos crimes contra a pessoa, as lesões corporais dolosas caíram 40,7% em duas décadas, passando de 1.515 para 898 casos em 2021. O auge se deu em 2005, com 1.553 casos. A partir de 2012 a tendência de queda se torna bastante nítida. O modelo prevê a continuidade da tendência de queda, prevendo 823 casos para este ano. Registre-se que Jundiáí teve apenas dois casos de lesões corporais seguidas de morte no período, um em 2018 e outro em 2019.

Figura 30: Lesão corporal dolosa e previsão (2001-2025)



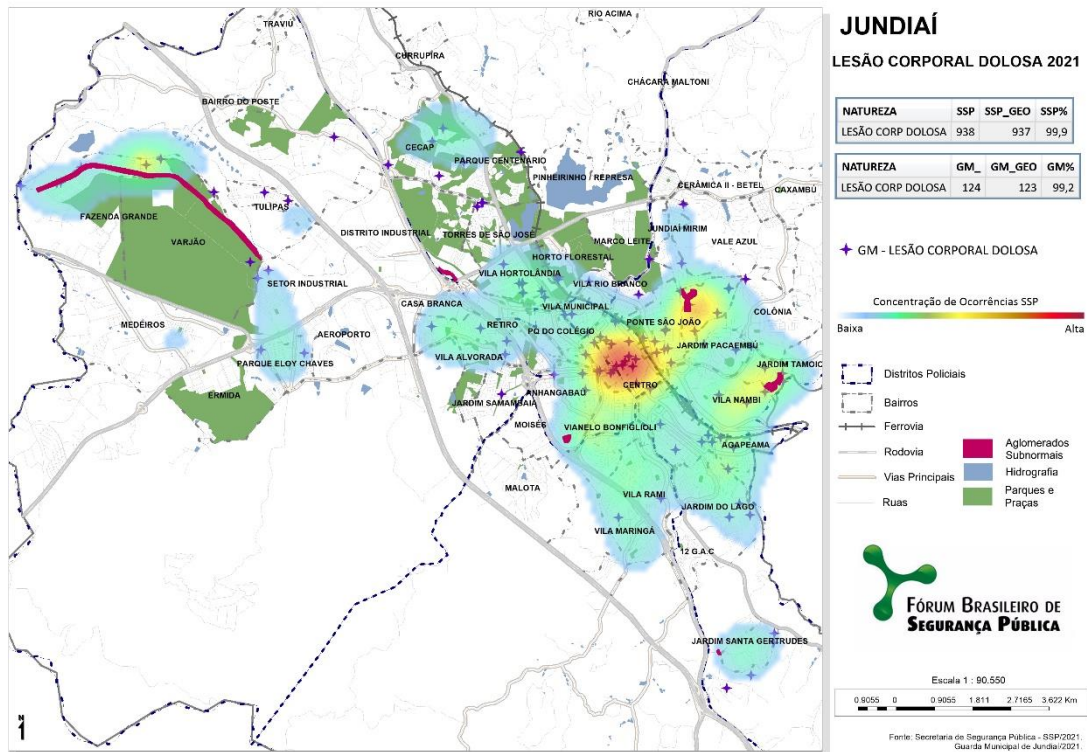
Fonte: SSP/SP

Lesões corporais outras foram de 56 casos em 2001 para 21 no ano passado, uma queda equivalente a 62,5% no período. O pico se deu em 2004 com 123 casos. Entre 2006 e 2014 a cidade teve uma média anual em torno de 60 casos e depois nova diminuição de patamar. A estimativa é de 25 casos para o ano vigente.

As ocorrências de lesões corporais dolosas, durante os anos de 2020 e 2021, estão concentradas na região central (141), no bairro de Novo Horizonte (130) e Vila Maringá (89). Esses crimes ocorreram, em sua grande maioria, nas residências, vias públicas, condomínios residenciais e o período da manhã e da tarde são os destaques, com uma porcentagem de 37,6% e 31,9%, respectivamente.

Como no caso dos homicídios e demais crimes contra a pessoa, além do centro, é possível identificar manchas em áreas periféricas da cidade, próximas a moradias subnormais e bairros onde é menor a infraestrutura e a renda.

Figura 31: Mapa de Lesão corporal dolosa (2021)



Fonte: SSP; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

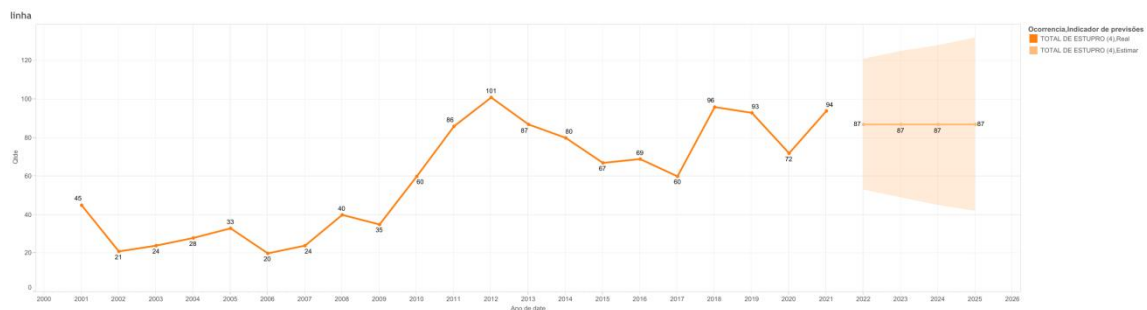
Assim como em 2021, o ano de 2022, começou com número alto de boletins de ocorrências para lesões corporais (88), mas que foi caindo e aumentando até maio e agora apresenta uma tendência de estabilidade, com 78 BOs até então.

Estupros

O crime de estupro, junto ao roubo de cargas e furtos, foi uma modalidade que apresentou crescimento quando analisamos a série histórica - no ano de 2021, também houve um crescimento de 4,2% nos casos de estupros notificados a nível nacional. Os estupros registrados aumentaram 109% nos últimos 20 anos, passando de 45 para 94 casos. O pico se deu em 2012, quando foram registrados 101 casos. É preciso tomar cuidado com a interpretação de tendências de estupros, pois se trata de crime cuja subnotificação é notoriamente elevada e bastante sensível a melhorias no processo de notificação. Os motivos pelos quais as vítimas não denunciam o crime são diversos, passando pela dificuldade da compreensão do fenômeno enquanto crime, medo de retaliação do autor, constrangimento e até receio da revitimização vivenciada no

momento da denúncia (BUENO, et al., 2022⁹). No contexto de pandemia de covid-19, há uma variável a mais: a dificuldade de acesso às delegacias (seja pelo medo de contaminação do vírus ou demais fatores, como a própria locomoção) pode ter influenciado a subnotificação, já que sua notificação exige a presença da vítima nas unidades, para a realização do exame de corpo delito. Na ausência de dados de vitimização, é difícil afirmar se estamos diante de um crescimento do fenômeno ou de um aumento na taxa de registro. De todo modo, mantidas as condições, o modelo prevê o registro de 87 casos de estupro na cidade para os próximos anos.

Figura 32: Estupro e previsão (2001-2025)



Fonte: SSP/SP

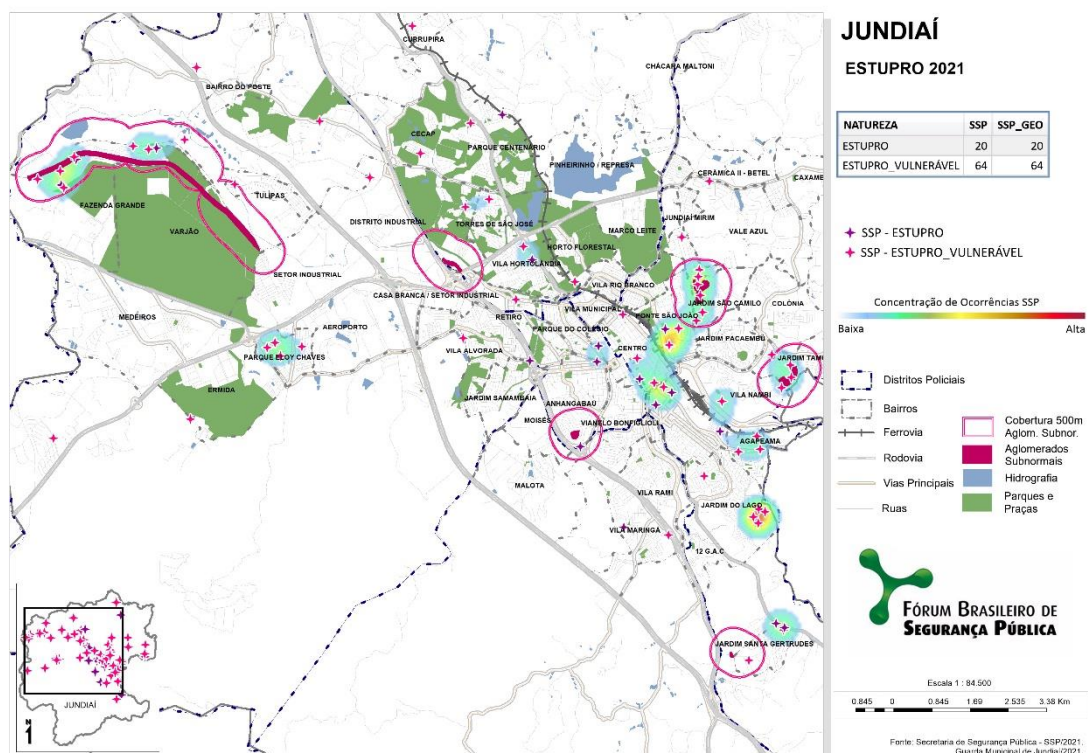
Os estupro e estupro de vulneráveis, que ocorreram dentro do município de Jundiaí entre 2020 e 2021, aconteceram em grande parte nos bairros de Novo Horizonte (15), Jardim do Lago (11) e na região central (8). Os lugares que mais concentraram as ocorrências dessa natureza, foram as residências, vias públicas e condomínios residenciais. O período da madrugada e da manhã são os momentos em que esses crimes mais acontecem, 47,9% e 27,2%, respectivamente, com destaque para a madrugada que apresenta a maior taxa. A partir da quarta-feira, é possível observar um aumento nas taxas dos crimes, sendo as quintas e sextas-feiras, os dias que se destacam com uma taxa de 8,8%.

⁹ Os motivos foram pontuados no texto “Uma década e mais de meio milhão de vítimas de violência sexual”, publicado no 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. A íntegra está disponível em: [11-anuario-2022-uma-decada-e-mais-de-meio-milhao-de-vitimas-de-violencia-sexual.pdf](https://forumseguranca.org.br/11-anuario-2022-uma-decada-e-mais-de-meio-milhao-de-vitimas-de-violencia-sexual.pdf) (forumseguranca.org.br). Acesso em: 12 dez. 2022.

Vale ressaltar que, apesar do ano de 2022, ainda não ter finalizado, as ocorrências de estupro e estupro de vulneráveis, em boletins de ocorrências, no início do ano, se mantém igual aos anos anteriores. A exceção foi para o ano de 2021, onde as ocorrências começaram em alta e foram caindo e aumentando ao longo dos meses. Diferente de 2022, por exemplo, que como em 2021, os números começaram baixos, foram aumentando e se estabilizando, em alguns meses, durante o ano.

Como comentado, trata-se de um crime altamente subnotificado e é preciso ter isso em mente quando falamos de padrões temporais e espaciais. De todo modo, o mapa de estupros notificados mostra este espalhamento pelos bairros periféricos. Note-se em particular, pelos *buffers* em vermelho, que muitos casos ocorrem no interior ou proximidades das moradias subnormais.

Figura 33: Mapa de estupro - Jundiaí (2021)



Fonte: SSP; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Panorama geral das tendências criminais

- Jundiaí acompanha a tendência de queda dos homicídios observada no Estado desde o final dos anos 90, mas apresenta taxas de homicídio menores do que a média estadual em todo o período.
- As taxas de furto, por outro lado, são ligeiramente superiores às médias estaduais e isto provavelmente se deve à renda elevada da população da cidade, uma que vez furtos tendem a acompanhar as oportunidades.
- As variações nos roubos tenderam a acompanhar as variações observadas no Estado, mas neste caso as taxas da cidade são bastante inferiores às estaduais.
- Com relação aos furtos de veículos, observamos queda acentuada nas últimas décadas, tanto no Estado quanto em Jundiaí. Mas observe-se que a queda foi mais intensa em Jundiaí, a tal ponto que as taxas de furto de veículos, que eram superiores à média estadual até 2015, passam a ser inferiores a partir deste ano.
- Os roubos de veículos apresentam igualmente tendência de redução, tanto no Estado quanto na cidade. Neste caso, como observado, as diferenças eram grandes no início do período e vão diminuindo com o passar dos anos.
- Jundiaí parece seguir o padrão das demais cidades com relação à distribuição espacial dos crimes, com furtos concentrados nas áreas centrais, furto e roubo de veículos num cinturão de maior renda e crimes contra a pessoa nas áreas mais pobres e periféricas da cidade.

Boa parte da dinâmica criminal é explicada por fatores sociais e econômicos, de modo que não surpreende a semelhança de tendências entre a dinâmica de um grande centro urbano como Jundiaí e a dinâmica estadual. Isto explica em parte por que as tendências observadas em Jundiaí são bastante próximas das tendências estaduais no período.

Da perspectiva temporal, há um ligeiro aumento nos furtos, aumento nos estupros registrados e um crescimento mais acentuado dos roubos de carga. Nos demais delitos, a tendência é de queda.

Existem várias hipóteses para tentar explicar o fenômeno da queda da criminalidade no Brasil desde 2018 e em São Paulo em particular, cuja tendência de queda é mais antiga e intensa. O que acontece em Jundiaí é muito provavelmente o reflexo destes processos mais gerais, relacionados à economia, demografia e fenômenos sociais e tecnológicos mais amplos.

Isto não significa que seja irrelevante analisar o que acontece em nível local, pois cada cidade tem suas conformações e especificidades e políticas públicas que podem impactar nas tendências estaduais e nacionais mais gerais. Além disso, estamos falando em médias municipais e dentro da cidade as tendências podem ser diferentes, de acordo com a área analisada. Isso deve ser objeto de análise periódica por parte da gestão a partir das prioridades estabelecidas no plano municipal de segurança.

Pesquisa com moradores de Jundiaí sobre percepções e vitimização por crime, violência, e percepções sobre a segurança pública e a Guarda Municipal

Para complementar os dados anteriormente apresentados, o presente diagnóstico contemplou a realização de uma pesquisa com moradores de Jundiaí sobre percepções e vitimização por crime, violência, e percepções sobre a segurança pública e a Guarda Municipal. Esse tipo de pesquisa é internacionalmente utilizado com vistas a mapear as cifras ocultas da criminalidade – geradas pela subnotificação das ocorrências – bem como para avaliar o sentimento geral da população em relação a diversos aspectos sobre segurança, crime, violência e confiabilidade e eficiência dos órgãos públicos responsáveis pela área.

A partir de questionário elaborados pela equipe do Fórum Brasileiros de Segurança Pública, a pesquisa foi executada pela APPC Consultoria e Pesquisa e a análise dos resultados foi feita pela equipe do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Também foram incluídos comentários de ordem metodológica sobre os desafios da coleta de dados, que podem servir como aprendizados em futuras pesquisas em Jundiaí.

Objetivos da pesquisa

Analisar a percepção da população da cidade de Jundiaí sobre o tema da segurança pública, levando-se em consideração o olhar da população sobre questões relacionadas à percepção e a experiência com violência, sua experiência pessoal e direta com a polícia e com a Guarda Municipal, além de perguntas sobre o perfil socioeconômico dos entrevistados.

Metodologia

A fim de atingir o objetivo, foi utilizada metodologia quantitativa, por meio de pesquisa do tipo *survey* face a face, aplicada junto a amostra representativa do universo de moradores com mais de 16 anos do município de Jundiaí.

Foram selecionados aleatoriamente os entrevistados dentro do município, sendo a amostra estratificada por sexo, idade, escolaridade e região da cidade para representar o universo estudado.

As entrevistas propriamente ditas foram realizadas mediante abordagem preferencialmente domiciliar dos entrevistados, mas também em pontos de fluxo quando necessário, conduzidas por equipe de pesquisadores com larga experiência nesse tipo de abordagem, e especialmente treinados para o estudo em questão. Esta metodologia e a tecnologia utilizada permitem a checagem virtual das entrevistas, visando a prevenção de erros e fraudes.

A pesquisa foi realizada **no período de 9 a 25 de setembro de 2022**.

Amostra

A pesquisa teve como base a divisão do município em 7 regiões, conforme definidas pela LC Nº 461/2008.

Visando a obtenção de um resultado que permita a leitura dos resultados por região da cidade, realizou-se uma amostra não representativa de cerca de 228 casos para cada uma das 7 regiões analisadas a fim de se estabelecer um número mínimo de casos para análise estatística em cada uma das regiões estudadas. A distribuição das entrevistas

por região respeitou a proporcionalidade entre os bairros, além de cotas de sexo e faixa etária

A amostra total teve **1.600 entrevistados** e foi recomposta por ponderação das regiões para representar a opinião média da população de toda cidade, seguindo os seguintes critérios:

Tabela 4: Percentual da População, Amostra Real e Representativa e Fator de Ponderação, por Região de Jundiaí, 9 a 25 de setembro de 2022

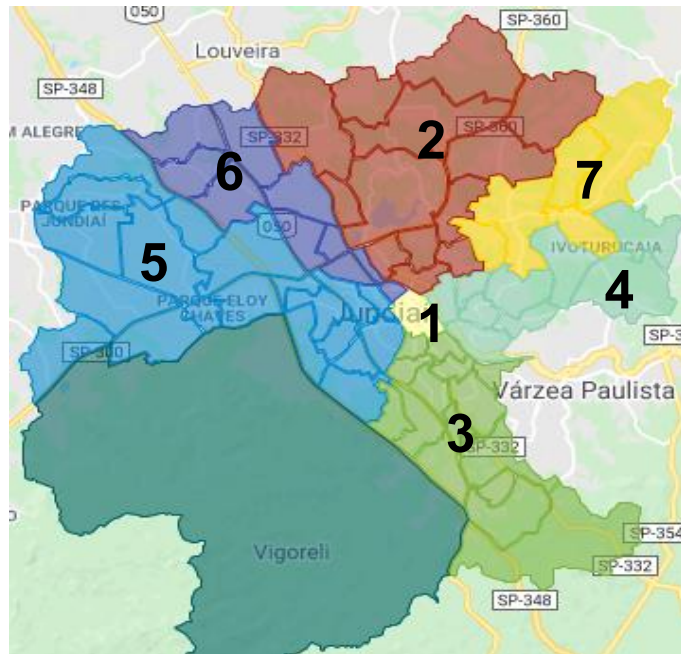
Região	% da População	Amostra Real	Amostra Representativa	Fator de ponderação
1 - Centro	3%	228	42	0,1842
2 - Norte	10%	227	168	0,7401
3 - Sul	25%	230	399	1,7348
4 - Leste	18%	228	285	1,2500
5 - Oeste	31%	230	492	2,1391
6 - Noroeste	11%	229	179	0,7817
7 - Nordeste	2%	228	36	0,1579

Fonte: APPC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A amostra final permite leitura pelo total da cidade, além das variáveis demográficas: sexo, idade, escolaridade, região da cidade e renda. A amostra conta com uma margem de erro de 2,4 pontos percentuais em um intervalo de confiança de 95%. Para cada uma das regiões a margem de erro é de 6,5 pontos percentuais, também para um intervalo de confiança de 95%.

Para a pesquisa, a região da Serra do Japi foi incorporada à região Oeste. O número de entrevistas em cada bairro foi conforme Figura 1 e Tabela 2.

Figura 34: Mapa das regiões de Jundiaí (2022)



Fonte: APPC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Tabela 5: Tamanho Amostral (n), por Região e Bairro de Jundiaí, 2022

Região	Bairro	n	Região	Bairro	n	
1 - Centro	Centro	228	5 - Oeste	Aeroporto	1	
	Champirra	13		Alvorada	36	
	Curruçira	26		Anhangabaú	20	
	Fazenda Conceição	4		Bom Jardim	2	
	Horto Florestal	23		Casa Branca	1	
	Jundiaí Mirim	39		Chácara Urbana	7	
2 - Norte	Marco Leite	0		Distrito Industrial	1	
	Mato Dentro	7		Eloy Chaves	24	
	Parque Centenário	18		Ermida	2	
	Pinheirinho	3		Fazenda Grande	14	
	Rio acima	11		Gramadão	1	
	São José da Pedra Santa	3		Malota	2	
	Tarumã	33		Medeiros	14	
	Vila rio branco	47		Moisés	1	
	3 - Sul	Agapeama		22	Novo Horizonte	38
		Bonfiglioli		17	Retiro	20
Castanho		1		Rio das Pedras	2	
Cristais		0		Samambaia	6	
Jardim do Lago		49	Serra do Japi	20		
Maringá		39	Tulipas	18		
Pracatú		0	6 - Noroeste	Água Doce	17	
Santa Gertrudes		25		Cecap	77	
Terra Nova		0		Engordadouro	27	
Tijuco Preto		4		Fernandes	8	
Vianelo	16	Hortolândia		27		
Vila Arens	14	Jardim Botânico		2		
Vila Militar	0	Poste		6		
Vila Progresso	19	Torres de São José		42		
Vila Rami	24	Traviú		9		
4 - Leste	Campo Verde	0		Vila Municipal	14	
	Colônia	27	7 - Nordeste	Caxambu	124	
	Ivoturucaia	22		Nova Odessa	27	
	Jardim Pacaembu	29		Roseira	41	
	Nambi	31		Toca	10	
	Ponte Alta	4		Vale azul	26	
	Ponte São João	28				
	São Camilo	44				
	Tamoio	43				

Fonte: APPC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Questionário

Foi aplicado um questionário estruturado, composto por perguntas abertas e fechadas, elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública com apoio da APPC, em função dos objetivos da pesquisa.

O questionário era composto por 29 perguntas, sendo 9 delas baterias com até 14 itens, e 2 delas abertas e espontâneas, além de opções abertas em questões de detalhamento de opção “Outros”. Contudo, havia filtros para algumas questões, de tal modo que dificilmente alguém responderia ao questionário completo. O tempo médio de aplicação do questionário foi de 15 minutos.

O questionário foi programado na plataforma *SurveyToGo* e aplicado por meio de tablets equipados com este aplicativo, o que reduz a possibilidade de erros de aplicação, uma vez que os saltos, filtros e rodízios são realizados automaticamente, bem como possibilita a prevenção de fraudes por meio de ferramentas de identificação automática de casos suspeitos e checagem manual das entrevistas pela escuta de trechos gravados das entrevistas. Desta forma, pode-se dizer que 100% da amostra passou por algum filtro de checagem, sendo que em média 20% das entrevistas realizadas por cada entrevistador são conferidas pessoalmente pelas gravações ou ligação telefônica. No estudo em questão não foram identificadas tentativas de fraude na aplicação das entrevistas. Caso fosse identificado algo do tipo, o procedimento é excluir e refazer todas as entrevistas daquele entrevistador.

Equipe e Descrição das Atividades

A equipe de campo foi composta por 9 entrevistadores experientes neste tipo de pesquisa e 1 coordenadora, que eventualmente também realizava entrevistas, além da equipe interna da empresa APPC.

A produção média foi de 12 questionários por dia, por entrevistador. Contudo, é necessário observar que em alguns dias a equipe ficou desfalcada de até um ou dois pesquisadores, principalmente aos finais de semana.

A coordenadora de campo recebia diariamente um relatório com a produção do dia, a fim de conferir com seus controles e definir as cotas individuais para o dia seguinte. A equipe recebeu um treinamento rápido no primeiro dia de campo, na qual teve a oportunidade de testar o questionário e tirar dúvidas, bem como ser orientada sobre especificidades do projeto. Não foram relatadas ocorrências de ameaça ou intimidação à equipe de pesquisa.

Desafios e Soluções

Apesar de o projeto ter sido finalizado dentro do prazo definido inicialmente, alguns obstáculos tiveram que ser transpostos no caminho, os quais descrevemos a seguir.

Dificuldades para a abordagem domiciliar

A quantidade maior que a usual de recusas, não tanto devidas ao tema da pesquisa, mas à rejeição de algumas pessoas às pesquisas de modo geral por conta do período eleitoral, além da dificuldade de encontrar em casa pessoas dos perfis predefinidos pelas cotas dificultaram a realização da pesquisa unicamente na modalidade de abordagem exclusivamente domiciliar. Com a anuência do FBSP, optou-se por aceitar entrevistas com abordagem em pontos de fluxo (“intercept”), desde que se confirmasse que a pessoa abordada era moradora do bairro. Este tipo de abordagem também foi útil em outras situações, como a descrita adiante:

Condomínios fechados

Alguns bairros, como por exemplo, o Marco Leite, eram compostos exclusivamente por condomínios fechados, neste caso específico condomínios de alto padrão, em que uma

pesquisa com abordagem domiciliar é inviável. Nesses casos, optou-se pela realização das entrevistas em locais públicos de lazer nas proximidades (sempre confirmando se a pessoa entrevistada era moradora do bairro), ou a substituição por bairros adjacentes com perfil semelhante.

Bairros com características rurais

Alguns bairros também ofereceram dificuldades por serem bairros com características rurais, compostos por chácaras e sítios, muitas vezes com ruas de terra e pouca sinalização e pouco acesso aos imóveis. Em bairros como esses, as entrevistas foram realizadas em pequenos comércios ou locais com alguma aglomeração. As cotas puderam ser cumpridas, mas não sem prejudicar a produtividade.

Bairros com elevada sensação de insegurança (impressões da equipe de campo)

Descrevemos aqui duas situações, referentes a dois bairros específicos. Primeiramente em relação ao Centro, os relatos dos entrevistadores dão conta de um medo acima do registrado em outros locais acerca da possibilidade de assaltos – a pesquisa também indicou níveis maiores de vitimização de moradores do Centro a respeito de crimes patrimoniais do que a média da cidade. Algumas entrevistas foram feitas por meio de interfone ou mesmo com portões fechados. Raros eram os entrevistados que saíam à calçada para atender os entrevistadores. O receio, como se pode ver inclusive nos resultados da pesquisa, está relacionado aos moradores de rua, pessoas suspeitas na região e questões deste tipo.

Outro caso é o do bairro São Camilo o mais citado como local que os jundiaienses procuram evitar (cerca de 20% dos entrevistados citaram espontaneamente este bairro). Ao realizarem as entrevistas no São Camilo, contudo, a equipe notou que muitas pessoas demonstravam receio em relatar suas experiências com relação a crimes e atitudes suspeitas, portanto pode haver uma subnotificação desses casos na pesquisa, especialmente neste bairro.

Clima e problemas na CPTM

A pesquisa teve 3 dias com produtividade abaixo da média devido às chuvas e um dia devido a um problema técnico nos trens da CPTM, os quais alguns entrevistadores utilizavam para chegar a Jundiaí (este problema foi solucionado optando-se pela hospedagem na cidade nos dias que restavam).

Dificuldades para montagem da equipe

Por se tratar de equipe terceirizada, como é praxe neste tipo de serviço, e pelo fato da pesquisa coincidir com dois eventos que aumentam muito a demanda por profissionais de pesquisa (as eleições e o Censo do IBGE), houve dificuldade em montar uma equipe maior, como estava previsto inicialmente. A equipe que foi contratada, contudo, acabou se mostrando suficiente.

Metodologia

Caracterização da População de Jundiáí

Tabela 6: – Características Socioeconômicas e Geográficas da População Jundiáí, 2022

Variável	Categoria	n	%
Sexo	Masculino	779	48,70%
	Feminino	822	51,30%
Faixa etária	De 16 a 24 anos	297	18,50%
	De 25 a 39 anos	522	32,60%
	De 40 a 59 anos	519	32,40%
	Mais de 60 anos	263	16,50%
Escolaridade	Não escolarizado	11	0,70%
	Analfabeto	24	1,50%
	Ensino Fundamental Incompleto	246	15,30%
	Ensino Fundamental Completo	154	9,60%
	Ensino Médio Incompleto	123	7,70%
	Ensino Médio Completo	635	39,70%
	Ensino Superior Incompleto	141	8,80%
	Ensino Superior Completo	217	13,50%
Renda Familiar Mensal (Salário-Mínimo)	Sem renda	17	1,12%
	Até 1	190	12,51%
	> 1 a 2	458	30,15%
	> 2 a 4	552	36,34%
	> 4 a 10	246	16,19%
	> 10 a 20	41	2,70%
Cor/ raça	> 20	15	0,99%
	Branca	849	53,56%
	Preta	163	10,28%
	Parda	531	33,50%
	Amarela	27	1,70%
Religião	Indígena	15	0,95%
	Católica	797	50,35%
	Evangélica	458	28,93%
	Não tem religião, mas acredita em Deus ou em uma força ou energia superior	182	11,50%
	Espírita kardecista	44	2,78%
	Umbanda	38	2,40%
	Não tem religião nem acredita em Deus, força ou energia superior	32	2,02%
	Outra religião	27	1,71%
Candomblé	3	0,19%	
Região	Judaica	2	0,13%
	Centro	42	2,60%
	Norte	168	10,50%
	Sul	399	24,90%
	Leste	285	17,80%
	Oeste	492	30,70%
	Noroeste	179	11,20%
Nordeste	36	2,20%	

Nota: Salário-Mínimo (R\$ 1.212,00).

Fonte: APPC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública

A maior parte da população da cidade é composta por pessoas do sexo feminino (51,30%), com idades de 25 a 59 anos (65%), com ensino médio completo (39,70%), com renda mensal familiar entre 1 a 4 salários-mínimos (66,49%), da Cor/raça Branca (53,56%), da Religião Católica (50,35%) e residentes na Região Oeste (30,70%) (Tabela 3).

Nota-se que o Centro é uma região com população de idade mais avançada (30,7% acima de 60 anos), além de ser também aquela com maior percentual de pessoas com ensino superior completo ou mais, seguida pela região Nordeste. As regiões Leste, Sul e Oeste, por outro lado, são aquelas com menor percentual de pessoas com ensino superior (Tabela 4).

Tabela 7: Percentual da População Jundiáí, por Sexo, Faixa Etária, Escolaridade e Região, 2022

Variável	Categoria	Total	Região						
			Centro	Norte	Sul	Leste	Oeste	Noroeste	Nordeste
Sexo	Masculino	48,7%	45,2%	49,3%	48,3%	48,7%	48,7%	49,3%	49,6%
	Feminino	51,3%	54,8%	50,7%	51,7%	51,3%	51,3%	50,7%	50,4%
Faixa Etária	De 16 a 24 anos	18,5%	13,2%	18,9%	17,0%	19,3%	19,6%	19,7%	14,5%
	De 25 a 39 anos	32,6%	23,2%	30,8%	30,0%	32,5%	35,2%	35,8%	30,3%
	De 40 a 59 anos	32,4%	32,9%	33,5%	33,0%	31,6%	31,7%	31,9%	38,2%
	Mais de 60 anos	16,5%	30,7%	16,7%	20,0%	16,7%	13,5%	12,7%	17,1%
Escolaridade	NE	0,7%	0,9%	0,0%	1,3%	0,9%	0,4%	0,4%	0,4%
	ANA	1,5%	2,2%	2,2%	1,3%	1,8%	0,9%	2,2%	1,8%
	EFI	15,3%	8,3%	16,3%	15,7%	16,2%	14,8%	15,3%	16,7%
	EFC	9,6%	8,8%	9,7%	10,0%	8,8%	10,9%	7,0%	10,1%
	EMI	7,7%	6,6%	4,4%	7,4%	10,1%	6,5%	11,8%	4,4%
	EMC	39,7%	33,3%	44,5%	36,1%	44,3%	39,1%	39,3%	36,8%
	ESI	8,8%	12,3%	7,5%	11,3%	6,6%	9,1%	6,6%	7,5%
	ESC	13,5%	21,5%	13,7%	12,2%	10,5%	15,2%	13,5%	20,2%
PG	3,1%	6,1%	1,8%	4,8%	0,9%	3,0%	3,9%	2,2%	

Legenda: NE – Não Escolarizado; ANA – Analfabeto; EFI – Ensino Fundamental Incompleto; EFC – Ensino Fundamental Completo; EMI – Ensino Médio incompleto; EMC – Ensino Médio completo; ESI – Ensino Superior incompleto; ESC – Ensino Superior completo; PG – Pós-graduação.

Fonte: APPC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Para renda familiar maior ou igual a 10 salários-mínimos, vê-se que o maior quantitativo de residentes é na região Centro (5,9%) e a menor é na região Nordeste (0,5%) (Tabela a seguir).

Tabela 8: Percentual da População Jundiáí, por Renda Familiar Mensal, Cor/ Raça e Região de Jundiáí, 2022

Variável	Categoria	Total	Região						
			Centro	Norte	Sul	Leste	Centro	Noroeste	Nordeste
Renda Familiar Mensal (Salário-Mínimo)	Sem renda	1,1%	1,8%	0,5%	0,4%	0,9%	2,3%	0,5%	0,5%
	Até 1	12,5%	11,9%	12,1%	15,6%	10,5%	10,3%	15,6%	9,5%
	> 1 a 2	30,2%	26,0%	28,4%	27,2%	34,2%	30,8%	31,1%	29,9%
	> 2 a 4	36,3%	37,0%	35,3%	36,6%	33,8%	37,4%	37,7%	36,0%
	> 4 a 10	16,2%	17,4%	20,0%	15,2%	16,9%	15,4%	14,2%	23,7%
	> 10 a 20	2,7%	5,0%	2,8%	3,6%	3,2%	2,3%	0,9%	0,0%
> 20	1,0%	0,9%	0,9%	1,3%	0,5%	1,4%	0,0%	0,5%	
Cor/ Raça	Branca	53,5%	58,8%	67,3%	52,2%	52,7%	50,9%	47,8%	70,8%
	Preta	10,3%	11,9%	6,7%	8,8%	10,2%	11,8%	14,2%	2,2%
	Parda	33,5%	25,2%	24,7%	37,3%	35,8%	32,5%	35,8%	25,7%
	Amarela	1,7%	2,2%	1,3%	1,3%	0,4%	3,1%	1,3%	0,4%
	Indígena	1,0%	1,8%	0,0%	0,4%	0,9%	1,8%	0,9%	0,9%

Nota: Salário-Mínimo (R\$ 1.212,00).

Fonte: APPC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública

O maior quantitativo de residentes católicos está na região Nordeste (62,1%) e a de residentes evangélicos está na região Leste (37,5%) (tabela a seguir).

Tabela 9: Percentual da População Jundiáí, por Religião e Região de Jundiáí, 2022

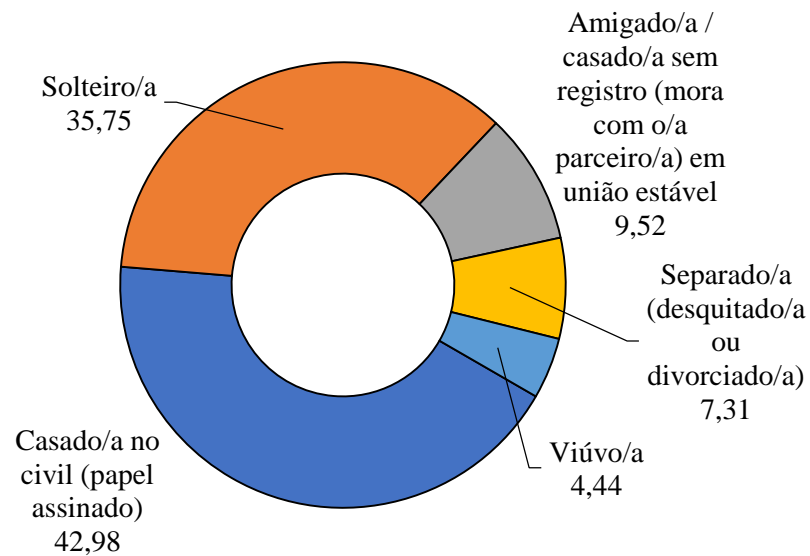
Variável	Categoria	Total	Região						
			Centro	Norte	Sul	Leste	Centro	Noroeste	Nordeste
Religião	Católica	50,3%	47,5%	51,5%	53,7%	43,8%	50,9%	48,9%	62,1%
	Evangélica	29,0%	24,4%	26,0%	23,1%	37,5%	29,2%	33,9%	17,6%
	NTRMAD	11,1%	13,6%	6,6%	9,1%	11,0%	13,5%	14,8%	3,1%
	Espírita	2,8%	4,1%	2,6%	3,9%	1,3%	2,7%	2,6%	2,2%
	Umbanda	2,4%	4,1%	1,8%	5,7%	2,2%	0,4%	0,9%	1,8%
	Outra	1,7%	3,2%	4,8%	2,2%	0,0%	0,9%	2,6%	0,4%
	Candomblé	0,2%	0,5%	0,9%	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,4%
	Judaica	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%

Legenda: NTRMAD - Não tem religião, mas acredita em Deus ou em uma força ou energia superior.

Fonte: APPC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Na Figura abaixo, observa-se que a maior parte da população está no estado civil casado/a (42,98%) seguido dos solteiros (35,75%).

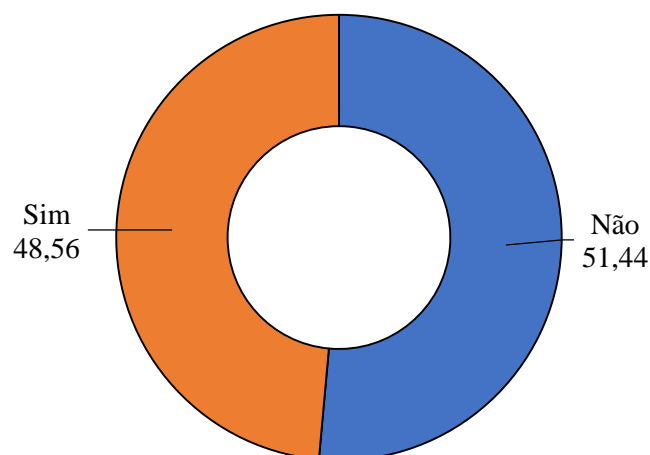
Gráfico 1: Percentual de Moradores de Jundiaí, Por situação civil, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A maioria da população não nasceu (51,44%) em Jundiaí (Figura abaixo).

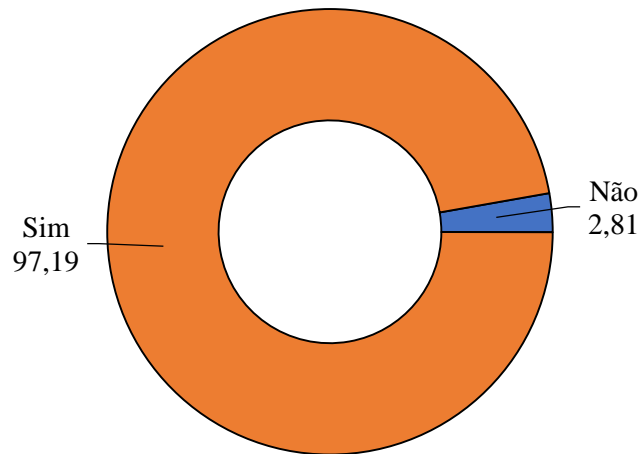
Gráfico 2: Percentual de Moradores, por se Nasceu ou não em Jundiaí, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A maioria da população já estudou/frequentou escola (97,19%) (Figura abaixo).

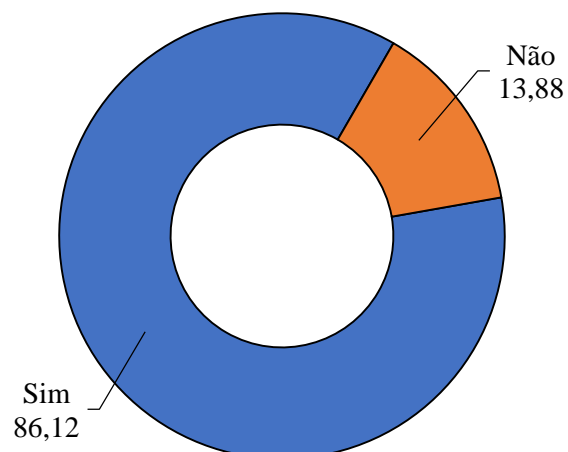
Gráfico 3: Percentual de Moradores de Jundiá, por se Já estudou/frequentou escola, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

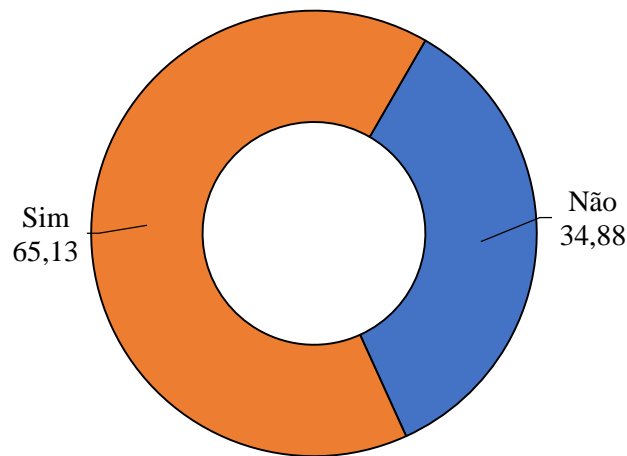
A maioria da população já exerceu alguma atividade remunerada (86,12%) (Figura abaixo).

Gráfico 4: Percentual de Moradores de Jundiá, por se Já exerceu alguma atividade remunerada, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

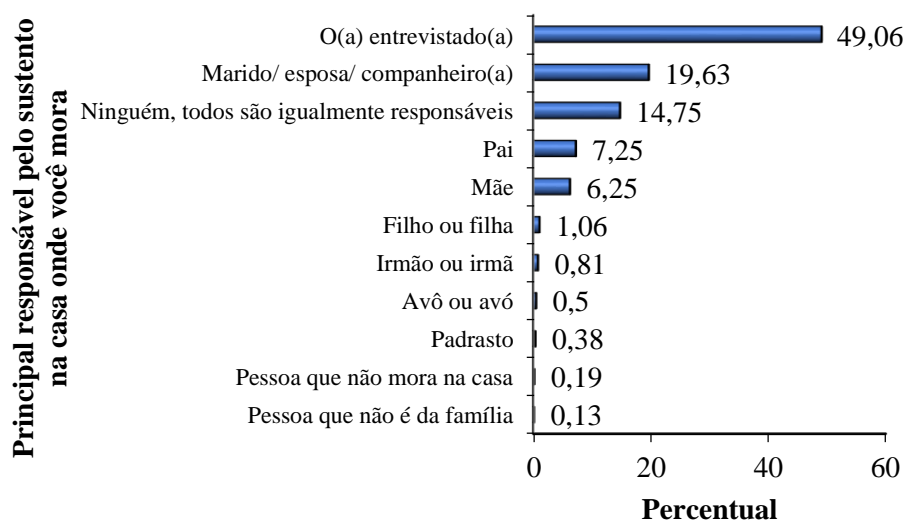
Gráfico 5: Percentual de Moradores de Jundiaí, por se Trabalha atualmente, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

O principal responsável pelo sustento na casa onde mora é o próprio entrevistado (49,06%) (Figura abaixo).

Gráfico 6: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Principal responsável pelo sustento na casa onde você mora, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Programas Sociais

Nota-se que, em relação ao recebimento de benefícios, a maioria dos moradores de Jundiá não recebe nenhum benefício (Tabela abaixo). Entre os que recebem o Bolsa Família/ Auxílio Brasil é o benefício mais recebido (4,1%) dentre aqueles que foram questionados (Bolsa Escolar, Bolsa Família/Auxílio Brasil e Inscrito na FUMAS).

Tabela 10: Percentual da População Jundiá, por Tipo de Benefício Recebido, 2022.

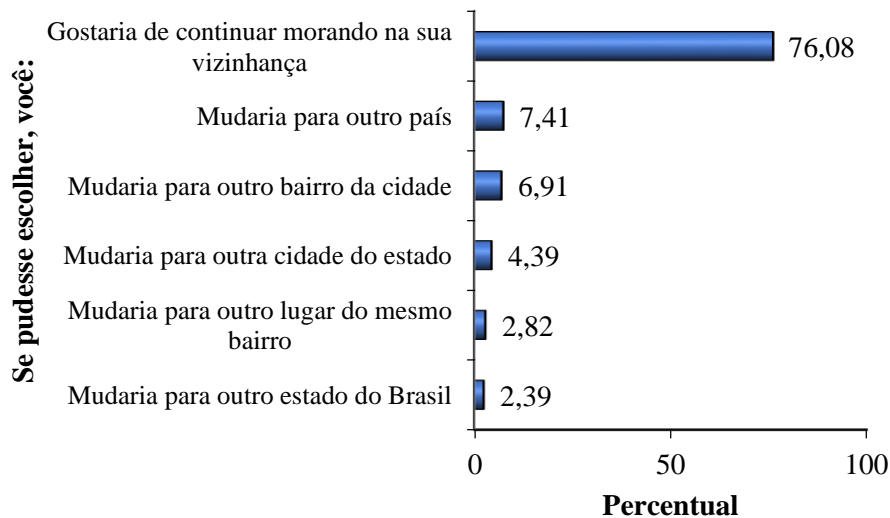
Tipo de Benefício	Categoria	Percentual
Bolsa Escolar	Entrevistado	1,1%
	Outro no domicílio	0,2%
	Ninguém/ não recebe	98,7%
Bolsa Família/ Auxílio Brasil	Entrevistado	4,1%
	Outro no domicílio	2,0%
	Ninguém/ não recebe	93,9%
Inscrito na FUMAS	Entrevistado	2,0%
	Outro no domicílio	0,7%
	Ninguém/ não recebe	97,3%

Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Caracterização da População de Jundiá

A maioria (76,08%) dos moradores de Jundiá afirma que gostariam de continuar morando na sua vizinhança (Gráfico abaixo).

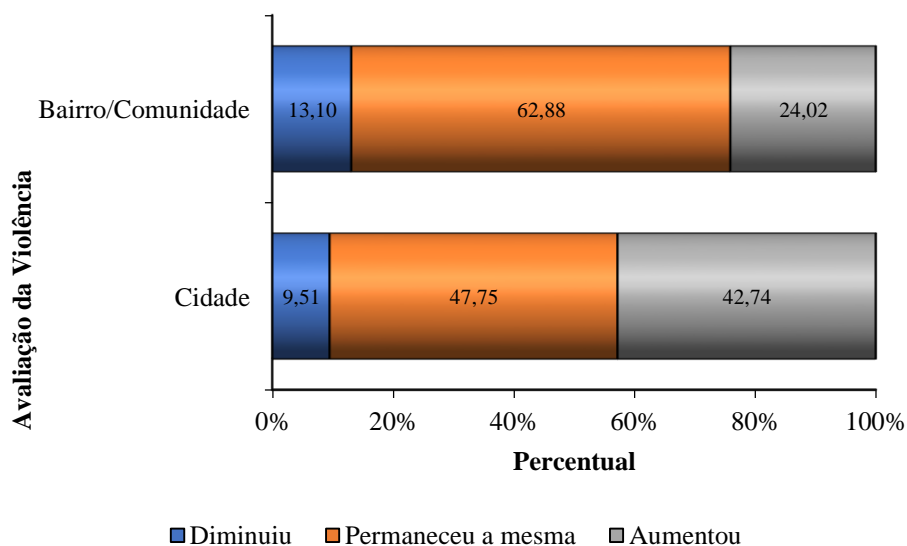
Gráfico 7: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Se você pudesse escolher, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Em relação a avaliação violência, a maioria os moradores de Jundiaí dizem que no bairro/comunidade a violência permaneceu a mesma (62,88%), mas que na cidade há uma divisão de opinião, onde 47,75% dizem violência permaneceu a mesma e 42,74% dizem que aumentou (Figura a seguir).

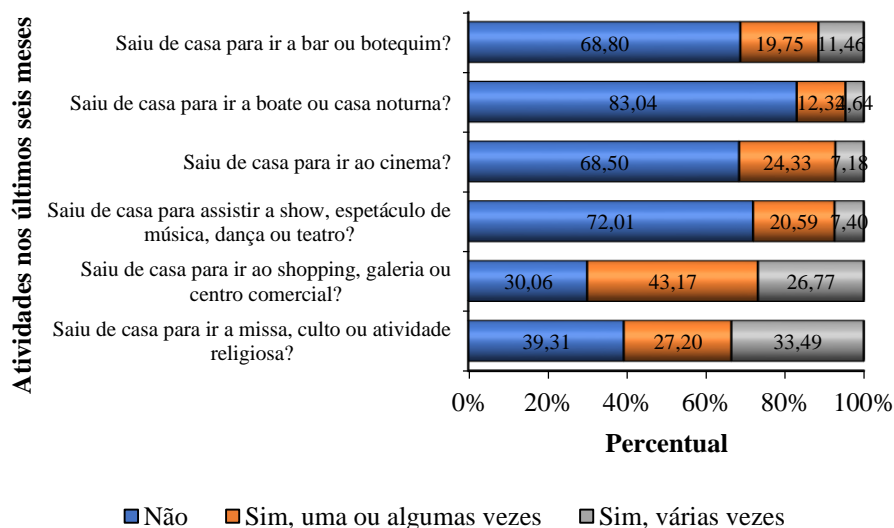
Gráfico 8: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Avaliação da Violência na Cidade e Bairro/Comunidade, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Em relação as atividades que realiza fora de casa, a maior parte dos moradores de Jundiaí dizem que nos últimos seis meses não saíram de casa para ir: (i) a missa, culto ou atividade religiosa; (ii) assistir a show, espetáculo de música, dança ou teatro; (iii) ao cinema; (iv) a boate ou casa noturna e (v) a bar ou botequim. Em relação a ir ao shopping, galeria ou centro comercial a maior parte dos moradores de Jundiaí diz ter ido uma ou algumas vezes (43,17%) (Figura a seguir).

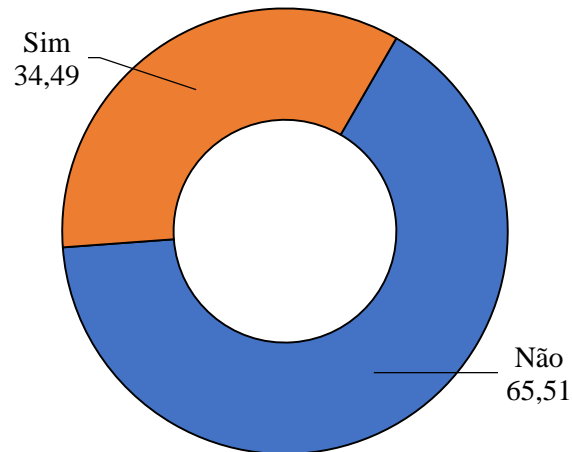
Gráfico 9: Percentual de Moradores de Jundiaí, por atividades realizadas nos últimos seis meses, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A maioria dos moradores de Jundiaí diz não ter medo de frequentar algum bairro da cidade (65,51%) (Figura abaixo).

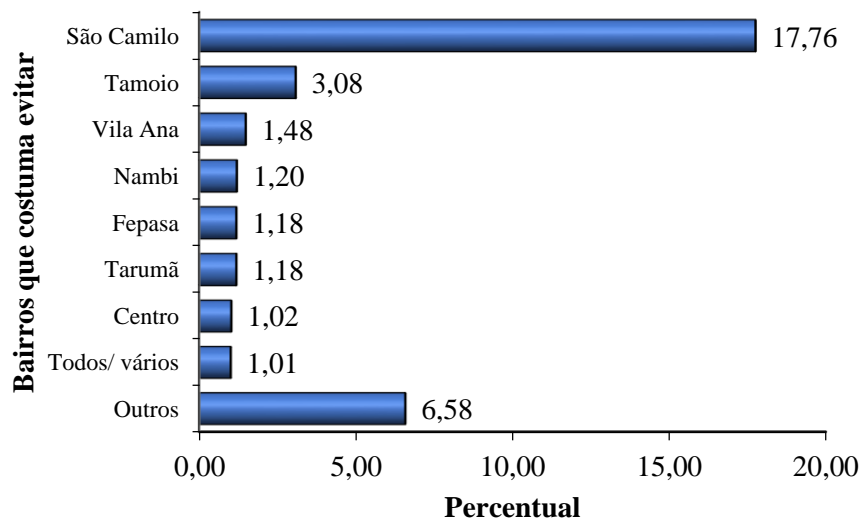
Gráfico 10: Percentual de Moradores de Jundiaí, por existência de medo de frequentar algum bairro da cidade, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A maior parte dos moradores de Jundiaí diz que costuma evitar o bairro São Camilo (17,76%) (Figura abaixo).

Gráfico 11: Percentual de Moradores de Jundiaí, por bairros que costumam evitar, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Violência, drogas e usuários de drogas são os motivos mais citados pelos moradores de todas as regiões de Jundiaí, para evitar bairros da cidade (Tabela abaixo).

Figura 35: Percentual da População Jundiaí, por Motivos para evitar bairros de Jundiaí, 2022.

Variável	Categoria	Total	Região						
			Centro	Norte	Sul	Leste	Oeste	Noroeste	Nordeste
Motivos para evitar	Violência	9,96	13,16	9,89	8,70	9,65	10,43	10,92	11,63
	Drogas/ usuários/ drogados	8,51	12,72	9,44	12,17	6,14	4,78	12,23	9,84
	Assaltos / roubos	5,72	5,70	6,74	5,65	8,33	4,35	4,37	6,71
	Tráfico de Drogas	5,28	7,89	6,74	6,09	4,82	4,35	4,37	7,60
	Local perigoso (s/ especificar)	3,31	3,51	2,25	3,91	2,63	3,91	2,18	4,03
	Bandidos/ ladrões/ criminalidade	1,89	0,88	2,25	2,17	0,88	2,17	2,18	0,89
	Moradores de rua	1,24	2,19	0,45	1,30	3,07	0,43	0,87	1,34
	Falta de segurança	1,21	2,19	1,80	1,74	0,88	0,87	0,87	0,45
	Favela	1,03	0,44	0,45	1,74	0,88	0,87	0,87	0,89
	Outros	1,96	2,63	3,60	1,30	3,07	0,87	3,06	1,79

Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Afastar-se de pessoas suspeitas na rua; não passar em áreas onde há pessoas armadas e evitar andar sozinho(a) são as atitudes mais citadas pelos moradores de Jundiaí, para se proteger da violência ou se sentir mais seguro (Tabela abaixo).

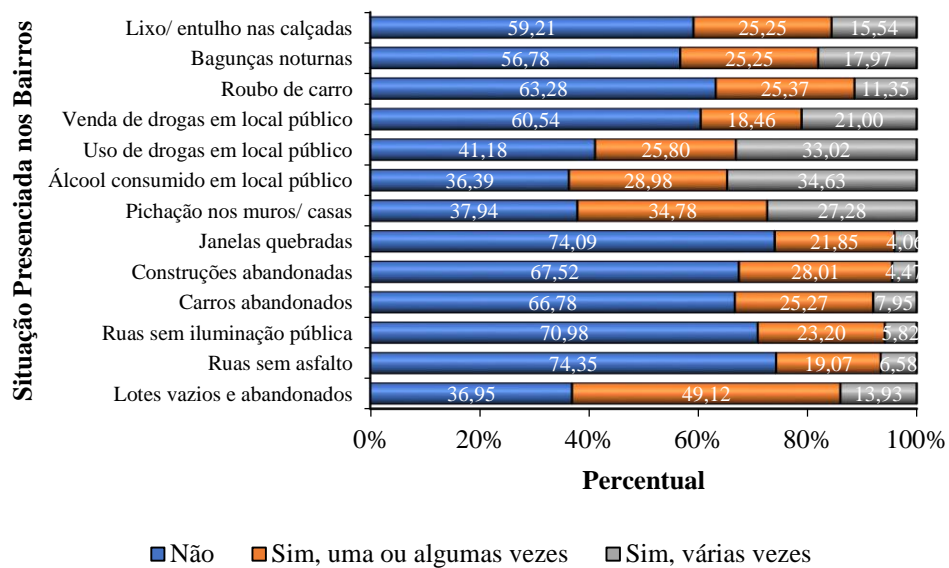
Tabela 11: Percentual da População Jundiaí: Por tipo de atitude para se proteger da violência ou se sentir mais seguro (2022)

Tipo de Atitude	Categoria	Percentual
Você já fez alguma dessas coisas para se proteger da violência ou se sentir mais seguro?	Afastar-se de pessoas suspeitas na rua	71,42
	Não passar em áreas onde há pessoas armadas	54,16
	Evitar andar sozinho(a)	49,70
	Andar de Uber/aplicativo de transporte individual	41,15
	Procurar a polícia	39,03
	Deixar de sair de casa à noite	36,72
	Não voltar para casa de madrugada	32,11
	Deixar de ir a festas, bares ou boates	24,31
	Não usar certa(s) linha(s) de ônibus	18,56
	Não passar perto da polícia	17,51
	Andar de táxi	17,41
	Deixar de voltar para casa	17,21
	Deixar de frequentar um grupo de amigos ou colegas	17,00
	Recorrer a uma associação de moradores	14,22
Deixar de ir à escola ou faculdade	4,80	

Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A maior parte dos moradores de Jundiaí, diz não ter presenciado em seu bairro: (i) Ruas sem asfalto; (ii) Ruas sem iluminação pública; (iii) Carros abandonados; (iv) Construções abandonadas; (v) Janelas quebradas; (vi) Pichação nos muros/ casas; (vii) Álcool consumido em local público; (viii) Uso de drogas em local público; (ix) Venda de drogas em local público; (x) Roubo de carro; (xi) Bagunças noturnas e (xii) Lixo/ entulho nas calçadas (Figura 12). Porém, a maior parte diz ter presenciado em seu bairro uma ou algumas vezes Lotes vazios e abandonados.

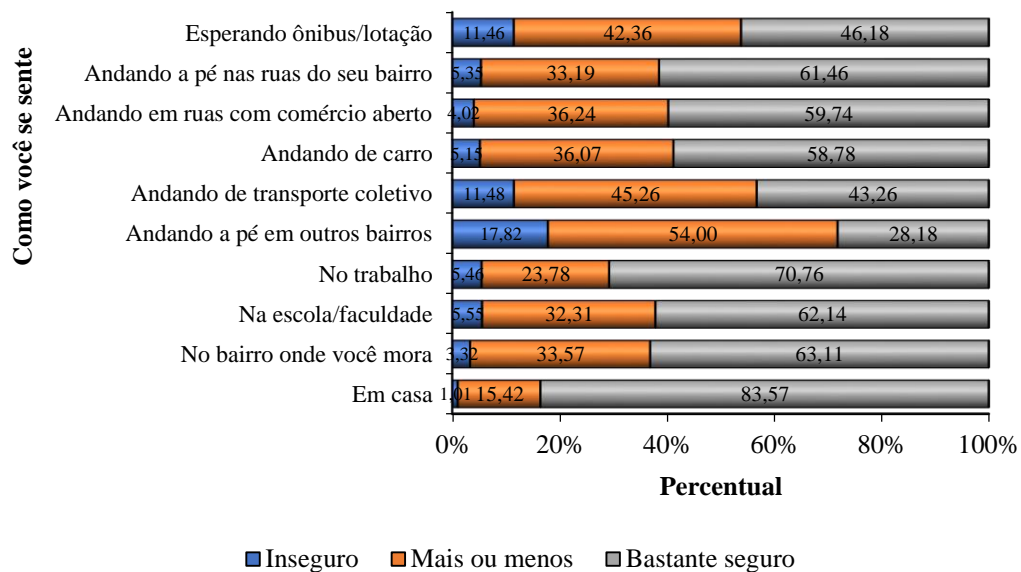
Gráfico 12: Percentual de moradores de Jundiaí, por tipo de situação presenciada nos bairros, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A maior parte dos moradores de Jundiaí, diz sentir-se bastante seguro nas seguintes situações do cotidiano: (i) Em casa; (ii) No bairro onde você mora; (iii) Na escola/faculdade; (iv) No trabalho; (v) Andando de transporte coletivo; (vi) Andando de carro; (vii) Andando em ruas com comércio aberto; (viii) Andando a pé nas ruas do seu bairro e (ix) Esperando ônibus/lotação (Gráfico 13). Porém, a maior parte diz sentir-se mais ou menos seguro ao andar a pé em outros bairros.

Gráfico 13: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Sentimento de segurança ou insegurança em Situações do Cotidiano, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

As situações mais presenciadas pelos moradores de Jundiaí, nos bairros e comunidades foram: (i) Pessoas consumindo ou vendendo drogas ilegais na rua; (ii) Pessoas brigando, agredindo-se fisicamente; (iii) Pessoas roubando ou furtando e (iv) Pessoas sendo assaltadas nas ruas da vizinhança (Tabela a seguir). Destaque para as Regiões Centro e Leste.

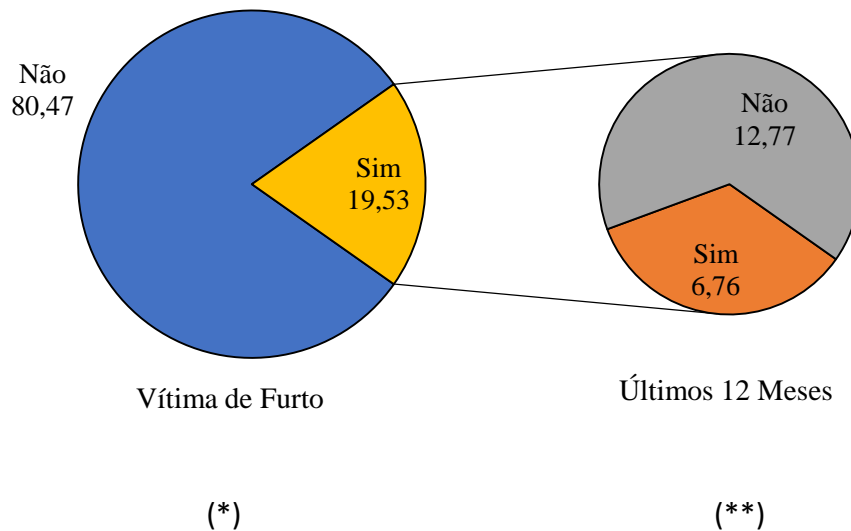
Tabela 12: Percentual da População Jundiáí: Tipo de situação que acontece no seu bairro ou comunidade e Região de Jundiáí (2022)

Variável	Categoria	Total	Região						
			Centro	Norte	Sul	Leste	Oeste	Noroeste	Nordeste
Nos últimos 12 meses, você viu alguma dessas situações acontecendo no seu bairro ou comunidade?	Pessoas consumindo ou vendendo drogas ilegais na rua	36,63	34,65	38,77	32,61	50,44	31,30	39,30	23,68
	Pessoas brigando, agredindo-se fisicamente	25,29	35,96	23,79	23,04	28,95	26,09	23,14	15,35
	Pessoas roubando ou furtando	22,56	32,89	27,31	19,57	30,26	19,13	21,83	10,96
	Pessoas sendo assaltadas nas ruas da vizinhança	17,20	24,56	19,38	14,78	21,93	14,78	18,78	13,16
	Pessoas cobrando dinheiro para dar segurança	16,04	21,05	23,79	16,52	11,84	14,35	18,78	11,40
	Mulheres que residem na sua vizinhança sendo agredidas por companheiros ou por parentes	15,82	21,49	14,98	15,22	17,98	16,09	14,41	6,14
	Pessoas quebrando janelas, pichando muros, fazendo arruaça ou destruindo equipamentos coletivos como orelhões, postes de luz, lixeiras	15,49	27,19	14,10	14,78	16,23	16,52	12,66	10,09
	Pessoas andando com arma de fogo na rua que não fossem policiais em serviço	9,34	10,53	7,49	7,39	11,84	11,30	6,55	5,26
	Pessoas conhecidas portando arma de fogo	6,72	8,77	7,49	5,22	7,89	7,83	4,80	2,63
	Pessoas formando ou participando de gangues	4,04	5,26	3,08	1,30	6,14	5,22	4,80	0,88
	Pessoas sendo atacadas sexualmente	3,67	6,14	3,08	2,61	4,39	4,78	2,18	1,75
	Pessoas sendo mortas por arma de fogo	3,65	3,95	4,41	1,74	3,95	5,65	1,75	0,88

Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Conforme o gráfico abaixo, considerando o tempo total em que reside em Jundiáí (*), pode-se observar que a minoria dos moradores já foi vítima de furto (19,53%), e destes apenas 6,76% foram vítimas nos últimos 12 meses (**).

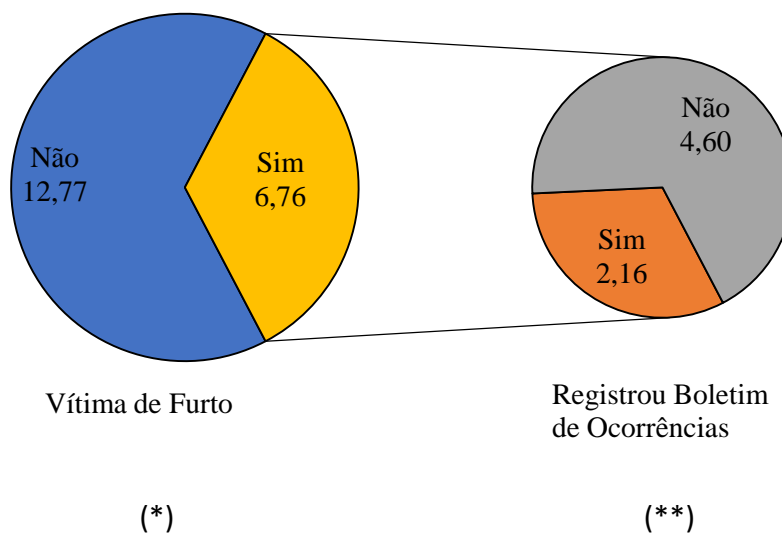
Gráfico 14: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Se foi vítima de furto considerando o tempo total em que reside em Jundiaí (*) e também, os últimos 12 meses (2022)



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Dentre os moradores de Jundiaí que foram vítimas de furto nos últimos 12 meses (*), a minoria fez registro de ocorrência (**) (2,16%) (Gráfico a seguir).

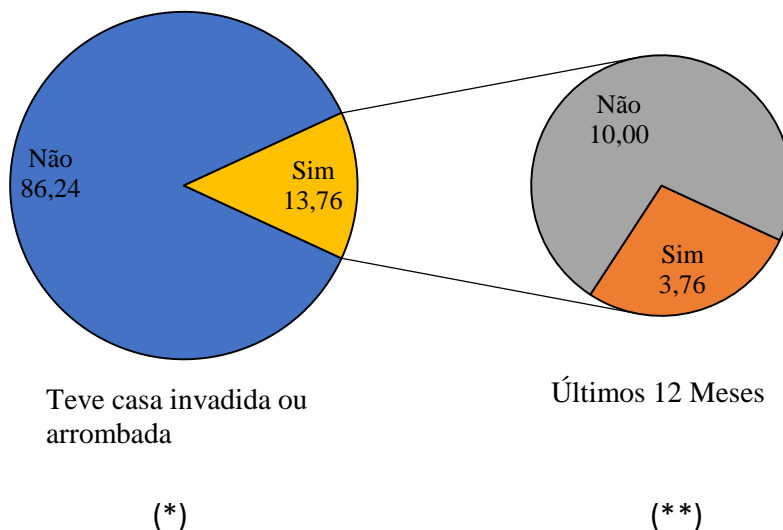
Gráfico 15: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Se foi vítima de furto nos últimos 12 meses (*) e fez registro das ocorrências (**), 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Considerando o tempo total em que reside em Jundiaí (*), pode-se observar que a minoria dos moradores já teve casa invadida ou arrombada (13,76%), e destes apenas 3,76% foram vítimas nos últimos 12 meses (**) (Figura a seguir).

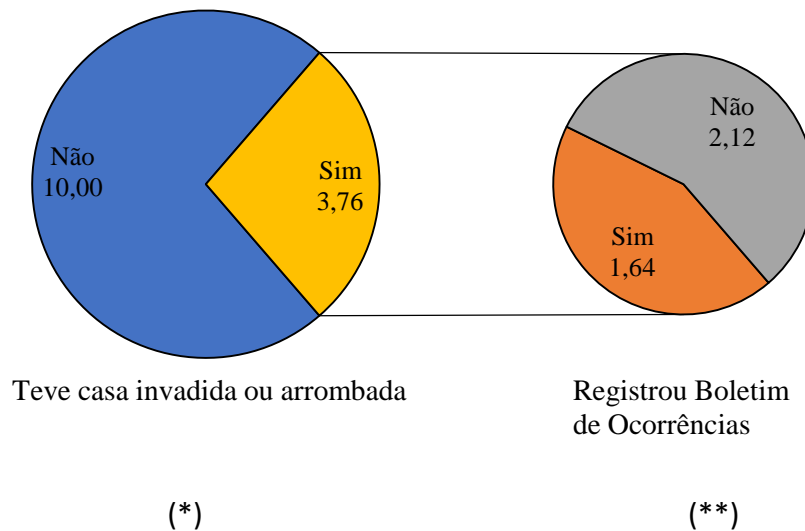
Gráfico 16: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Se teve casa invadida ou arrombada considerando o tempo total em que reside em Jundiaí (*) e, também, os últimos 12 meses (**), 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Dentre os moradores de Jundiaí que tiveram a casa invadida ou arrombada nos últimos 12 meses (*), a minoria fez registro de ocorrência (**) (1,64%) (Gráfico17).

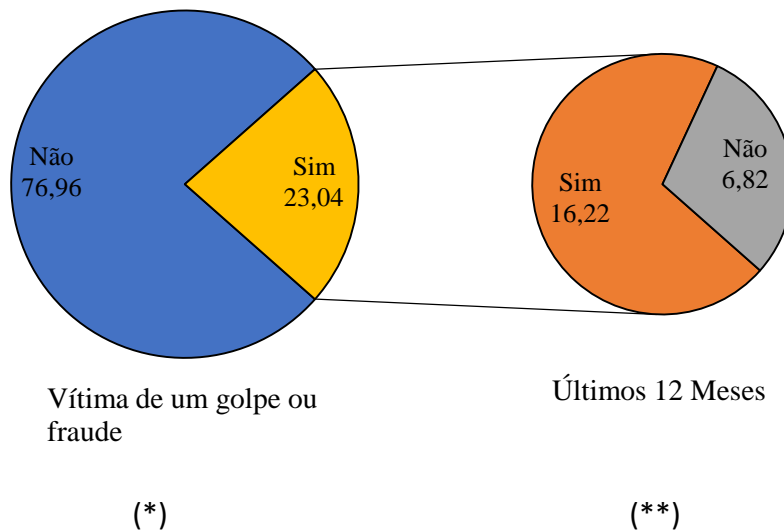
Gráfico 17: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Se teve casa invadida ou arrombada nos últimos 12 meses (*) e fez registro das ocorrências (**), 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Considerando o tempo total em que reside em Jundiaí (*), pode-se observar que a minoria dos moradores já foi vítima de um golpe ou fraude (23,04%), e destes 16,22% foram vítimas nos últimos 12 meses (**) (Gráfico a seguir).

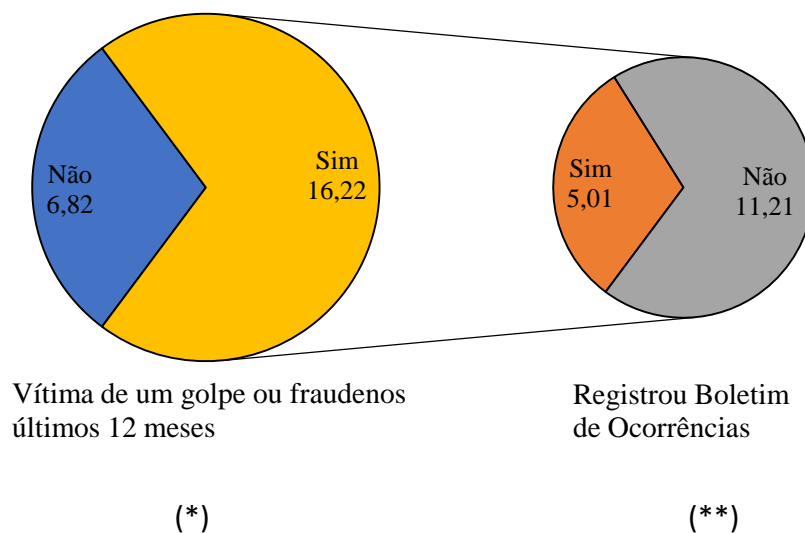
Gráfico 18: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Se foi vítima de um golpe ou fraude considerando o tempo total em que reside em Jundiaí (*), também, os últimos 12 meses, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Dentre os moradores de Jundiaí que já foram vítimas de um golpe ou fraude nos últimos 12 meses (*), a minoria fez registro de ocorrência (5,01%) (**) (gráfico a seguir).

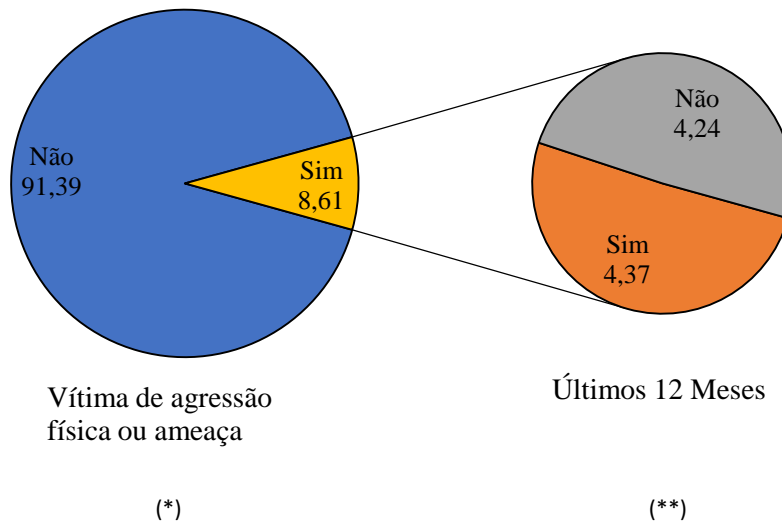
Gráfico 19: Percentual de Moradores de Jundiaí, por Se foi vítima de um golpe ou fraude nos últimos 12 meses (*) e fez registro das ocorrências (**), 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Considerando o tempo total em que reside em Jundiá (*), pode-se observar que a minoria dos moradores foi vítima de agressão física ou ameaça (8,61%), e destes 4,37% foram vítimas nos últimos 12 meses (**) (gráfico a seguir).

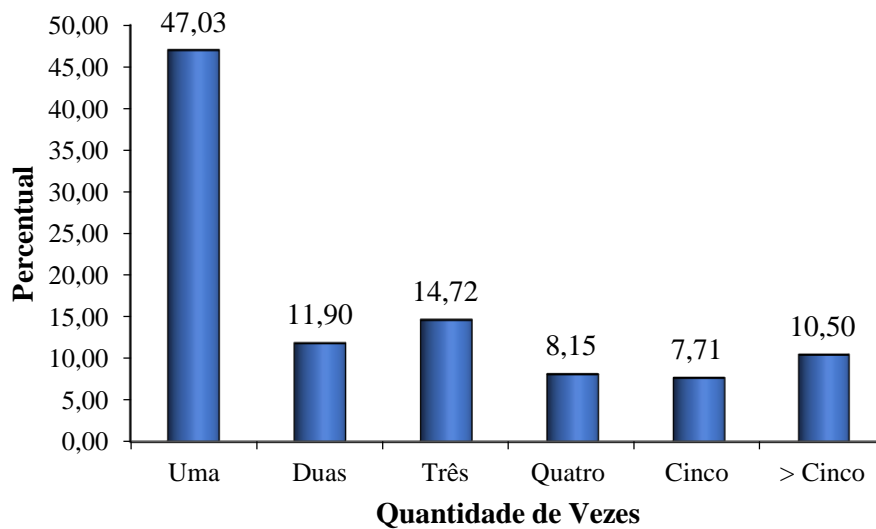
Gráfico 20: Percentual de Moradores de Jundiá, por Se foi vítima de agressão física ou ameaça considerando o tempo total em que reside em Jundiá (*) e, também, os últimos 12 meses (**), 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A maior parte dos moradores de Jundiá que já foi vítima de agressão física ou ameaça, foi vítima uma vez (47,03%) (Figura a seguir).

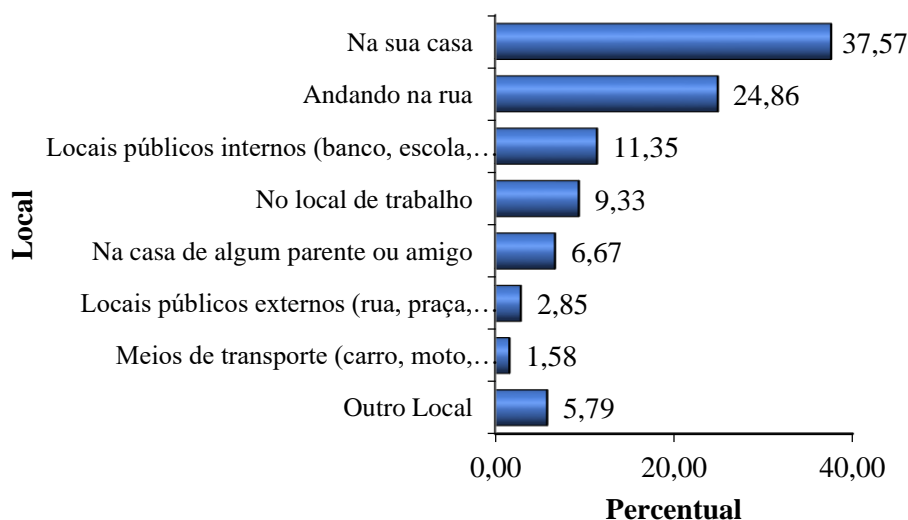
Gráfico 21: Percentual de Moradores de Jundiaí que já foi vítima de agressão física ou ameaça considerando o tempo total em que reside em Jundiaí, por quantidade de vezes que foi vítima de agressão física ou ameaça, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A maior parte dos moradores de Jundiaí que já foi vítima de agressão física ou ameaça, foi vitimado na sua própria casa (37,57%), seguido daqueles que foram vitimados andando na rua (24,86%) (Figura a seguir).

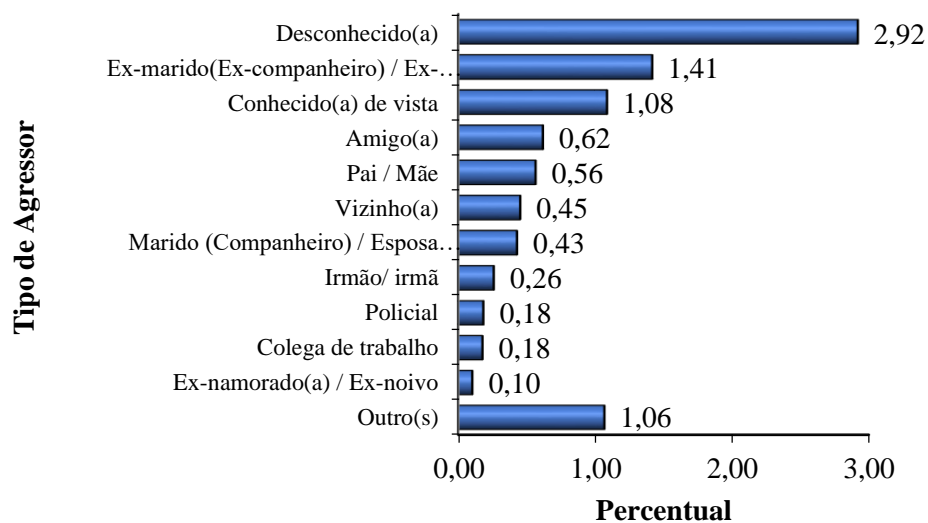
Gráfico 22: Percentual de Moradores de Jundiaí que já foi vítima de agressão física ou ameaça considerando o tempo total em que reside em Jundiaí, Por onde estava durante a agressão física ou ameaça, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A maior parte dos moradores de Jundiá que já foi vítima de agressão física ou ameaça, foi vitimado por agressor/a desconhecido/a (2,92%), seguido de Ex-marido (Ex-companheiro) / Ex-esposa (Ex-companheira) (1,41%) (Figura abaixo).

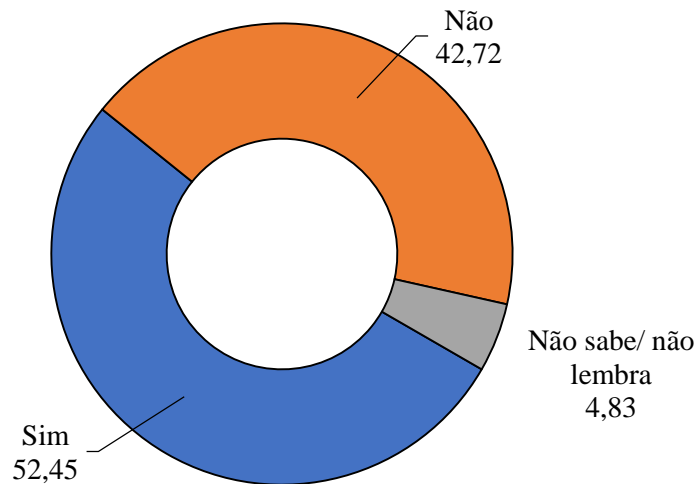
Gráfico 23: Percentual de Moradores de Jundiá que já foi vítima de agressão física ou ameaça considerando o tempo total em que reside em Jundiá, por tipo de agressor, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A maior parte dos moradores de Jundiá que já foi vítima de agressão física ou ameaça, diz que o agressor/a estava sob efeito de entorpecentes (drogas/álcool) (52,45%) (Figura abaixo).

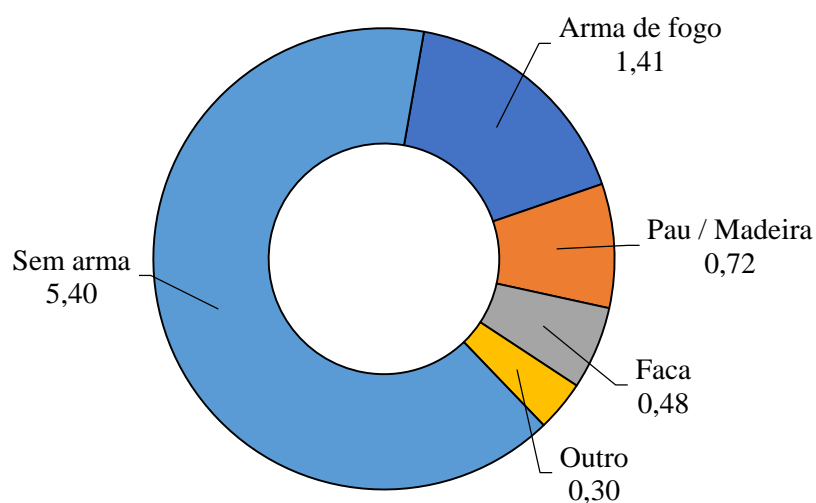
Gráfico 24: Percentual de Moradores de Jundiá que já foi vítima de agressão física ou ameaça considerando o tempo total em que reside em Jundiá, por Se o(a) autor(a) da agressão/ameaça estava sob efeito de entorpecentes (drogas/álcool), 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A maior parte dos moradores de Jundiá que já foi vítima de agressão física ou ameaça, diz que o agressor/a não estava portando arma (5,40%), seguido daqueles/as que estavam com arma de fogo (1,41%).

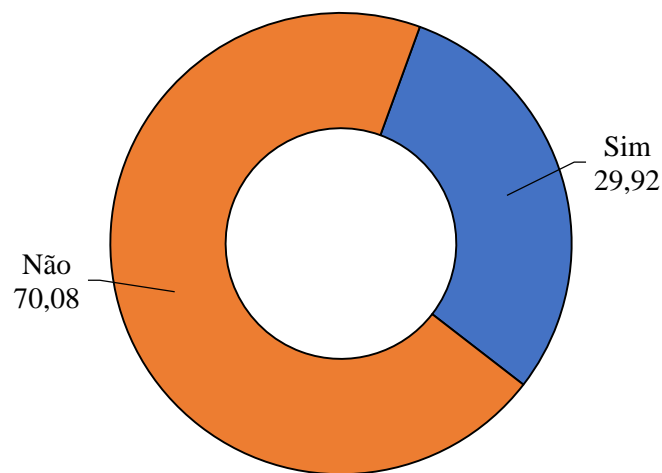
Gráfico 25: Percentual de Moradores de Jundiá que já foi vítima de agressão física ou ameaça considerando o tempo total em que reside em Jundiá, Por tipo de arma utilizada durante a agressão ou ameaça, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A maioria dos moradores de Jundiaí que já foi vítima de agressão física ou ameaça, diz que não sofreu ferimento (70,08%).

Gráfico 26: Percentual de Moradores de Jundiaí que já foi vítima de agressão física ou ameaça considerando o tempo total em que reside em Jundiaí, por Se sofreu algum ferimento durante a ocorrência da violência, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A maioria dos moradores das regiões Norte (53,85%) e Nordeste (60,00%) de Jundiaí, que já foi vítima de agressão física ou ameaça, diz ter realizado ocorrência na delegacia (Tabela a seguir). Nas demais regiões de Jundiaí a maioria dos moradores não fez o registro. Além disso, a maioria dos moradores de Jundiaí, não procurou nenhum órgão, seguido daqueles que procuraram a Polícia Militar.

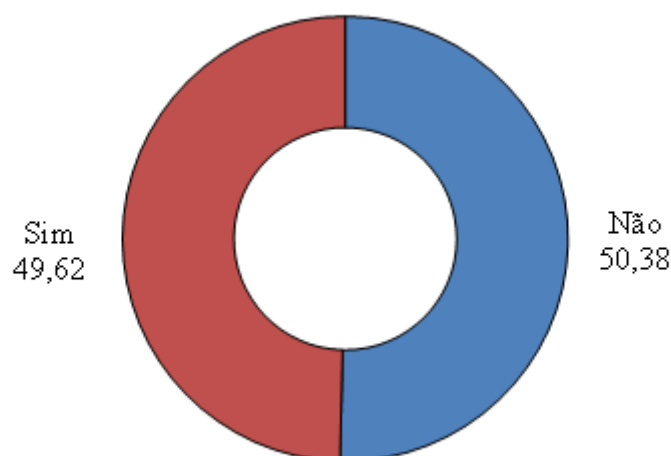
Tabela 13: Percentual da População Jundiaí, por Região, Registro do Fato, Órgão Procurado após ter sofrido Agressão/Ameaça, 2022.

Variável	Categoria	TOTAL	REGIÃO						
			CENTRO	NORTE	SUL	LESTE	OESTE	NOROESTE	NORDESTE
Registrou ocorrência na delegacia?	Sim	36,39	41,67	53,85	27,27	42,31	37,50	27,27	60,00
	Não	63,61	58,33	46,15	72,73	53,85	62,50	72,73	40,00
	Polícia Militar	20,87	19,05	30,77	9,09	22,73	26,67	27,27	30,00
	Polícia Civil	12,12	19,05	0,00	18,18	18,18	6,67	4,55	10,00
Após o fato qual órgão você procurou	Guarda Municipal	2,30	0,00	0,00	4,55	4,55	0,00	0,00	0,00
	Delegacia da mulher	6,91	4,76	15,38	4,55	9,09	6,67	4,55	10,00
	Outra: Diversas respostas	7,00	4,76	7,69	13,64	4,55	0,00	9,09	10,00
	Não procurou nenhum órgão	50,81	52,38	46,15	50,00	40,91	60,00	54,55	40,00

Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Nota-se que 49,62% dos Moradores de Jundiaí procurou um órgão oficial após sofrer algum tipo de agressão física ou ameaça (Figura abaixo), sendo na maioria mulheres (57,53%). Os jovens 16 a 24 anos de idade (76,92%), foram os que menos procuraram um órgão oficial (Tabela abaixo). Pessoas com Ensino Fundamental Incompleto (62,50%); Pós-graduação (62,50%) e com Ensino Médio Completo (60,00%) foram as que mais procuraram um órgão oficial, assim como, moradores das Regiões Nordeste (60,00%), Leste (58,33%) e Norte (53,85%).

Figura 36: Percentual de Moradores de Jundiaí, por se procurou ou não um órgão oficial após sofrer algum tipo de agressão física ou ameaça, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Tabela 14: Percentual de Moradores de Jundiaí, por sexo; faixa etária, escolaridade, região e se procurou ou não um órgão oficial após sofreu algum tipo de agressão física ou ameaça (2022)

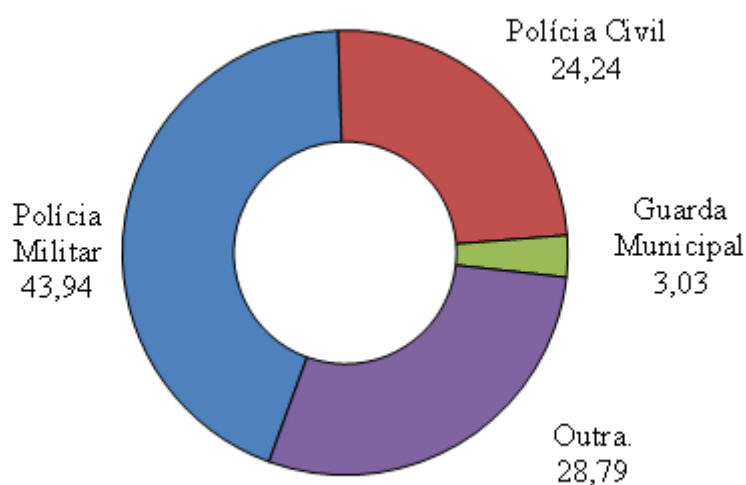
Variável	Categoria	Não	Sim
Sexo	Feminino	42,47	57,53
	Masculino	60,00	40,00
Faixa Etária	16 a 24	76,92	23,08
	25 a 39	46,88	53,13
	40 a 59	40,00	60,00
	≥ 60	38,46	61,54
Escolaridade	E.F.I.	37,50	62,50
	E.F.C.	62,50	37,50
	E.M.I.	52,46	47,54
	E.M.C.	40,00	60,00
	E.S.I.	45,00	55,00
	E.S.C.	60,00	40,00
	P.G.	37,50	62,50
Região	Leste	41,67	58,33
	Noroeste	56,00	44,00
	Sul	50,00	50,00
	Centro	54,55	45,45
	Oeste	60,00	40,00
	Norte	46,15	53,85
	Nordeste	40,00	60,00

Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Nota: E.F.I. – Ensino Fundamental Incompleto; E.F.C. – Ensino Fundamental Completo; E.M.I. – Ensino Médio Incompleto; E.M.C. – Ensino Médio Completo; E.S.I. – Ensino Superior Incompleto; E.S.C. – Ensino Superior Completo; P.G. – Pós-graduação.

Dentre os órgãos oficiais procurados pelos Moradores de Jundiaí após sofrer algum tipo de agressão física ou ameaça, destacam-se a Polícia Militar (43,94%) e a Polícia Civil (24,24%) (Figura abaixo).

Figura 37: Percentual de Moradores de Jundiaí, por órgão oficial que procurou após sofrer algum tipo de agressão física ou ameaça, 2022.



Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Nota: Outra – DDM; Escola; Hospital; Posto de Saúde; etc.

A Polícia Militar foi o órgão oficial mais procurado, após sofrer algum tipo de agressão física ou ameaça, maioria das vezes por Homens (45,83%) e mulheres (42,86%), de todas as faixas etárias, escolaridade e região.

Tabela 15: Percentual de Moradores de Jundiaí, por órgão oficial que procurou após sofreu algum tipo de agressão física ou ameaça (2022)

Variável	Categoria	Órgão oficial que procurou			
		Polícia Militar	Polícia Civil	Guarda Municipal	Outra.
Sexo	Feminino	42,86	19,05	2,38	35,71
	Masculino	45,83	33,33	4,17	16,67
Faixa Etária	16 a 24	50,00	0,00	0,00	50,00
	25 a 39	38,24	35,29	2,94	23,53
	40 a 59	55,56	5,56	5,56	33,33
	≥ 60	37,50	37,50	0,00	25,00
Escolaridade	E.F.I.	42,86	42,85	0,00	14,29
	E.F.C.	40,00	20,00	0,00	40,00
	E.M.I.	66,67	0,00	0,00	33,33
	E.M.C.	41,38	17,24	3,45	37,93
	E.S.I.	44,45	33,33	0,00	22,22
	E.S.C.	36,37	36,36	9,09	18,18
	P.G.	100,00	0,00	0,00	0,00
Região	Leste	35,72	35,71	7,14	21,43
	Noroeste	63,64	9,09	0,00	27,27
	Sul	16,67	33,33	8,33	41,67
	Centro	40,00	40,00	0,00	20,00
	Oeste	66,66	16,67	0,00	16,67
	Norte	57,14	0,00	0,00	42,86
	Nordeste	50,00	16,67	0,00	33,33

Fonte: Pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Nota: E.F.I. – Ensino Fundamental Incompleto; E.F.C. – Ensino Fundamental Completo; E.M.I. – Ensino Médio Incompleto; E.M.C. – Ensino Médio Completo; E.S.I. – Ensino Superior Incompleto; E.S.C. – Ensino Superior Completo; P.G. – Pós-graduação. Outra – DEAM; Escola; Hospital; Posto de Saúde; etc.

Tomando como referência os casos de agressão física e ameaça, é possível notar, portanto que a Polícia Militar é a instituição mais procurada em situações de violência, seguida pela Polícia Civil (incluindo delegacia especializada em defesa da mulher), ambas em proporção bem superior à Guarda Municipal. Este cenário reflete, em grande medida, o que é encontrado no contexto brasileiro.

Neste sentido, pode-se observar que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em parceria com o Ministério da Justiça e Segurança Pública, por meio da

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)¹⁰, investigou, no quarto trimestre de 2021, o tema sensação de segurança junto a uma subamostra de moradores de 15 anos ou mais de idade, com o objetivo principal de avaliar a opinião das pessoas sobre a suas sensações de (in)segurança, na amostra consultada 24,36% são residentes do estado de São Paulo (IBGE-MJSP, 2022).

O nível de confiança nas instituições também apresentou diferenças consideráveis entre elas. As polícias civil e militar apresentaram níveis de confiança próximos, 66,9% e 66,3%, respectivamente, e ficaram um pouco acima da guarda municipal, que possuía 60,6% da confiança da população pesquisada (IBGE-MJSP, 2022). Teixeira (2016), visando analisar o impacto de variáveis sociodemográficas, contextuais e de percepção institucional para a avaliação e confiança das polícias paulistanas, utilizou dados de seis ondas da “Pesquisa domiciliar sobre atitudes, normas culturais e valores em relação à violência e violação de direitos humanos”, realizada pelo Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, nos anos de 2001, 2003, 2006, 2008, 2010 e 2013. Nela, os conceitos “regular” e “bom”, foram os que tiveram os maiores quantitativos na avaliação da população em relação a confiança nas policias.

¹⁰ IBGE-MJSP. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Ministério da Justiça e Segurança Pública. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), **Vitimização: Sensação de segurança 2021**, p. 1 a 12, dez., 2022.

Quadro 1. Percentual de Paulistanos na Avaliação da Confiança nas Polícias Civil e Militar, na Pesquisa domiciliar sobre atitudes, normas culturais e valores em relação à violência e violação de direitos humanos, por ano e Tipo de Polícia.

Ano	Polícia Militar			Polícia Civil		
	Ruim	Regular	Boa	Ruim	Regular	Boa
2001	20,0	43,0	37,0	27	37	36
2003	20,0	49,0	31,0	25	45	30
2006	20,0	44,0	36,0	22	43	35
2008	18,0	45,0	37,0	20	44	36
2010	16,0	42,0	42,0	20	39	41
2013	23,0	43,0	34,0	23	44	33
Média	19,5	44,3	36,2	22,8	42,0	35,2

Fonte: Adaptado de Teixeira (2016)¹¹.

Avaliando as desagregações por sexo e grupos de idade, foram observados comportamentos semelhantes entre o nível de confiança nas pessoas e nas instituições. Homens tiveram percentuais mais elevados que as mulheres (IBGE-MJSP, 2022).

Os dados da PNAD Contínua também indicaram que a instituição apontada como menos confiável para os jovens de 18 a 24 anos e adultos de 25 a 39 anos foi a polícia, seja ela civil ou militar. Em relação ao nível de instrução, observou-se que pessoas sem instrução e com ensino fundamental incompleto e pessoas com superior completo apresentaram níveis de confiança semelhantes e maiores que os demais grupos para guarda municipal (em torno de 63,0%), polícia civil (68,7% e 68,0%), polícia militar (68,7% e 67,6%), respectivamente. Por fim, o nível de confiança das pessoas que moravam em áreas rurais foi superior ao nível das pessoas que moravam em áreas urbanas (IBGE-MJSP, 2022).

¹¹ TEIXEIRA, Frederico Castelo Branco. **Percepções sobre a Polícia na cidade de São Paulo (2001-2013)**. Programa de Pós Graduação em Ciência Política. Universidade de São Paulo. In: 10º Encontro Associação Brasileira de Ciência Política, Belo Horizonte, 30 de agosto – 2 de Setembro, 2016.

Sensação de insegurança

As pesquisas de vitimização procuram levantar dados objetivos e subjetivos sobre criminalidade perguntando às pessoas sobre suas experiências como vítimas de crimes, notificação e avaliações sobre os serviços das polícias e condições dos bairros, entre outras questões.

Avaliações envolvem quase sempre um aspecto subjetivo e nem sempre condizem com a realidade do entorno ou experiência pessoal. Por trás de julgamentos aparentemente neutros – a polícia passa pelo seu bairro? a violência na sua cidade está aumentando? – escondem-se sentimentos que dificultam a objetividade da resposta. Muitas vezes as respostas refletem um julgamento genérico e geral da aprovação ou reprovação ao governo, mais do que a quantidade de vezes que a polícia passa pelo local ou o aumento real da criminalidade. Regra geral, quem tem uma avaliação positiva do governo, tende a avaliar positivamente todas as áreas de atuação do mesmo, ocorrendo o inverso com quem tem uma avaliação negativa do governo.

A intenção neste tópico é avaliar se existem aspectos objetivos ou subjetivos que expliquem a percepção dos entrevistados sobre as tendências criminais na cidade ou bairros de Jundiaí nos últimos 12 meses. Observamos na análise dos dados criminais que boa parte dos crimes está em queda na cidade neste período. De acordo com a pesquisa, todavia, apenas 9,1% dos entrevistados avalia que a violência diminuiu na cidade. A maioria, 47,2% acha que a violência permaneceu a mesma, enquanto 43,6% dos pesquisados avaliam que a violência aumentou com relação ao ano anterior. A situação é melhor quando se avalia a tendência nos bairros, mas assim mesmo apenas 12% acham que a violência diminuiu. Esses dados estão melhor descritos adiante, na parte de “Percepções e experiências com a Guarda Municipal”.

Tabela 16: Violência na cidade (Jundiaí - 2022)

Nos últimos 12 meses, a violência na sua CIDADE aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma?	Categoria	Quantidade	Percentual
	Diminuiu	137	9,11
	Permaneceu a mesma	710	47,21
	Aumentou	657	43,68
	Total	1504	100,00
	NS/NR	96	
	Total Geral	1600	

Fonte: APCC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Trata-se de um aparente paradoxo e de uma dificuldade para a administração. O cidadão comum não é certamente um conhecedor profundo das estatísticas criminais locais, mas as percepções gerais sobre as macrotendências deveriam ser congruentes com as tendências mostradas nos indicadores criminais.

Essa não é uma especificidade de Jundiaí. Existem várias conjecturas sobre este paradoxo, que também já foi observado na literatura com relação à sensação de insegurança: as pessoas sentem-se inseguras mesmo quando os indicadores de criminalidade são baixos ou estão em queda. Não são necessariamente as pessoas mais vitimadas as que se sentem mais inseguras nem os moradores das áreas mais violentas. Trata-se de um fenômeno complexo e que é afetado pela auto percepção de fragilidade diante de um evento violento, pela forma como a pessoa se informa sobre violência e crime, pela avaliação do governo em geral, etc.

É possível pensar em várias conjecturas que expliquem esta incongruência. 1) alguma (s) coisa (s) faz com que a avaliação sobre as tendências criminais locais ou sensação de medo sejam enviesadas, como uma avaliação negativa da gestão, ou experiências pessoais negativas; 2) as pessoas simplesmente desconhecem os dados reais de criminalidade e pautam sua avaliação pelo que é mostrado na mídia; 3) os dados oficiais falham em mostrar outros tipos de “violência” que afetam a percepção da população: pedintes, guardadores de carros, grupos de jovens consumindo álcool e drogas, etc. 4) a degradação física e social do espaço urbano – pichações, falta de iluminação, sujeira – impacta negativamente a avaliação, mesmo que a criminalidade esteja em queda; 5) uma imagem de Polícia ou Guarda negativa – desrespeitosa, preconceituosa, corrupta, violenta, etc. – joga a avaliação para baixo.

É possível que todas elas contribuam um pouco para o fenômeno. Nos próximos tópicos vamos examinar em detalhes os cruzamentos desta avaliação sobre as tendências criminais na cidade com dezenas de outras variáveis existente no questionário. O objetivo é encontrar variações que sejam estatisticamente significativas e que joguem alguma luz sobre a questão. Além da avaliação da tendência criminal na cidade e no bairro, examinaremos em detalhe as respostas sobre o medo de frequentar determinados da cidade. Nada menos que 65,5% dos entrevistados afirmaram ter medo de frequentar algum bairro. A intenção é verificar como os demais blocos do questionário estão associados a este medo específico.

Sabe-se que existem diferenças relevantes de gênero quando analisamos dados sobre avaliação da criminalidade, imagem das polícias ou medo. Assim, em todos os cruzamentos estaremos controlando as associações por gênero, analisando as diferenças de homens e mulheres nas respostas.

Na análise, nos referimos a associações significativas nas tabelas quando o teste de X² for significativo a pelo menos $p > .005$ e nas células específicas quando os desvios padronizados forem superiores a 1,96, o que também equivale a $p > .005$ no score Z.

Cruzamento com variáveis demográficas

Apesar dos índices de criminalidade serem diferentes nas diversas regiões da cidade, não encontramos variações significativas nas avaliações sobre a tendência da violência na cidade nos últimos 12 meses por região, nem entre os homens nem entre as mulheres.

A avaliação é afetada, contudo, pela idade do entrevistado. Tanto entre os homens quanto entre as mulheres, a avaliação de que a violência aumentou cresce com a idade e as diferenças são estatisticamente significantes. Assim, apesar dos jovens estarem mais expostos à violência e aos crimes, eles não percebem o “aumento” tanto quanto os mais velhos, que se sentem provavelmente mais vulneráveis. Trata-se de uma manifestação clara do paradoxo e ilustra a incongruência entre o risco objetivo e a percepção subjetiva do risco.

Tabela 17: Percepção da violência na cidade, por faixa etária (Jundiaí - 2022)

			Você diria que, nos últimos 12 meses, a violência na sua CIDADE aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma?			
SEXO			Aumentou	Diminuiu	Permaneceu a mesma	Total
Masculino	FAIXA ETÁRIA	De 16 a 24 anos	14,5%	25,0%	23,9%	21,0%
		De 25 a 39 anos	34,5%	32,0%	32,7%	33,2%
		De 40 a 59 anos	29,8%	35,0%	27,7%	29,4%
		Mais de 60 anos	21,3%	8,0%	15,7%	16,5%
		Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Feminino	FAIXA ETÁRIA	De 16 a 24 anos	12,6%	23,3%	21,2%	16,8%
		De 25 a 39 anos	31,6%	44,2%	31,2%	32,1%
		De 40 a 59 anos	40,5%	27,9%	31,2%	35,9%
		Mais de 60 anos	15,3%	4,7%	16,5%	15,2%
		Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Total	FAIXA ETÁRIA	De 16 a 24 anos	13,3%	24,5%	22,7%	18,8%
		De 25 a 39 anos	32,7%	35,7%	32,0%	32,6%
		De 40 a 59 anos	36,6%	32,9%	29,2%	32,7%
		Mais de 60 anos	17,5%	7,0%	16,1%	15,8%
		Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: APCC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

As diferenças são também significativas, no sentido aumento da violência, para os que nasceram na própria cidade (apenas para os homens). Uma possibilidade aqui é que os nascidos na cidade comparam a situação atual com a de algum ponto do passado, enquanto os que nasceram fora da cidade comparam a situação em Jundiaí com as cidades de onde vieram anteriormente, talvez mais violentas. Assim, a percepção seria “relativa” ao lugar de origem do entrevistado. As mulheres que já exerceram alguma atividade remunerada são as que proporcionalmente mais percebem o aumento da violência na cidade, embora essa associação possa ser causada pela idade.

Ter frequentado ou não escola não altera significativamente a avaliação sobre a tendência da violência, embora a avaliação de que aumentou seja menor entre as

mulheres que atualmente estão estudando. A relação pode ser espúria, uma vez que como vimos os mais jovens são os que menos percebem o crescimento e são também os que estão em idade escolar. Nível de escolaridade também não afeta a avaliação.

A cor do entrevistado não parece afetar sua avaliação sobre a piora da violência na cidade entre os homens, mas apenas entre as mulheres, especialmente brancas. Quanto à violência no bairro, a percepção é mais crítica entre os brancos, embora novamente aqui talvez fosse necessário controlar pela renda.

Um aspecto positivo é que a percepção de aumento da violência parece não influenciar no desejo do cidadão de mudar de cidade, estado ou país, ainda que proporcionalmente algumas mulheres tenham manifestado o desejo de mudar de bairro por conta do aumento da violência. Mas as diferenças em geral não foram significativas.

Por outro lado, entre os entrevistados que afirmaram “ter medo de frequentar algum bairro da cidade”, é forte a associação com o desejo de mudar de bairro, estado ou país, especialmente entre os homens. E este medo é maior 1) entre as pessoas com escolaridade de superior incompleto para cima, tanto entre homens quanto entre as mulheres, 2) entre as pessoas de maior faixa de renda, 3) maior entre os homens que já exerceram alguma atividade remunerada 4) maior entre as mulheres que trabalham atualmente 5) menor entre as mulheres pretas mas cor aqui pode ser influenciada por escolaridade e renda.

É válido observar que a avaliação de que a violência aumentou na cidade ou no bairro nos últimos 12 meses é especialmente forte entre os que se sentem mais inseguros ao utilizar o transporte coletivo de Jundiaí. Isto pode significar que a avaliação da segurança não é independente da avaliação que as pessoas fazem de outros serviços e que se trata, em última instância, de uma medida genérica da avaliação geral que as pessoas fazem da gestão, em qualquer área.

Estilo de vida

As pessoas que levam um estilo de vida mais ativo estão teoricamente mais expostas ao risco de vitimização e isto pode afetar a avaliação que fazem sobre a violência e a

sensação de segurança. O questionário incluiu uma bateria de perguntas para captar este estilo de vida, o que nos permite cruzar com as variáveis de interesse.

A avaliação de que a violência na cidade aumentou nos últimos 12 meses não parece ser muito afetada pela frequência à alguma atividade religiosa nem pela frequência às demais atividades sociais, esportivas ou recreativas. As associações estatísticas aqui foram não significantes ou bastante baixas. Por sua vez, o medo de frequentar algum bairro da cidade aumenta entre os que frequentam alguma atividade religiosa (homens), pessoas que saem para ir aos shoppings ou centros comerciais, para ir ao cinema (homens) e pessoas que saíram para viajar (homens). De modo geral, as associações com estilo de vida explicaram pouco a percepção de tendência da violência ou medo de frequentar algum bairro da cidade.

Degradação ambiental e social

Há uma conhecida teoria criminológica, conhecida como teoria das janelas quebradas, que estipula que um ambiente físico e socialmente degradado estimula o aparecimento de contravenções e crimes, afetando também aspectos subjetivos dos residentes e frequentadores, como percepções e sensação de segurança. O questionário da pesquisa de vitimização traz uma lista de itens onde o respondente avalia a degradação do bairro, o que nos permite cruzar com a avaliação da tendência criminal e medo.

A presença de lotes vazios e abandonados não afeta substancialmente a percepção da tendência da violência nos últimos 12 meses, nem tampouco “ruas sem iluminação pública”, carros abandonados, construções abandonadas ou janelas quebradas. Ressalta-se que algumas associações, que são não significativas entre degradação ambiental e percepção de aumento da violência na cidade, tornam-se significativas quando analisamos a percepção de violência no bairro.

Por outro lado, rua sem asfalto e consumo de álcool em local público aumentam as chances de responder que a violência aumentou, entre as mulheres. A associação é especialmente forte, nos dois gêneros, com uso e venda de drogas em local público,

bagunças noturnas e roubo de carros. As degradações do tipo “social” parecem afetar mais o julgamento do que as “físicas”.

Tabela 18: Percepção da violência na cidade e uso de drogas em lugar público, por sexo (Jundiaí - 2022)

SEXO			Você diria que, nos últimos 12 meses, a violência na sua CIDADE aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma?			Total
			Aumentou	Diminuiu	Permaneceu a mesma	
Masculino	Uso de drogas em local público	Bastante	40,8%	43,3%	23,8%	31,9%
		Pouco	28,9%	27,8%	27,5%	28,0%
		Nada	30,3%	28,9%	48,7%	40,1%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Feminino	Uso de drogas em local público	Bastante	43,3%	18,6%	27,2%	35,1%
		Pouco	23,7%	25,6%	24,6%	24,2%
		Nada	33,1%	55,8%	48,2%	40,7%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Total	Uso de drogas em local público	Bastante	42,4%	35,7%	25,3%	33,6%
		Pouco	25,6%	27,1%	26,2%	26,0%
		Nada	32,0%	37,1%	48,5%	40,4%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: APCC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

O medo de frequentar algum bairro da cidade, por sua vez, diminui quando não existem lotes vazios e abandonados, construções abandonadas e ruas sem iluminação pública (entre as mulheres), janelas quebradas, pichação nos muros, consumo de álcool em local público, consumo e venda de drogas em local público, roubo de carros, bagunças noturnas, lixo e entulho nas calçadas, corroborando a vinculação entre alguns aspectos de degradação física e social e a sensação de insegurança. O efeito é mais acentuado entre as mulheres. Carros abandonados nas ruas, por sua vez, são pouco amedrontadores.

Tabela 19: Percepção sobre o medo de frequentar algum bairro na cidade e presença de lixo/entulho nas calçadas, por sexo (Jundiaí - 2022)

SEXO			Você tem medo de frequentar algum bairro da cidade?			Total
			Sim	Não	Não sabe	
Masculino	Lixo/ entulho nas calçadas	Bastante	17,1%	13,4%		14,2%
		Pouco	31,5%	25,5%	25,0%	26,9%
		Nada	51,4%	61,1%	75,0%	58,9%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
Feminino	Lixo/ entulho nas calçadas	Bastante	21,8%	13,5%	12,5%	16,8%
		Pouco	24,3%	23,4%	25,0%	23,8%
		Nada	53,8%	63,1%	62,5%	59,4%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
Total	Lixo/ entulho nas calçadas	Bastante	20,2%	13,5%	10,7%	15,6%
		Pouco	26,9%	24,6%	25,0%	25,3%
		Nada	53,0%	62,0%	64,3%	59,1%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: APCC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Vemos assim que tanto a avaliação da tendência criminal na cidade quanto no bairro é afetada pela degradação física e social. Para os gestores municipais, é uma indicação de aspectos urbanos que precisam ser melhorados e que exigem uma atuação conjunta de diversos setores da administração para melhorar a segurança.

Comportamentos preventivos

Entender as impressões subjetivas é relevante porque ela implica em comportamentos objetivos por parte da população. Certo nível de insegurança, mencione-se de passagem, é mesmo benéfico para que a população adote medidas preventivas, desde que não seja exagerado com relação ao nível de violência real. Novamente aqui a

palavra-chave é congruência: o ideal é que o nível de insegurança seja congruente com o nível de criminalidade, nem muito acima, nem muito abaixo deste nível.

A questão aqui é: avaliar que a cidade está mais violenta ou sentir-se inseguro em alguns bairros faz com que a população altere seu comportamento preventivo?

A análise dos cruzamentos sugere que a sensação de aumento da violência faz com que os moradores da cidade evitem andar sozinhos, não usem certas linhas de ônibus, deixem de sair de casa à noite, deixem de voltar para casa, de ir a festas ou boates, de frequentar um grupo de amigos ou colegas. Faz também com que as pessoas evitem voltar para casa de madrugada. Estes comportamentos são adotados especialmente pelos homens ou pelas mulheres que percebem aumento da violência no bairro.

Em contraste, as pessoas não deixam de ir à faculdade ou escola por conta da percepção de violência crescente, exceto quando o aumento é percebido no bairro. Pouco afeta também a escolha de utilizar aplicativos de transporte individual ou taxi, ou passar perto da polícia, ou de pessoas suspeitas na rua. Tampouco afeta a disposição de recorrer à uma associação de moradores ou procurar a polícia.

O medo de frequentar algum bairro da cidade faz com que os entrevistados evitem andar sozinhos, evitem certas linhas de ônibus, deixem de sair de casa à noite, deixem de voltar para casa, deixem de ir a festas ou boates, de frequentar um grupo de amigos ou colegas. Faz com que as pessoas evitem voltar para casa de madrugada e optem pela utilização de aplicativos de transporte individual ou taxi, evitem passar em áreas onde há pessoas armadas e procurem mais a polícia. Faz as pessoas afastarem-se de pessoas suspeitas na rua e mulheres evitarem passar perto da polícia. O medo não afeta, todavia, a disposição dos moradores de ir à escola ou faculdade em faz as pessoas recorrerem a uma associação de moradores.

Tabela 20: Percepção da violência no bairro/comunidade onde mora e evitar andar sozinho(a), por sexo (Jundiaí - 2022)

			Você diria que, nos últimos 12 meses, a violência no BAIRRO OU COMUNIDADE ONDE VOCÊ MORA aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma?			
SEXO			Aumentou	Diminuiu	Permaneceu a mesma	Total
Masculino	Evitar andar sozinho(a)	Sim	42,7%	26,2%	27,1%	30,0%
		Não	57,3%	73,8%	72,9%	70,0%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Feminino	Evitar andar sozinho(a)	Sim	76,2%	68,5%	64,4%	68,1%
		Não	23,8%	31,5%	35,6%	31,9%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Total	Evitar andar sozinho(a)	Sim	62,7%	41,4%	45,9%	49,4%
		Não	37,3%	58,6%	54,1%	50,6%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: APCC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Como é possível perceber, a avaliação de que a violência é crescente e o medo de frequentar certos bairros da cidade pode ter implicações econômicas importantes, na medida em que reduz o consumo e a circulação de pessoas. De modo geral, afeta a qualidade de vida dos moradores e por isso é relevante pensar tanto em políticas para a redução da violência quanto em políticas específicas para lidar com os aspectos subjetivos da violência.

Sensação de segurança e avaliação da criminalidade

A avaliação de que a violência está crescendo na cidade pode ser tanto o reflexo da criminalidade objetiva – o entrevistado ou seus amigos e familiares podem ter sido vítimas de algum crime – quando o reflexo do medo provocado em diferentes situações.

O questionário levantou diversas situações e contextos onde o entrevistado poderia se sentir mais ou menos seguro, por exemplo, se a pessoa se sente segura: Em casa, No bairro onde você mora, Na escola/faculdade, No trabalho, Andando a pé em outros

bairros, Andando de transporte coletivo, Andando de carro, Andando em ruas com comércio aberto, Andando a pé nas ruas do seu bairro ou Esperando ônibus/lotação.

Conforme o esperado, em quase todas estas situações, quanto maior a insegurança, maior, proporcionalmente, a avaliação de que a criminalidade na cidade está aumentando nos últimos meses. A associação é válida tanto para homens quanto para mulheres e tanto com relação ao crescimento da violência na cidade quanto no bairro. A intensidade da associação foi na maioria das vezes mais forte entre as mulheres.

Tabela 21: Percepção sobre a violência no bairro onde mora, por sexo (Jundiaí - 2022)

SEXO			Você diria que, nos últimos 12 meses, a violência no BAIRRO OU COMUNIDADE ONDE VOCÊ MORA aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma?			Total
			Aumentou	Diminuiu	Permaneceu a mesma	
Masculino	No bairro onde você mora	Bastante seguro	44,7%	83,8%	71,0%	68,0%
		Mais ou menos	48,0%	13,1%	27,1%	28,8%
		Inseguro	7,3%	3,1%	1,9%	3,1%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Feminino	No bairro onde você mora	Bastante seguro	32,9%	65,3%	68,6%	58,2%
		Mais ou menos	59,5%	33,3%	29,2%	38,1%
		Inseguro	7,7%	1,4%	2,2%	3,7%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Total	No bairro onde você mora	Bastante seguro	37,6%	77,2%	69,8%	63,0%
		Mais ou menos	54,8%	20,3%	28,2%	33,5%
		Inseguro	7,5%	2,5%	2,0%	3,4%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: APCC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Crime na região e avaliação da criminalidade

Como observamos anteriormente, a avaliação negativa da criminalidade pode ser reflexo de fatores subjetivos e objetivos. O questionário incluiu um bloco de questões onde o entrevistado afirmava se havia no bairro uma série de crimes e contravenções. O esperado aqui é que o entrevistado se baseie na observação de situações reais, mas

também é possível que esta avaliação seja contaminada em parte pelo temor e sentimentos com relação à gestão. Ele “projeta” seus sentimentos na avaliação, que deveria ser apenas “cognitiva” e dizemos com isso que se trata de questão “projetiva”.

De todo modo, a intenção do bloco é que o entrevistado avalie de forma mais ou menos objetiva a incidência no bairro de: Pessoas andando com arma de fogo na rua que não fossem policiais em serviço, Pessoas cobrando dinheiro para dar segurança, Mulheres que residem na sua vizinhança sendo agredidas por companheiros ou por parentes, Pessoas sendo atacadas sexualmente, Pessoas roubando ou furtando, Pessoas brigando, agredindo-se fisicamente, Pessoas sendo assaltadas nas ruas da vizinhança, Pessoas sendo mortas por arma de fogo, Pessoas quebrando janelas, pichando muros, fazendo arruaça ou destruindo equipamentos coletivos como orelhões, postes de luz, lixeiras, Pessoas consumindo ou vendendo drogas ilegais na rua, Pessoas conhecidas portando arma de fogo, Pessoas formando ou participando de gangues.

Como esperado, presenciar estas situações aumenta a proporção dos que avaliam que a violência aumentou na cidade e no bairro nos últimos 12 meses, tanto entre os homens quanto entre as mulheres. Ter presenciado agressão a mulheres afeta mais as mulheres. O impacto sobre as avaliações de piora, especialmente no bairro, é mais intenso quando os entrevistados observam pessoas roubando ou furtando na vizinhança ou pessoas sendo assaltadas na vizinhança. O impacto é maior do que quando as pessoas dizem ter visto pessoas sendo mortas por armas de fogo. A observação de pessoas consumindo ou vendendo drogas ilegais também piora mais a avaliação sobre a violência do que pessoas sendo mortas.

Por outro lado, ver pessoas conhecidas portando arma de fogo não afeta a avaliação da violência na cidade ou no bairro. Nem pessoas formando ou participando de gangues.

Tabela 22: Percepção sobre a violência na cidade e pessoas consumindo/vendendo drogas ilegais, por sexo (Jundiaí - 2022)

SEXO			Você diria que, nos últimos 12 meses, a violência na sua CIDADE aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma?			Total
			Aumentou	Diminuiu	Permaneceu a mesma	
Masculino	Pessoas consumindo ou vendendo drogas ilegais na rua	Sim	45,9%	39,4%	32,2%	37,6%
		Não	54,1%	60,6%	67,8%	62,4%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Feminino	Pessoas consumindo ou vendendo drogas ilegais na rua	Sim	46,3%	25,6%	30,5%	38,5%
		Não	53,8%	74,4%	69,5%	61,5%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Total	Pessoas consumindo ou vendendo drogas ilegais na rua	Sim	46,1%	35,2%	31,5%	38,0%
		Não	53,9%	64,8%	68,5%	62,0%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: APCC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Presenciar estas situações também aumenta a porcentagem dos que afirmam ter medo de frequentar algum bairro da cidade, tanto entre homens quanto em mulheres. Ter presenciado agressão a mulheres ou pessoas sendo atacadas sexualmente impacta mais o medo nas mulheres, o que parece coerente. Em especial o temor de frequentar algum bairro aumenta entre os que viram pessoas sendo assaltadas nas ruas da vizinhança. Curiosamente, ver “pessoas sendo mortas por armas de fogo” não afeta significativamente o medo de frequentar algum bairro na cidade. O fenômeno já foi observado em outros estudos: os crimes contra o patrimônio afetam mais o medo por sua natureza aleatória e não controlável, mas boa parte das pessoas acredita que podem controlar seus fatores de risco em relação aos crimes contra a vida: não se envolver com drogas, ou com marginais, ou não adotar comportamentos de risco, etc. Ver pessoas consumindo ou vendendo drogas, igualmente, afeta mais o medo do que pessoas sendo mortas.

Por sua vez, ver pessoas conhecidas portando armas de fogo não afeta o medo de frequentar bairros da cidade, nem ver pessoas formando ou participando de gangues.

Em resumo, aparentemente é a observação de crimes patrimoniais e a venda de drogas que mais afetam tanto a avaliação do crescimento da violência quanto o medo de frequentar bairros da cidade. Se acreditarmos que os entrevistados fazem uma observação real do que acontece no entorno, vemos aqui exemplos de como a criminalidade real impacta as avaliações e sentimentos, mesmo quando a pessoa não foi diretamente vítima de crime. Assim, diminuir o crime ainda é a melhor estratégia para melhorar a imagem da violência e o medo.

Vitimização

Se presenciar crimes e contravenções na vizinhança pioram a percepção de aumento da violência e o medo de frequentar certos espaços, devemos esperar que ter sido vítima de crimes afetam ainda mais, correto? Mas nem sempre é o que ocorre.

No bloco de vitimização, perguntamos aos entrevistados: Alguma vez você teve qualquer evidência de que alguém furtou algum bem seu, isto é, o levou sem utilizar força ou fazer ameaça? (o objeto foi levado por alguém sem que a pessoa percebesse), Alguma vez, alguém roubou algum objeto seu, com ameaça ou uso de violência? (o objeto foi levado por alguém mediante uso de violência ou ameaça contra a pessoa), Alguma vez teve a sua casa invadida ou arrombada? Alguma vez foi vítima de um golpe ou fraude? Tais como cartão de crédito ou celular clonado, boletos de pagamento falsos, pedido de dinheiro pelo WhatsApp? Ou se Você já sofreu algum tipo de agressão física ou ameaça?

Ter sido vítima de furto, não aumenta significativamente a avaliação de que a violência piorou na cidade nos últimos 12 meses entre homens, mas apenas entre as mulheres. O mesmo fenômeno entre os que tiveram a casa invadida ou arrombada. O inverso ocorre entre as vítimas de fraude, que afeta o julgamento dos homens, mas não das mulheres. Já ter sido vítima de agressão física ou ameaça altera a percepção de violência na cidade em ambos, mas não a avaliação de aumento da violência no bairro.

Curiosamente, ter sido vítima de roubo não impacta significativamente a avaliação sobre aumento da violência nos últimos meses.

Tabela 23: Percepção da violência no bairro/comunidade onde mora e roubos patrimoniais, por sexo (Jundiá - 2022)

SEXO			Você diria que, nos últimos 12 meses, a violência no BAIRRO OU COMUNIDADE ONDE VOCÊ MORA aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma?			Total
			Aumentou	Diminuiu	Permaneceu a mesma	
Masculino	Alguma vez, alguém roubou algum objeto seu, com ameaça ou uso de violência? (o objeto foi levado por alguém mediante uso de violência ou ameaça contra a pessoa)	Sim	14,0%	12,3%	12,4%	12,7%
		Não	86,0%	87,7%	87,6%	87,3%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Feminino	Alguma vez, alguém roubou algum objeto seu, com ameaça ou uso de violência? (o objeto foi levado por alguém mediante uso de violência ou ameaça contra a pessoa)	Sim	15,8%	8,2%	11,6%	12,4%
		Não	84,2%	91,8%	88,4%	87,6%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Total	Alguma vez, alguém roubou algum objeto seu, com ameaça ou uso de violência? (o objeto foi levado por alguém mediante uso de violência ou ameaça contra a pessoa)	Sim	15,1%	10,8%	12,0%	12,6%
		Não	84,9%	89,2%	88,0%	87,4%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: APCC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Ter sido vítima de furto, como esperado, aumenta o medo de frequentar algum bairro na cidade, especialmente entre as mulheres. No caso do roubo é o inverso, afetando o medo apenas entre os homens. Ter a casa invadida ou arrombada afeta a percepção de

que a violência aumentou, em ambos os gêneros, bem como ter sido vítima de fraude ou ter sofrido algum tipo de agressão física ou ameaça.

O que chama a atenção neste bloco é que ter sido vítima pessoal de algum crime, como esperado, afeta em alguma medida a avaliação sobre o aumento da violência ou medo de frequentar bairros. Mas as associações aqui foram fracas e moderadas e às vezes condicionais ao gênero. O impacto da observação de violência no bairro, vistas no bloco anterior, foi maior do que o impacto de ter sido vítima de crime, mesmo entre os que foram vítimas de roubo, cuja associação foi curiosamente não significativa do ponto de vista estatístico. Trata-se novamente de uma manifestação paradoxal, onde as percepções sobre crime e violência nem sempre coincidem com experiências concretas de vitimização.

Percepções e experiências com a Guarda Municipal

Neste último bloco, analisaremos como a visão e os contatos com a Guarda Municipal afetam a percepção de que a violência é crescente e o medo de frequentar certos bairros da cidade.

O bloco é extenso e o questionário perguntava ao entrevistado se: Quando você caminha pelas ruas da cidade, aqui ou em outros bairros, você costuma ver guardas municipais? Você costuma ver guardas municipais nas ruas do seu bairro? Você acredita que a guarda municipal trata as pessoas no seu bairro da mesma forma que trata as pessoas em outros lugares da cidade? Os Guardas municipais atendem prontamente o chamado das pessoas da comunidade, Os Guardas municipais conseguem manter as ruas do bairro tranquilas, Os Guardas municipais são pouco empenhados e pouco atuantes no controle das infrações e perturbações no seu bairro, Os Guardas municipais são educados quando abordam pessoas na rua, Os Guardas municipais aceitam suborno, Os Guardas municipais ajudam a manter a ordem e a segurança dentro dos prédios e espaços públicos, Os Guardas municipais ajudam a manter a ordem nas proximidades das escolas, Solicitou informações a um Guarda Municipal, Foi revistado, Procurou a Guarda Municipal por ter sido vítima de um crime, Teve contato com a Guarda Municipal

para resolver algum conflito entre vizinhos ou amigos, Foi denunciar um crime à Guarda Municipal sem que você fosse a vítima, Procurou a Guarda Municipal para ajudar alguma vítima de crime, Procurou a Guarda Municipal para avisar sobre um acidente de trânsito, Foi abordado por Guardas Municipais para receber alguma orientação, Foi parado numa blitz da Guarda Municipal.

Além das experiências com a Guarda, duas questões avaliativas gerais sobre a Guarda foram incluídas: aprovação da atuação da Guarda Municipal da cidade e eficiência da Guarda na resolução de problemas de violência na sua cidade.

A expectativa é que a interação com a Guarda afete positivamente a avaliação da violência e a sensação de medo. Mas é preciso lembrar que nem sempre a interação é agradável e pode ser percebida de forma diferente por diferentes grupos. Tradicionalmente a interação é negativa com jovens, homens, pobres e moradores das áreas periféricas. Uma interação negativa pode implicar em efeitos nulos ou mesmo contrários aos esperados.

Aumenta a percepção de que a violência aumenta na cidade ou no bairro nos últimos meses as seguintes situações: 1) não ver Guardas Municipais nas ruas da cidade; 2) não ver Guardas quando caminha pelas ruas do bairro (entre as mulheres); 3) acredita que a GM não trata as pessoas da mesma forma (entre os homens); 4) avalia que a GM não atende prontamente aos chamados (entre as mulheres); 5) avalia que a GM não consegue manter as ruas do bairro tranquilas; 6) entre os que avaliam que a GM é pouco empenhada e atuante no controle das infrações (mulheres); 7) que as Guardas não são educadas quando abordam pessoas nas ruas (mulheres); 8) entre os que avaliam que a Guarda aceita suborno (homens); 9) entre os que avaliam que a GM não ajuda a manter a ordem e a segurança dentro dos prédios e espaços públicos (mulheres); 10) entre os que acham que a GM não ajuda a manter a ordem nas proximidades das escolas.

Em resumo, uma percepção ruim da Guarda aumenta a percepção de aumento da violência, como esperado – especialmente entre as mulheres.

Tabela 24: Percepção da violência no bairro/comunidade onde mora e tratamento da guarda

			Você diria que, nos últimos 12 meses, a violência no BAIRRO OU COMUNIDADE ONDE VOCÊ MORA aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma?			
SEXO			Aumentou	Diminuiu	Permaneceu a mesma	Total
Masculino	Você acredita que a guarda municipal trata as pessoas no seu bairro da mesma forma que trata as pessoas em outros lugares da cidade?	Sim	56,7%	75,5%	66,7%	66,2%
		Não	43,3%	24,5%	33,3%	33,8%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Feminino	Você acredita que a guarda municipal trata as pessoas no seu bairro da mesma forma que trata as pessoas em outros lugares da cidade?	Sim	57,7%	75,4%	63,8%	63,4%
		Não	42,3%	24,6%	36,2%	36,6%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Total	Você acredita que a guarda municipal trata as pessoas no seu bairro da mesma forma que trata as pessoas em outros lugares da cidade?	Sim	57,3%	75,4%	65,3%	64,8%
		Não	42,7%	24,6%	34,7%	35,2%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: APCC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Trata-se aqui de um exemplo do que se chama de “justiça procedimental”, segundo a qual a crença de que as instituições tratam a todos de forma igualitária e educada é uma fonte de legitimidade das instituições. Ser tratado de forma justa e cortês pelas autoridades, como mostra a tabela, afeta mesmo as percepções sobre o crescimento da criminalidade. Vemos assim como aspectos cognitivos são impactados por nossas crenças e sentimentos e nem sempre são objetivos.

O medo de frequentar algum bairro da cidade não é afetado por ver guardas municipais quando caminha pelas ruas da cidade ou quando caminha nas ruas do bairro. Tampouco é afetado pela crença de que a GM trata as pessoas da mesma forma ou pela visão de que são educados nas abordagens. Também a visão sobre o suborno nas Guardas parece ser indiferente assim como a avaliação de que a GM ajuda a manter a ordem na proximidade das escolas.

Por outro lado, o medo de frequentar estes bairros aumenta entre os que avaliam que a GM não tende prontamente aos chamados (mulheres), ou que a GM não consegue manter as ruas do bairro tranquilas (mulheres). Aumenta entre os que acham que a Guarda é pouco empenhada e atuante (mulheres), bem como entre os que acham as abordagens pouco educadas ou ainda entre os que percebem que a GM não ajuda a manter a ordem e a segurança (mulheres).

O medo é maior, portanto, entre os que avaliam a GM negativamente, mas apenas em certos itens. E aqui parece existir claramente uma diferença de gênero sendo as associações sempre mais fortes com as mulheres.

Experiência com a Guarda

E quanto às experiências pessoais com a Guarda, como influenciam a avaliação da violência e o medo?

Há uma associação positiva e significativa entre avaliar que a violência aumentou na cidade e no bairro e 1) solicitar informações a um guarda municipal (homens); 2) ter procurado a GM por ter sido vítima de um crime (homens); 3) contatar a guarda para resolver conflitos com amigos e vizinhos (homens); 4) procurar a GM para ajudar alguma vítima (homens); 5) ser abordado pela GM para receber alguma orientação (homens).

Como se percebe, o contato com a GM aumenta a avaliação negativa sobre a violência, e particularmente entre os homens. Isto pode significar que os contatos foram negativos e pioraram a visão da criminalidade. Mas também pode significar que tem mais preocupação com o crescimento do crime é quem mais procura a GM, pois na maioria

das situações mencionadas, com exceção da última, é o cidadão quem procura ativamente a GM.

Em contrapartida, não afeta significativamente a avaliação da violência na cidade: ter sido revistado pela GM ou ter denunciado um crime sofrido por terceiros ou ter procurado a GM para avisar sobre um acidente de trânsito. Tampouco afeta ter sido parado numa Blitz da GM. Temos aqui uma boa indicação de que as revistas pessoais e barreiras não foram experiências ruins para os moradores, ao ponto de influenciar sua avaliação sobre o crescimento do crime.

Finalmente, é interessante observar que quanto menor a confiança na GM, mais intensa a avaliação de que a violência aumentou na cidade e no bairro nos últimos 12 meses, especialmente entre as mulheres. Com relação à eficiência, quanto menor a percepção de eficiência da guarda, maior a avaliação de que a violência aumentou.

Tabela 25: Percepção da violência no bairro/comunidade onde mora e atuação da GM

			Você diria que, nos últimos 12 meses, a violência no BAIRRO OU COMUNIDADE ONDE VOCÊ MORA aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma?			
SEXO			Aumentou	Diminuiu	Permaneceu a mesma	Total
Masculino	Pensando na atuação da Guarda Municipal da cidade, você:	Confia muito	37,3%	33,1%	37,8%	36,9%
		Confia razoavelmente	38,0%	37,7%	41,4%	40,1%
		Confia pouco	18,7%	20,8%	12,1%	14,8%
		Não confia	6,0%	8,5%	8,7%	8,1%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Feminino	Pensando na atuação da Guarda Municipal da cidade, você:	Confia muito	23,4%	40,5%	32,6%	30,8%
		Confia razoavelmente	50,9%	43,2%	46,8%	47,6%
		Confia pouco	17,9%	14,9%	13,7%	15,0%
		Não confia	7,8%	1,4%	6,9%	6,6%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Total	Pensando na atuação da Guarda Municipal da cidade, você:	Confia muito	29,1%	35,8%	35,2%	33,8%
		Confia razoavelmente	45,7%	39,7%	44,1%	43,9%
		Confia pouco	18,2%	18,6%	12,9%	14,9%
		Não confia	7,1%	5,9%	7,8%	7,4%
	Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: APCC Consultoria; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

O medo de frequentar algum bairro da cidade é maior entre os que: solicitaram informação a um guarda municipal (especialmente mulheres), procuraram a GM por ter sido vítima de um crime, ou contataram a guarda para resolver conflitos com amigos e vizinhos. Também é maior entre os que denunciaram um crime à Guarda sem ter sido vítima (mulheres) e entre os entrevistados que procuraram a GM para ajudar alguma vítima. Ser parado numa Blitz da GM também está associado a mais medo de frequentar bairros da cidade (mulheres). Por outro lado, não afeta o medo de frequentar algum bairro ter sido revistado pela GM.

A confiança na Guarda é menor entre os que afirmam ter medo de frequentar algum bairro, mas apenas entre as mulheres. Também entre elas o medo é proporcionalmente maior entre os que julgam que a GM é pouco eficiente.

Assim, parece que os contatos com a GM, tanto passivos quanto ativos, não têm contribuído muito para atenuar o medo da violência e a imagem da Guarda, mas antes o contrário. É preciso lembrar que cada contato com a população é uma chance de mostrar o que a Guarda faz e deve ser aproveitado pela corporação. Nestes contatos os guardas devem mostrar profissionalismo e respeito, além de educação e da devida atenção ao caso.

A análise deixa clara que a avaliação da população sobre o crescimento da criminalidade e o medo de frequentar certos locais da cidade é influenciada por dezenas de outros fatores, para além da realidade do crime. Estes demais fatores devem também ser trabalhados pelas políticas de segurança pública. Pois, se o crime está caindo e a população não o percebe desta maneira, estamos diante de um problema de segurança pública.

A Guarda Municipal e as regiões de Jundiaí

Discutiremos, abaixo, como os pontos relativos à Guarda Municipal foram avaliados e respondidos com a divisão de região da cidade. Alguns pontos já trazidos anteriormente serão aqui retomados para que a comparação por região possa ser feita com uma

métrica geral da avaliação da cidade. O objetivo aqui é relacioná-las, de forma a subsidiar as decisões tomadas pelos gestores e possíveis diferenças regionais, podendo colaborar para que as políticas implementadas reduzam as desigualdades presentes.

Sobre a presença da GM na cidade, 83,3% responderam que costumam ver e 15,8% que não costumam – 0,7% informaram que não sabem/não se lembram e 0,2% não responderam. Entre os respondentes que afirmaram observar a Guarda nas ruas da cidade, não há grandes diferenças com relação a região do respondente. A maioria das respostas afirmativas foi observada no Noroeste (86,9%) e a menor na região Oeste (81,7%). Os percentuais mudam quando a pergunta se direciona especificamente para o bairro de residência; apenas 67,9% dos respondentes afirmam ver a Guarda com frequência pelas ruas do seu bairro. Sendo a maior presença no Centro (77,6%) e as menores nas regiões Oeste (64,3%) e Norte (64,8%).

Tabela 26: Presença e tratamento igualitário da Guarda Municipal, por região

		TOTAL	REGIÃO						
			CENTRO	NORTE	SUL	LESTE	OESTE	NOROESTE	NORDESTE
% col.									
Quando você caminha pelas ruas da cidade, aqui ou em outros bairros, você costuma ver guardas municipais?	Sim	83,3%	82,0%	82,4%	83,0%	84,2%	81,7%	86,9%	86,0%
	Não	15,8%	16,7%	17,2%	15,2%	15,8%	17,8%	10,9%	13,2%
	Não sabe/ Não lembra	0,7%	0,9%	0,4%	1,3%	0,0%	0,4%	1,7%	0,9%
	Não respondeu	0,2%	0,4%	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%
Você costuma ver guardas municipais nas ruas do seu bairro?	Sim	67,9%	77,6%	64,8%	71,3%	68,9%	64,3%	67,7%	73,7%
	Não	31,5%	21,9%	35,2%	27,4%	31,1%	35,7%	29,7%	25,4%
	Não sabe/ Não lembra	0,5%	0,4%	0,0%	0,9%	0,0%	0,0%	2,2%	0,9%
	Não respondeu	0,2%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%
Você acredita que a guarda municipal trata as pessoas no seu bairro da mesma forma que trata as pessoas em outros lugares da cidade?	Sim	49,9%	47,8%	54,2%	51,3%	40,4%	52,2%	50,7%	57,9%
	Não	27,3%	28,5%	27,3%	22,6%	36,8%	26,1%	27,5%	16,2%
	Não sabe/ Não lembra	21,4%	22,4%	16,7%	24,8%	22,4%	20,0%	20,1%	23,7%
	Não respondeu	1,4%	1,3%	1,8%	1,3%	0,4%	1,7%	1,7%	2,2%

Fonte: APPC – Consultoria e Pesquisa; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Com relação ao tratamento igualitário da Guarda entre os diferentes bairros, 27,3% dizem não acreditar que as pessoas de regiões distintas tenham o mesmo tratamento realizado pela GM, destes respondentes a maioria é da região Leste (36,8%). Cabe evidenciar, também, que essa afirmação é maior entre os mais jovens, na faixa etária de

16 a 24 anos (44,2%); não há diferenças expressivas entre os sexos masculino e feminino nesse caso, como indica a Tabela a seguir.

Tabela 27: Presença e tratamento igualitário da Guarda Municipal, por sexo e faixa etária

	% col.	TOTAL	SEXO		FAIXA ETÁRIA			
			Masculino	Feminino	De 16 a 24 anos	De 25 a 39 anos	De 40 a 59 anos	Mais de 60 anos
Quando você caminha pelas ruas da cidade, aqui ou em outros bairros, você costuma ver guardas municipais?	Sim	83,3%	86,8%	79,9%	86,3%	85,9%	83,2%	74,6%
	Não	15,8%	12,3%	19,2%	12,6%	13,4%	16,2%	23,7%
	Não sabe/ Não lembra	0,7%	0,9%	0,6%	1,1%	0,7%	0,6%	0,7%
	Não respondeu	0,2%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	1,0%
Você costuma ver guardas municipais nas ruas do seu bairro?	Sim	67,9%	73,9%	62,1%	65,2%	67,2%	69,6%	68,7%
	Não	31,5%	25,5%	37,2%	33,9%	31,9%	30,4%	30,2%
	Não sabe/ Não lembra	0,5%	0,6%	0,4%	0,8%	1,0%	0,0%	0,1%
	Não respondeu	0,2%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	1,0%
Você acredita que a guarda municipal trata as pessoas no seu bairro da mesma forma que trata as pessoas em outros lugares da cidade?	Sim	49,9%	53,7%	46,3%	45,0%	47,6%	55,2%	49,7%
	Não	27,3%	27,7%	26,9%	44,2%	32,1%	18,7%	15,5%
	Não sabe/ Não lembra	21,4%	17,3%	25,3%	9,8%	19,5%	24,2%	32,8%
	Não respondeu	1,4%	1,3%	1,5%	1,0%	0,9%	1,9%	1,9%

Fonte: APPC – Consultoria e Pesquisa; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

No tocante à eficiência, questionou-se a respeito da capacidade da Guarda Municipal em resolver problemas de violência na cidade. Dos respondentes, 26,4% consideram a Guarda como muito eficiente, 51,4% razoavelmente eficiente, 12,6% pouco eficiente, 3,4% nada eficiente e 6,2% não souberam responder. As regiões Nordeste, Noroeste e Centro são as que melhor avaliam a eficiência da Guarda Municipal.

Tabela 28: Eficiência da Guarda Municipal, por região

	TOTAL	REGIÃO						
		CENTRO	NORTE	SUL	LESTE	OESTE	NOROESTE	NORDESTE
Muito eficiente	26,4%	29,8%	27,3%	26,1%	28,5%	23,5%	28,8%	33,8%
Razoavelmente eficiente	51,4%	51,3%	49,3%	50,4%	48,2%	54,3%	52,8%	49,6%
Pouco eficiente	12,6%	8,3%	15,0%	12,2%	14,9%	12,2%	10,5%	8,3%
Nada eficiente	3,4%	4,4%	3,1%	3,5%	3,9%	3,5%	2,6%	3,1%
NS	6,2%	6,1%	5,3%	7,8%	4,4%	6,5%	5,2%	5,3%

Fonte: APPC – Consultoria e Pesquisa; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

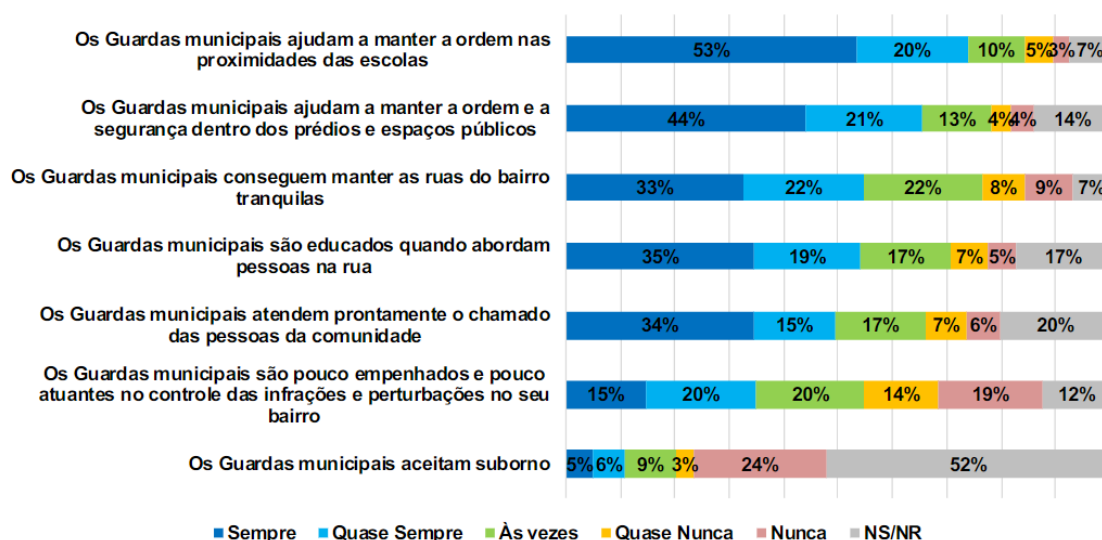
Como demonstra o Gráfico abaixo, 53% dos respondentes concordam que os guardas municipais sempre ajudam a manter a ordem nas proximidades das escolas. 20% concordam quase sempre com a afirmação, 10% às vezes, 5% quase nunca. 44% dos respondentes concordam que os profissionais sempre ajudam a manter a ordem e a segurança dentro dos prédios e espaços públicos - 21% concordam que isso ocorre

quase sempre e 13% que ocorre às vezes. 33% dos respondentes concordam que a Guarda Municipal sempre garante a tranquilidade nas ruas do bairro, 22% quase sempre e 22% às vezes. 35% identificam que os Guardas sempre são educados em abordagens pelas ruas, 19% colocam que isso se dá quase sempre e 17% às vezes. 34% avaliam que a Guarda sempre atende prontamente o chamado de pessoas da comunidade e 15% colocam que o atendimento se dá quase sempre prontamente.

Em relação às afirmações negativas, procurou-se aferir o nível de concordância com a afirmação: “os guardas municipais são pouco empenhados e pouco atuantes no controle das infrações e perturbações no seu bairro”. 19% dos respondentes não concordam nunca com a afirmação, 14% quase nunca e 20% às vezes. Chama atenção que a concordância sempre e quase sempre é relativamente alta, 15% e 20%, respectivamente.

Em relação à afirmação dos guardas aceitarem suborno, 52% não souberam responder à questão. 24% afirmaram que isso nunca ocorre e 5% afirmaram que isso sempre ocorre; 6% indicaram que quase sempre ocorre.

Gráfico 27: Avaliação da Guarda Municipal



Fonte: APPC – Consultoria e Pesquisa; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Ainda com relação às experiências, os respondentes foram questionados sobre as situações em que já tiveram contato com a GM, tendo como parâmetro os seguintes itens: *i.* Solicitou informações a um Guarda Municipal; *ii.* Foi parado numa blitz da Guarda Municipal; *iii.* Foi revistado; *iv.* Foi abordado por Guardas Municipais para receber alguma orientação; *v.* Procurou a Guarda Municipal para avisar sobre um acidente de trânsito; *vi.* Teve contato com a Guarda Municipal para resolver algum conflito entre vizinhos ou amigos; *vii.* Procurou a Guarda Municipal para ajudar alguma vítima de crime; *viii.* Foi denunciar um crime à Guarda Municipal sem que você fosse a vítima; *ix.* Procurou a Guarda Municipal por ter sido vítima de um crime.

26,1% dos respondentes indicaram que já solicitaram informações a um Guarda Municipal, 18,4% que já foram parados em uma blitz da GM, 17,7% já foram revistados, 12,2% que foi abordado pelos profissionais para receber alguma orientação. Chama atenção que 7,6% dos respondentes procuraram a GM para ajudar alguma vítima de crime; 7,1% foram denunciar um crime à Guarda sem que fosse a vítima e 6,5% procuraram a GM por ter sido vítima de um crime.

Gráfico 28: Experiências e contatos com a Guarda Municipal



Fonte: APPC – Consultoria e Pesquisa; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Sobre a percepção da confiança, os respondentes informaram se confiam muito, razoavelmente, pouco ou não confiam na Guarda Municipal, 33,0% sinalizaram confiar muito, 43,3% confiar razoavelmente, 14,9% confiar pouco e 7,1% não confiam. Considerando os percentuais de muita e razoável confiança, respondentes das regiões Nordeste, Noroeste e Centro, sinalizaram maior confiança no trabalho da Guarda Municipal. Isto é, o nível geral de confiança na Guarda Municipal chega a 76,3% (confiam muito ou confiam razoavelmente). Este valor é superior à média nacional, estimada pela PNAD, de 60,6% (amostra representativa para o Brasil para pessoas com 15 anos ou mais que responderam que confiam ou confiam muito na Guarda Municipal em 2021).

Tabela 29: Confiança na Guarda Municipal, por sexo e faixa etária

	TOTAL	SEXO		FAIXA ETÁRIA			
		Masculino	Feminino	De 16 a 24 anos	De 25 a 39 anos	De 40 a 59 anos	Mais de 60 anos
% col.							
Confia muito	33,0%	36,6%	29,6%	24,3%	30,1%	37,0%	41,0%
Confia razoavelmente	43,3%	39,7%	46,7%	49,5%	45,9%	40,5%	36,5%
Confia pouco	14,9%	14,9%	14,8%	17,5%	13,6%	15,2%	13,7%
Não confia	7,1%	7,9%	6,3%	8,7%	8,6%	5,2%	5,9%
NS/NR	1,8%	0,9%	2,6%	0,1%	1,9%	2,1%	3,0%

Fonte: APPC – Consultoria e Pesquisa; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Sob breve exposto, considerando essa visão geral dos respondentes relativa ao trabalho da Guarda Municipal em Jundiá, cabe observar e analisar outros aspectos de forma mais profunda, mas dessa vez por região. De acordo com o levantamento de perfil dos respondentes, não se verificou diferenças relevantes por região em relação ao sexo dos respondentes. 48,7% das pessoas são do sexo masculino e 51,3% do sexo feminino. A maior diferença se deu na região do Centro, em que 45,2% dos respondentes foram do sexo masculino e 54,8% do sexo feminino. Em relação à faixa etária, verificamos que na região do Centro há uma menor proporção dos jovens (13,2%), em comparação com a média de pessoas de 16 a 24 anos na cidade (18,5%). Na região Nordeste também verificamos uma menor proporção (14,5% dos respondentes da região tinham de 16 a 24 anos na época da realização da pesquisa). Em compensação, os idosos acima de 60 anos estão mais presentes na região Central (30,7%), quase o dobro do que verificado na média da cidade (16,5%) - a região com a menor proporção de pessoas idosas é a

Noroeste, com apenas 12,7% dos seus habitantes acima de 60 anos. Na faixa etária de 25 a 39 anos, com exceção da região do Centro, em que 23,2% das pessoas possuíam essa faixa etária, todas as outras regiões possuem proporções próximas da média da cidade (32,6%). No caso da faixa etária de 40 a 59 anos, vale ressaltar a região Nordeste, em que 38,2% da sua população estava nessa faixa etária, acima da média da cidade (32,4%).

No que diz respeito a escolaridade, 1,3% dos respondentes da região Sul eram não escolarizados, na região Leste, o percentual é de 0,9%. A média da cidade é de 0,7%. No caso de analfabetos, a região Oeste se destaca pelo baixo percentual (0,9%) em relação à média da cidade (1,5%). No caso do Ensino Fundamental Incompleto, a região do Centro tem o menor percentual (8,3%), em comparação com a média da cidade (15,3%). Percebe-se que isso está em coerência com níveis mais altos de escolaridade, em que 12,3% dos respondentes da mesma região possuem Ensino Superior incompleto, acima da média da cidade (8,8%) e ensino superior completo também acima da média (13,5%), assim como pós-graduação (6,1%) - em média, apenas 3,1% dos respondentes da cidade possuem pós-graduação. A região Sul também possui uma proporção maior da sua população com pós-graduação do que a média (4,8%).

Quando verificamos a renda dos respondentes, presente na Tabela 6, percebemos que um percentual relevante da população da região Oeste não possui renda (2,2%), o dobro do verificado na cidade, em média, 1,1%. Uma das duas regiões em que possui, percentualmente, mais renda do que a média no que diz respeito à renda acima de 20 salários-mínimos (SM) é a região Sul. Percebe-se uma desigualdade relevante na região, já que também possui percentualmente mais pessoas que recebem até 1 SM (15,2% na região Sul e 11,8% na cidade). A região Noroeste também possui um percentual acima da média na faixa de até 1 SM (14,4%). Na faixa de 1 a 2 SM, vemos uma prevalência da região Leste (32,9%) em relação à média (28,6%); na faixa de 2 e 4 SM, há pouca diferença entre as regiões - essa é a faixa em que a maior parte da população está situada (34,5%).

Na faixa de 4 a 10 SM, o maior destaque é a região Nordeste, em que 21,9% da sua população tem esse valor como renda familiar mensal – na média, 15,4% da cidade está

situada nessa faixa. Por fim, na faixa de 10 a 20 SM, o destaque se dá na região central, em que 4,8% da sua população recebe esse valor, em contraposição com a região Nordeste, em que não há famílias que recebem essa faixa de renda mensalmente.

No que diz respeito à raça, vemos uma prevalência da raça branca na cidade (53,0%), o que é ainda mais evidente na região Nordeste (70,2%) e Norte (66,1%). A população autodeclarada preta na cidade foi de 10,2%; com percentuais menores nas duas regiões citadas acima. A raça parda é a segunda com maior presença na cidade (33,1%) - há diferenças relevantes, contudo, entre as regiões: 25,0% dos respondentes do Centro se autodeterminam enquanto pardos, 24,2% da região Norte e 25,4% da região Nordeste. No caso da raça amarela, o destaque se dá na região Oeste, em que 3% dos respondentes se declaram enquanto amarelos – a média na cidade é de 1,7%. No caso dos indígenas, vale ressaltar que não há nenhum respondente na região Norte.

Sobre as impressões a respeito da violência, 40% das pessoas que responderam à pesquisa indicam que perceberam um aumento da violência na cidade. Isso se dá de forma mais intensa na região Leste (44,7%), Nordeste (43,9%) e no Centro (43,9%). 8,9% indicam que a violência na cidade diminuiu – na região Noroeste o percentual foi de 10,9% e na região Nordeste, destaques, foi de 10,1%. Em relação à falta de percepção de mudança na violência na cidade, não verificamos grande diferença por região, próximos a média na cidade (44,6%).

Em relação à percepção da violência no Bairro/Comunidade onde você mora, a percepção foi de que, para 23,3% das pessoas, na média, aumentou. Na região do Centro, a percepção do aumento foi de 29,4%, na região Nordeste foi de 16,7%, bem abaixo da média da cidade, e na região Noroeste foi de 17,9%. O destaque para a diminuição da violência é a região Oeste, em que isso foi sentido acima da média da cidade (12,7% e na região foi de 17,4%). Em relação à percepção de que a violência permaneceu a mesma, o destaque foi a região Nordeste, em que 68,4% dos respondentes concordaram com a afirmação - a média da cidade foi de 61,0%.

Tabela 30: Percepção sobre a evolução da violência na cidade e no bairro, por região

	% col.	TOTAL	REGIÃO						
			CENTRO	NORTE	SUL	LESTE	OESTE	NOROESTE	NORDESTE
Você diria que, nos últimos 12 meses, a violência na sua CIDADE aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma?	Aumentou	40,0%	43,9%	41,0%	35,7%	44,7%	40,4%	38,0%	43,9%
	Diminuiu	8,9%	4,4%	8,4%	7,8%	8,8%	9,6%	10,9%	10,1%
	Permaneceu a mesma	44,6%	44,7%	45,8%	47,8%	43,4%	42,6%	44,5%	41,7%
	NS/NR	6,5%	7,0%	4,8%	8,7%	3,1%	7,4%	6,6%	4,4%
Você diria que, nos últimos 12 meses, a violência no BAIRRO OU COMUNIDADE ONDE VOCÊ MORA aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma?	Aumentou	23,3%	29,4%	24,7%	23,5%	26,8%	22,6%	17,9%	16,7%
	Diminuiu	12,7%	5,7%	9,3%	9,1%	10,1%	17,4%	16,6%	14,0%
	Permaneceu a mesma	61,0%	61,0%	64,8%	62,2%	62,3%	57,4%	61,1%	68,4%
	NS/NR	3,0%	3,9%	1,3%	5,2%	0,9%	2,6%	4,4%	0,9%

Fonte: APPC – Consultoria e Pesquisa; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Um aspecto que pode refletir diretamente nas impressões sobre a violência, são as experiências vivenciadas pelos respondentes. As quais puderam ser observadas por meio da seguinte questão: “Nos últimos 12 meses, você viu alguma dessas situações acontecendo no seu bairro ou comunidade?”. A fim de facilitar a compreensão, iremos listar abaixo os principais destaques em relação a cada uma das situações. Sobre a afirmação “Pessoas consumindo ou vendendo drogas ilegais na rua” a média da cidade foi de 36,6%, e o principal destaque foi a região Leste, em que 50,4% dos respondentes afirmam que essa situação ocorreu nos últimos 12 meses, em contraposição com a região Nordeste, em que 23,7% afirmam ter visto a situação no período. Em relação à “Pessoas brigando, agredindo-se fisicamente”, mais pessoas da região central viram a situação ocorrer (36,0%) e menos da região Nordeste (15,4%); a média da cidade foi 25,3%. Sobre crimes patrimoniais, perguntou-se sobre “Pessoas roubando ou furtando”, o que também foi verificado de forma mais presente na região do Centro (32,9%) e na região Leste (30,3%). A outra afirmação teve continuidade para a compreensão dos crimes patrimoniais: “Pessoas sendo assaltadas nas ruas da vizinhança”, a qual foi verificada por 17,2% das pessoas e, seguindo ao que foi sentido em relação às afirmações anteriores, a região Centro teve a maior prevalência: 24,6%.

A respeito da afirmação “Pessoas cobrando dinheiro para dar segurança”, verificou-se que a prática foi percebida por 16% das pessoas da cidade: o principal destaque é a

região Norte, em que 23,8% dos respondentes perceberam a prática nos últimos 12 meses; para a região Centro isso se deu para 21,1% dos respondentes.

Em relação à violência doméstica, questionou-se sobre “Mulheres que residem na sua vizinhança sendo agredidas por companheiros ou por parentes”, o que foi percebido por 15,8% em média na cidade – a menor percepção se deu na região Nordeste (6,1%) e a maior no Centro (21,5%).

Questionou-se também sobre “Pessoas quebrando janelas, pichando muros, fazendo arruaça ou destruindo equipamentos coletivos como orelhões, postes de luz, lixeiras”, o que foi visto por 15,5% na cidade – na região do Centro, o mesmo foi verificado por quase o dobro da população, em termos percentuais: 27,2%, e apenas 10,1% dos respondentes da região Nordeste tiveram a mesma percepção.

A respeito da percepção de “Pessoas andando com arma de fogo na rua que não fossem policiais em serviço” nos últimos 12 meses, em média, 9,3% dos respondentes indicaram terem vivenciado; há poucas diferenças por região, contudo, a que chama mais atenção é a região Noroeste, em que 6,6% das pessoas vivenciaram a situação. A respeito de “Pessoas conhecidas portando arma de fogo”, a região Nordeste se destaca, com 2,6%, em comparação a média de 6,7% na cidade. O mesmo ocorre com “Pessoas formando ou participando de gangues”, no qual teve 4,0% na média da cidade, e 0,9% no Nordeste – no outro extremo, 6,1% das pessoas indicaram terem vivenciado a situação na região Leste. Sobre “Pessoas sendo atacadas sexualmente”, a região do Centro indicou níveis maiores de vitimização, em que 6,1% dos respondentes indicaram ter visto a situação - esse valor foi de 3,7% no nível da cidade. Por fim, a respeito de “Pessoas sendo mortas por arma de fogo”, a média da cidade foi igual ao questionamento anterior (3,7%) e o maior destaque negativo foi de 5,7%, na região Oeste. A região Nordeste indicou 0,9%.

Tabela 31: Situações ocorridas no bairro ou comunidade, por região (% de respostas positivas por item)

% col.	TOTAL	REGIÃO						
		CENTRO	NORTE	SUL	LESTE	OESTE	NOROESTE	NORDESTE
Pessoas consumindo ou vendendo drogas ilegais na rua	36,6%	34,6%	38,8%	32,6%	50,4%	31,3%	39,3%	23,7%
Pessoas brigando, agredindo-se fisicamente	25,3%	36,0%	23,8%	23,0%	28,9%	26,1%	23,1%	15,4%
Pessoas roubando ou furtando	22,6%	32,9%	27,3%	19,6%	30,3%	19,1%	21,8%	11,0%
Pessoas sendo assaltadas nas ruas da vizinhança	17,2%	24,6%	19,4%	14,8%	21,9%	14,8%	18,8%	13,2%
Pessoas cobrando dinheiro para dar segurança	16,0%	21,1%	23,8%	16,5%	11,8%	14,3%	18,8%	11,4%
Mulheres que residem na sua vizinhança sendo agredidas por companheiros ou por parentes	15,8%	21,5%	15,0%	15,2%	18,0%	16,1%	14,4%	6,1%
Pessoas quebrando janelas, pichando muros, fazendo arruaça ou destruindo equipamentos coletivos como orelhões, postes de luz, lixeiras	15,5%	27,2%	14,1%	14,8%	16,2%	16,5%	12,7%	10,1%
Pessoas andando com arma de fogo na rua que não fossem policiais em serviço	9,3%	10,5%	7,5%	7,4%	11,8%	11,3%	6,6%	5,3%
Pessoas conhecidas portando arma de fogo	6,7%	8,8%	7,5%	5,2%	7,9%	7,8%	4,8%	2,6%
Pessoas formando ou participando de gangues	4,0%	5,3%	3,1%	1,3%	6,1%	5,2%	4,8%	0,9%
Pessoas sendo atacadas sexualmente	3,7%	6,1%	3,1%	2,6%	4,4%	4,8%	2,2%	1,8%
Pessoas sendo mortas por arma de fogo	3,7%	3,9%	4,4%	1,7%	3,9%	5,7%	1,7%	0,9%

Fonte: APPC – Consultoria e Pesquisa; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A separação por região, além da importância para a compreensão de possíveis desigualdades presentes, também pode ser um norteador para a atuação do município, para além do trabalho da Guarda. As políticas públicas, nesse sentido, podem ser elaboradas a partir do foco territorial e das demandas específicas presentes na localidade – ponto que será tratado com maior profundidade no Plano Municipal de Segurança Pública (próximos produtos deste contrato). A tabela abaixo apresenta as experiências e contatos com a GM por região.

Mais pessoas do Centro indicam terem solicitado informações a um Guarda Municipal (35,5%) do que a média da cidade (26,1%) - a população respondente da região Sul e Nordeste solicitaram menos informações do que as demais regiões. Em relação a ser parado em uma blitz da Guarda Municipal, verificamos pouca diferença entre as regiões, contudo, a região Central foi a que menos pessoas indicaram terem vivenciado a situação. O mesmo ocorre com ser revistado (13,2% na região central), em comparação com 19,3% na região Leste.

Em relação a ser abordado por profissionais para receber alguma orientação, verificamos que mais pessoas da região Oeste (14,8%) indicam terem vivenciado a situação do que as demais regiões (a média na cidade foi de 12,2%). Sobre a procura à GM para avisar sobre um acidente de trânsito, a região de maior destaque foi a Nordeste, em que 5,7% dos respondentes indicaram terem vivenciado a situação - a média da cidade foi de 10,2%. A experiência “Teve contato com a GM para resolver conflito entre vizinhos ou amigos” foi vivenciada por 8,8% dos respondentes – a maior vivência se deu na região do Centro, na qual foi pontuada por 13,6% dos respondentes.

Questionou-se, também, sobre a Guarda Municipal e sua relação com crimes. A primeira experiência diz respeito à procura pela instituição para ajudar alguma vítima de crime, na qual 7,6% dos respondentes, em média, indicaram terem vivenciado – a porcentagem cai, de forma expressiva, para 3,1% na região Norte e sobe para 11% na região Centro. A respeito de denúncias destinadas à GM, sem que o denunciante fosse a vítima, também se verifica uma diferença importante em termos regionais: 7,1%, em média, vivenciaram a situação, contudo, apenas 1,3% dos respondentes da região Norte. Por fim, em relação à “Procurou a Guarda Municipal por ter sido vítima de um crime”, 4,4% dos respondentes da região Nordeste indicaram vivenciar a situação e 8,7% da região Noroeste – a média na cidade foi de 6,5%.

Tabela 32: Experiências e contatos com a Guarda Municipal, por região

% col.	TOTAL	REGIÃO						
		CENTRO	NORTE	SUL	LESTE	OESTE	NOROESTE	NORDESTE
Solicitou informações a um Guarda Municipal	26,1%	35,5%	23,3%	21,7%	25,0%	31,3%	24,9%	21,9%
Foi parado numa blitz da Guarda Municipal	18,4%	15,4%	18,9%	17,8%	20,6%	17,4%	18,8%	20,2%
Foi revistado	17,7%	13,2%	17,6%	14,8%	19,3%	18,3%	21,4%	14,9%
Foi abordado por Guardas Municipais para receber alguma orientação	12,2%	9,2%	7,5%	13,0%	8,8%	14,8%	13,5%	13,2%
Procurou a Guarda Municipal para avisar sobre um acidente de trânsito	10,2%	14,5%	9,3%	11,7%	8,3%	9,1%	13,5%	5,7%
Teve contato com a Guarda Municipal para resolver algum conflito entre vizinhos ou amigos	8,8%	13,6%	6,2%	8,7%	9,2%	8,7%	10,0%	7,0%
Procurou a Guarda Municipal para ajudar alguma vítima de crime	7,6%	11,0%	3,1%	9,6%	4,8%	8,3%	10,0%	4,8%
Foi denunciar um crime à Guarda Municipal sem que você fosse a vítima	7,1%	7,5%	1,3%	6,5%	7,0%	9,1%	8,3%	5,3%
Procurou a Guarda Municipal por ter sido vítima de um crime	6,5%	7,9%	7,0%	6,1%	6,1%	6,1%	8,7%	4,4%

Fonte: APPC – Consultoria e Pesquisa; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

A partir do exposto, torna-se possível observar quais aspectos são mais evidentes em cada região, considerando as médias do município. Com relação ao Centro, pode-se verificar a maior presença da população de idade mais avançada, 30,7% são pessoas acima dos 60 anos. Na escolaridade, a região tem os maiores percentuais para os níveis de Ensino Superior incompleto, Ensino Superior completo e Pós-graduação (respectivamente, 12,3%, 21,5% e 6,1%, todos acima da média da cidade). No tocante à renda familiar mensal, chama atenção o percentual de 4,8% para a renda entre 10 e 20 SM, percentual superior à média do município (2,6%), do mesmo modo, reúne a maior quantidade de pessoas sem renda dentre as demais regiões - 1,8%, para a média de 1,1%. Em relação à raça, percebe-se que tem uma prevalência maior da população branca na região do que na média da cidade.

Dos respondentes da região, 43,9% avaliaram que houve um aumento da violência na cidade e 29,4% no bairro em que mora, maior percentual em relação às outras localidades. Ambos os índices estão acima da média do município - 40% e 23,3%, respectivamente. Nessa direção, observou-se a maior presença da percepção de crimes patrimoniais, considerando que 24,6% dos respondentes da região afirmaram já terem visto pessoas sendo assaltadas nas redondezas, assim como 32,9% já viu pessoas sendo roubadas ou furtadas na região. Novamente, índices elevados em comparação com a média de 17,2% e 22,6%. Em relação de “Pessoas quebrando janelas, pichando muros, fazendo arruaça ou destruindo equipamentos coletivos como orelhões, postes de luz, lixeiras”, também se verifica níveis elevados: 27,2% em comparação à média de 15,5%.

Tendo em vista esses quantitativos, cabe observar como se dá a avaliação da presença da Guarda Municipal no Centro. 77,6% dos respondentes da região costumam ver a Guarda pelas ruas do bairro, maior percentual dentre todas as regiões. 29,8% consideram a GM como muito eficiente, índice superior à média da cidade – 26,4%. Sobre as situações de contato com a instituição, a região foi a que mais solicitou informações com a Guarda (35,5%, para a média de 26,1%). Outro fator relevante é que o Centro foi a região que registrou o maior percentual de procura da Guarda para ajudar alguma vítima de crime (11%, para a média de 7,6%).

Diferentemente do Centro, a região Norte não teve muitos índices que fujam da média do município. Alguns aspectos socioeconômicos que valem destacar, é que a região concentra a segunda maior população autodeclarada branca da cidade, 66,1% para a média de 53%, como também reúne o segundo maior agrupamento de renda mensal familiar entre 4 e 10 salários-mínimos, 18,9% para a média de 15,4%. No que diz respeito à Guarda Municipal, para os residentes, há uma menor presença da Guarda na região (35,2%, com a média de 31,5%).

Na região Sul, os percentuais também não fogem muito da média, em especial quando considera-se os índices relacionados à Guarda Municipal. No tocante a percepção da violência, vale destacar que os respondentes da região avaliam que a violência permaneceu a mesma na cidade no último ano (47,8%), sendo o maior percentual dentre as demais regiões, para uma média de 44,6%. Com relação aos dados socioeconômicos, pode-se observar que na região alguns aspectos de desigualdade, considerando que é uma das duas regiões que possui a renda acima de 20 SM (1,3%) superior à média do município - 0,9%, ao mesmo tempo que concentra o maior percentual de pessoas com renda de até 1 salário-mínimo (15,2%, para a média de 11,8%). Da mesma forma, reúne a maior quantidade de pessoas não escolarizadas (1,3%, para a média de 0,7%) e o segundo maior índice do município de residentes com pós-graduação (4,8%, para média de 3,1%).

Na região Leste, há um maior equilíbrio relativo à renda, considerando que a renda mensal de 1 a 2 salários-mínimos é a que prepondera (32,9%), sendo o maior percentual da cidade. A região também registrou a maior percepção do aumento da violência nos últimos 12 meses, 44,7% para a média de 40%. E o segundo maior aumento da violência no bairro ou comunidade de moradia (26,8%). Para residentes das outras regiões que possuem medo de frequentar outros bairros da cidade, na região Leste está localizado dois dos bairros que as pessoas têm mais receio de visitar, o São Camilo e o Tamoio, fator que demonstra um possível processo de estigmatização da região.

No que diz respeito às experiências com a violência, a Leste registrou o maior percentual para a situação de consumo e venda de drogas ilegais na rua, 50,4% em comparação

com a média de 36,6% da cidade. Outra situação que se destaca é o roubo e furto com 30,3%, segundo maior índice dentre as demais regiões.

Sobre a relação dos respondentes com a Guarda Municipal, a região registrou o maior índice de não acreditar haver um tratamento igual da GM, no caso para os residentes da Leste em comparação com restante da cidade – 36,8% para a média de 27,3%. Nessa direção, os residentes destacam que duas das situações em que teve maior contato com a Guarda foram: parado numa blitz (20,6% - média de 18,4%) e ocasiões de revista (19,3% - média de 17,7%). Esses aspectos acabam por demonstrar que, possivelmente, há um processo de estigmatização da região também por parte da Guarda Municipal.

Na região Oeste, cabe destacar que 2,2% da população não possui renda, sendo este valor o dobro da média da cidade, 1,1%. Vale ressaltar, também, que houve o registro da maior percepção de que a violência nos bairros e comunidade diminuiu nos últimos 12 meses (17,4%, para a média de 12,7%). Com relação à Guarda, registrou-se o maior percentual para a presença da GM nas ruas dos bairros da região (35,7%).

Com relação à região Noroeste, cabe salientar os índices relacionados às experiências com a Guarda Municipal. Os residentes da região são os que mais observam a presença da Guarda nas ruas da cidade (86,9%, para média de 83,3%). A região também registrou o maior índice de confiança na Guarda (39,3%), assim como um dos maiores percentuais positivos de eficiência, fatores que demonstram uma boa avaliação da Guarda na região. As situações de maior contato com a instituição foram para obtenção de informações (24,9%) e em momentos de revista (21,4%), maior percentual dentre as demais localidades.

Por fim, a região Nordeste, concentra o maior índice de pessoas autodeclaradas brancas do município (70,2%, para média de 53%), assim como reúne o maior percentual de renda entre 4 e 10 salários-mínimos (21,9%, para média de 15,4%). A faixa etária preponderante da região é 40 a 59 anos (38,2%), sendo a mais elevada da cidade.

Sobre as experiências com a violência, a região registrou um dos maiores índices de percepção do aumento da violência na cidade (43,9%), em contrapartida, o menor percentual para o aumento nos próprios bairros (16,7%, menor valor do município, com

média de 23,3%). A percepção de que a violência permaneceu a mesma na região também foi a mais elevada (68,4%, para média de 61%). Das situações ocorridas na região, cabe destacar que os residentes do Nordeste registraram os menores índices da cidade para as seguintes situações ocorridas na vizinhança: consumo e venda de drogas ilegais (23,7%, média de 36,6%), brigas e agressões físicas (15,4%, média de 25,3%) e roubo ou furto (11%, média de 22,6%).

Com relação ao trabalho da Guarda Municipal, a região Nordeste foi a que melhor avaliou a eficiência da instituição, considerando os índices de muita e razoável eficiência, que somam 83,6%. O mesmo ocorre no quesito confiança, sendo assim a região que mais confia na Guarda, tendo em vista os percentuais de muita e razoável confiança, que somados resultam em 82,5%.

Torna-se evidente que a atuação municipal é percebida de forma desigual nas regiões da cidade – a própria avaliação a respeito da Guarda demonstra que a presença não é sentida de forma homogênea, tanto pelas necessidades específicas quanto pelas possíveis ausências em algumas localidades.

Conclusões preliminares

É importante ressaltar que este Produto 2 apresentou a primeira dimensão do diagnóstico acerca da situação da violência, da criminalidade e da segurança pública em Jundiaí, utilizando-se de dados secundários, sobretudo os dados oficiais da Secretaria Estadual de Segurança Pública e os dados fornecidos pela Guarda Municipal, e também as informações produzidas pelo *survey* com os moradores do município. Este diagnóstico, no entanto, será complementado pelo Produto 3, o qual enfocará sobretudo diferentes aspectos do levantamento realizado acerca da política pública atualmente desenvolvida no município na área de segurança e áreas correlatas, assim como as perspectivas dos gestores públicos acerca dos principais problemas a serem enfrentados. Desta forma, o diagnóstico completo será finalizado por meio da integração entre os Produtos 2 e 3 deste Contrato.

A partir do exposto neste Produto 2, foi possível demonstrar que os níveis de criminalidade em Jundiaí, em grande medida, estão alinhados com a média estadual, com algumas nuances ou exceções. As taxas de homicídio doloso, tentativa de homicídio doloso, homicídio culposo, roubos, furtos estão bastante próximas às taxas paulistas e inferiores às nacionais. Já os crimes de roubo de carga, estupro e furto necessitam de maior atenção por parte da gestão municipal, pois indicam tendência de crescimento que precisam ser melhor compreendidas e acompanhadas. Já com relação aos crimes de roubo e furto de veículo, que apresentaram taxas significativamente abaixo das médias estaduais, seria importante que a gestão municipal se dedicasse a periodicamente compreender os fatores determinantes para este cenário, de modo a avaliar eventuais efeitos de políticas implementadas em nível municipal, além e outros possíveis fatores explicativos no contexto de Jundiaí.

O cruzamento entre os dados de atendimentos da Guarda e os dados oficiais do estado indicam que, para que a gestão tenha uma melhor compreensão acerca das tendências criminais de Jundiaí, é necessário um acompanhamento periódico dos números disponibilizados pela SSP. Os tipos de atendimento realizados pela GM correspondem a apenas a uma parte das ocorrências criminais do município e seu monitoramento pode contribuir com um melhor direcionamento das ações da GM, além de uma compreensão

mais completa do cenário municipal para identificação de prioridades de ação. Além disso, foi possível perceber, tomando como base os casos de agressão física e ameaça identificados pelo *survey*, que Jundiaí segue o padrão nacional para procura de órgãos de segurança pública em caso de situações de violência, com predomínio do acionamento da Polícia Militar, seguido pela Polícia Civil, em proporções bem superiores ao acionamento da Guarda.

Acerca da percepção da violência no município de Jundiaí, assim como sua relação com a atividade desempenhada pela Guarda Municipal, tanto nos registros de suas ações quanto na percepção dos residentes da cidade a respeito da instituição.

No tocante à sensação de insegurança e percepção da violência, vale destacar que, como mencionado, a degradação física e social dos locais acaba por afetar a avaliação da tendência criminal e da percepção de insegurança, demonstrando uma necessidade de ações em conjunto realizada pela prefeitura para mudança do cenário.

Para além da dimensão física, os aspectos que mais demonstraram afetar negativamente a avaliação da segurança dos respondentes, é a presença de crimes patrimoniais, como roubos e furtos, e também a venda e consumo de drogas. O impacto dessas presenças pode ser observado tanto na avaliação de um crescimento da violência nos últimos tempos, quanto no medo de se frequentar os alguns bairros da cidade, como São Camilo, Tamoio, Vila Ana, Nambi, FEPASA, Tarumã e Centro. Nesse ponto, cabe destacar o receio elevado que os residentes de outras regiões têm de frequentar os bairros da região Leste, em especial o São Camilo, considerando que a região registrou o maior percentual de consumo e venda de drogas ilegais na rua e um alto índice de roubo e furto, de acordo com as respostas dos moradores. Importante ainda considerar a necessidade de a gestão municipal enveredar esforços multisetoriais para enfrentar o estigma social enfrentado por alguns bairros considerados perigosos e evitados, como o São Camilo ou a Ponte São João.

Dessa forma, cabe refletir sobre qual papel vem sendo desempenhado pela Guarda Municipal nessas situações. Segundo dados disponibilizados pela GM do município, pode-se observar a constância de sua presença nas ruas da cidade, com um grande envolvimento em inúmeras atividades. Ainda é difícil, contudo, mensurar seu impacto

na sensação de segurança do município, assim como na contenção da criminalidade local. Como mencionado anteriormente, as estatísticas da Guarda alcançam apenas uma pequena quantidade de crimes ocorridos no município, demonstrando a necessidade do acesso às informações criminais presentes nas bases estaduais, o que possibilitaria uma observação ampla sobre a incidência e ocorrências de crimes na cidade.

Nessa direção, considerando os resultados da pesquisa junto aos moradores da cidade, vale destacar a associação positiva e significativa entre a avaliação do aumento de violência na cidade e o acionamento da Guarda Municipal pelos residentes. Em outras palavras, o contato ativo com a Guarda tende a ser maior em situações que configuram um aumento da violência, demonstrando uma recorrência à instituição. Ponto que indica a necessidade de se observar e monitorar mais sistematicamente as atividades desempenhadas pela GM, tendo em vista que a instituição impacta na sensação de segurança dos residentes da cidade. De modo que, com relação à atuação da Guarda na resolução de problemas de violência na cidade, 26,4% dos respondentes indicaram a GM como muito eficiente e 51,4% como razoavelmente eficiente. Na mesma linha, 33% da população sinalizou confiar muito no serviço da Guarda e 43,3% confiar razoavelmente. Índices que demonstram, num geral, uma boa avaliação da atuação da instituição no município.

A atuação na cidade, assim, pode ser realizada com alguns focos locais, de forma a dar conta das demandas e das distorções locais em relação à violência e a atuação da Guarda Municipal. Nesse sentido, cabe avaliar em quais regiões foram percebidas uma menor presença da Guarda, como as regiões Oeste (35,7%), Norte (35,2%) e Leste (31,1%). O mesmo vale para o tratamento igualitário dispensado pela GM, considerando que os respondentes dessas mesmas regiões, ao lado da Noroeste, acreditam não haver uma abordagem igualitária por parte da GM para todos os residentes da cidade. Dessa forma, a atuação focalizada pode colaborar para diminuir essas distorções.

No seguimento das atividades deste contrato, teremos a complementação do diagnóstico geral por meio do Produto 3, que trará a análise do plano de segurança pública de Jundiaí elaborado em 2006, o levantamento das políticas públicas conectadas direta ou indiretamente com a área de segurança pública no município, assim como as percepções de gestores públicos sobre os principais problemas a serem enfrentados, e, por fim, uma proposta preliminar de atualização do plano de segurança pública para o município de Jundiaí.